

REVISTA EDIÇÃO Nº 121 | JULHO DE 2025

CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

10
anos

ESPECIAL
Clarice Lispector

E MAIS: CONTOS, CRÔNICAS, POEMAS
ENTREVISTAS E DICAS PARA LEITURA



ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

SOBRE A REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Com frequência mensal e com mais de 1 milhão de seguidores somados em suas redes sociais Facebook e Instagram, a Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Clarice Lispector - Ilustração



6

CLARICE LISPECTOR

Nascida em 10 de dezembro de 1920, na Ucrânia, Clarice chegou ao Brasil ainda bebê, fugindo com a família dos horrores da Primeira Guerra Mundial e dos [...]

Confira + na **pág. 06**

SAIBA +

Para baixar nossas edições anteriores: [clique aqui](#)

Layout da capa, organização e arte interna: Ademir Pascale

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: [clique aqui](#)

EX
PE
DI
EN
TE

Ademir Pascale
Editor-Chefe
ademir@divulgalivros.org

Elenir Alves
Assessora de Imprensa
elenir@cranik.com

ISSN: 2448-1068

CONTATO E REDES SOCIAIS



Facebook 1: [@conexaoliteratura](#)
Facebook 2: [@conexaogramatica](#)
Instagram: [@revistaconexaoliteratura](#)
Youtube: [@conexaonerd](#)



E-mail: ademir@divulgalivros.org
Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br



Índice

Expediente, pág. 02

Editorial, pág. 04

Patrocinadores da Revista Conexão Literatura, pág. 05

Especial: 10 anos de Conexão Literatura e uma homenagem a Clarice Lispector, pág. 06

Breviário de José Cândido de Carvalho, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 10

Poema: Sinais que insistem, por Sellma Luanny, pág. 16

Poema: Minha música, por Marilu F Queiroz, pág. 18

Existir é um perpétuo se fazer, por Rob Alme, pág. 19

Poema: Poente da Lua, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 26

Poema: Meu hino ancestral (A canção de Maruca Puri), por Clarissa Xavier Machado, pág. 28

Série Garças Brancas e Eu, por Sellma Luanny, pág. 32

Dicas para leitura, pág. 37

Trechos do livro D. e o Procurador, do autor Fauno Mendonça, pág. 38

Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 41

Poema: Dia 2, por Jaff Silva, pág. 47

A última vez que..., por Andrea Villa-Lobos, pág. 49

As voltas que a vida dá e os encontros que ela traz, por Sandra de Castro Profeta, pág. 53

Poemas de Sandra de Castro Profeta, pág. 55

SARBLLIS, por Flavio Joppert, pág. 59

Positividade Tóxica X Positividade Saudável X Pessimismo - Competição & Falta de Suporte nos Relacionamentos, por Barbie DOG, pág. 65

Engolindo as palavras, por Mônica Palacios, pág. 70

Entrevista com Aliria Silva, pág. 73

Entrevista com Luis Marcelo Santos, pág. 79

Entrevista com Wagner de Wahnfried, pág. 85

Entrevista com Rafael Nogueira Fernandes, pág. 89

Entrevista com Leny Pimenta, pág. 93

Citações de grandes autores, pág. 100

Conto: Um livro esquecido que caiu em mãos erradas, por Roberto Mollero, pág. 104

Conto: A batalha das botas, por Carlos Hagabê Godoy, pág. 110

Conto: Quinha, por Lucas José da Silva, pág. 114

Conto: O bilhete, por Moira, pág. 117

Conto: Papagaio, por Idicampos, pág. 120

Conto: Dia doze?, por Luciana Simon de Paula Leite, pág. 126

Conto: Melodia das estrelas, por Mí Santiago, pág. 131

Conto: O desejo do coração, por Ney Alencar, pág. 135

Conto: Aquela noite entre o mar e as estrelas, por Roberto Schima, pág. 141

Baixe as edições anteriores: pág. 153

Colecione, pág. 155

Mídia Kit, pág. 158

Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 159

EDITORIAL

Edição 121 - Julho/2025

Julho marca os 10 anos da Revista Conexão Literatura — uma década dedicada à promoção da leitura, valorização de autores e divulgação cultural. O que começou como um projeto independente se tornou referência nacional no meio literário. A cada edição, buscamos conectar leitores e escritores por meio de entrevistas, contos, poemas, matérias e descobertas.

Nesta edição comemorativa, homenageamos Clarice Lispector, uma das maiores vozes da literatura brasileira.

Agradeço profundamente a todos que caminharam conosco: leitores, autores, colaboradores, patrocinadores e apoiadores.

Sem vocês, essa história não teria sido escrita e seguimos firmes, com o mesmo amor e entusiasmo do início.

Obrigado por fazer parte desta jornada literária.

Vamos em frente — com palavras, paixão e conexão.



Saiba mais

Para saber como participar da nossa edição de agosto/2025, seja com conto, crônica, poema, ensaios ou mesmo divulgando o seu livro ou editora: clique aqui.

Boa leitura e até a próxima!

Ademir Pascale
Editor-Chefe

E-mail: ademir@divulgalivros.org



Visite nosso site

www.revistaconexaoliteratura.com.br

NOSSOS SINCEROS AGRADECIMENTOS AOS PATROCINADORES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Joaquim Cândido de Gouvêa

Instagram: @joaquimgouvea_



Casa Brasileira de Livros

www.casabrasileiradelivros.com



Roberto Schima

Leia seus textos no site da
Revista Conexão Literatura:
<https://encurtador.com.br/ax5Gt>



Luciana Simon de Paula Leite

Instagram: @lucianasimonleite



Mirian Menezes

Escritora Independente
Seus livros podem ser
adquiridos pelo link:
encurtador.com.br/igdpn



Gilmar Duarte Rocha

www.gilmarduarterocha.com.br
Instagram: @gilmarduarterocha



Clarissa Xavier Machado

Instagram: @clarissaxmachado



Diego N. S. Niet

Instagram: @diegonsniet
Conheça o livro *Berenice e o mundo secreto de Brynjolf*:
encurtador.com.br/xHye8

APOIE A NOSSA CAUSA DE INCENTIVO À LEITURA E FAÇA PARTE DESSE TIME.
SAIBA COMO:

clique aqui



Revista Conexão Literatura – 10 Anos de Histórias e uma Homenagem a Clarice Lispector

REVISTA CONEXÃO LITERATURA - JULHO/2025

POR ADEMIR PASCAL

"Além dos romances e contos, Clarice também brilhou como cronista. Seus textos semanais nos jornais cariocas abordavam desde o cotidiano doméstico até reflexões existenciais, sempre com sua linguagem lírica e profunda. [...]"

Ela escreveu para existir, para compreender o mundo e a si mesma — por isso que sua obra permanece atual e provocativa.

Julho chegou trazendo uma data muito especial: a Revista Conexão Literatura completa 10 anos de existência. Uma década de dedicação, amor pela literatura e conexão com leitores e escritores de todos os cantos do Brasil — e também do exterior.

Quando iniciei este projeto, em 2015, não imaginava o quanto ele ganharia força ao longo dos anos. Tudo começou com o desejo de criar um espaço democrático, onde a literatura pudesse ser valorizada, debatida e celebrada. Hoje, ao olhar para trás, vejo quantos autores incríveis passaram por nossas páginas, quantas entrevistas marcantes, contos emocionantes e matérias inspiradoras conseguimos compartilhar com nosso público.

Sou imensamente grato a cada leitor que nos acompanha, que lê nossas edições, que compartilha nosso conteúdo e nos motiva a continuar. Sem vocês, nada disso faria sentido. Também quero agradecer de forma especial a todos os escritores e escritoras que já participaram da revista, emprestando seu talento e suas palavras para que cada edição se tornasse única. Alguns nomes se tornaram presença constante, verdadeiros parceiros que abraçaram o projeto desde os primeiros números e seguem conosco até hoje.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Revista Conexão Literatura – 10 Anos de Histórias e uma Homenagem a Clarice Lispector

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Livro: A Hora da Estrela, Clarice Lispector - Editora Rocco

Aos nossos colaboradores e colunistas, meu sincero agradecimento. Vocês são peças fundamentais na engrenagem da revista. Seja com artigos, entrevistas, poemas ou indicações de leitura, cada contribuição representa o que temos de melhor: diversidade e qualidade literária. Também agradeço aos nossos patrocinadores e apoiadores, que acreditam no projeto e tornam possível sua continuidade.

Para celebrar essa importante marca de uma década, nada mais justo do que prestar homenagem a uma das maiores vozes da literatura brasileira: **Clarice Lispector**. Uma autora cuja obra segue viva, sendo lida, estudada, relida e sentida com intensidade por leitores de todas as idades.

Nascida em 10 de dezembro de 1920, na Ucrânia, Clarice chegou ao Brasil ainda bebê, fugindo com a família dos horrores da Primeira Guerra Mundial e dos pogroms (destruição maciça) contra judeus no Leste Europeu. Cresceu em Recife e, mais tarde, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se formou em Direito, trabalhou como jornalista e construiu sua carreira como escritora.

Desde sua estreia, com *Perto do Coração Selvagem*, em 1943, Clarice chamou atenção por sua escrita ousada, que fugia dos padrões tradicionais da narrativa. Com uma linguagem introspectiva, filosófica e ao mesmo tempo sensorial, ela criou um estilo próprio, quase inclassificável, que mergulha no inconsciente de seus personagens. Em sua obra, o foco não é o que acontece, mas o que se sente — os pensamentos, as percepções, as epifanias silenciosas.

Livros como *A Paixão Segundo G.H.*, *Água Viva*, *Laços de Família*, *Felicidade Clandestina* e *A Hora da Estrela* são considerados marcos da literatura brasileira. Neste último, publicado pouco antes de sua morte, em 1977, Clarice criou uma das personagens mais comoventes da ficção nacional: Macabéa, uma jovem nordestina invisível aos olhos do mundo, mas revelada com extrema humanidade por uma narradora que também questiona a si mesma e ao ato de escrever.

Além dos romances e contos, Clarice também brilhou como cronista. Seus textos semanais nos jornais cariocas abordavam desde o cotidiano doméstico até reflexões existenciais, sempre com sua linguagem lírica e profunda. Era capaz de transformar o simples gesto de tomar um café ou observar uma criança em um momento poético de revelação.

Clarice dizia que “escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador.” Ela escreveu para existir, para compreender o mundo e a si mesma — e é por isso que sua obra permanece atual, provocativa, intensa.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Revista Conexão Literatura – 10 Anos de Histórias e uma Homenagem a Clarice Lispector

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Entre suas muitas frases marcantes, uma se destaca como um retrato de sua busca constante:

“Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome.”

Clarice Lispector



Essa é Clarice Lispector: inquieta, única, profunda. Sua presença nesta edição de 10 anos da Revista Conexão Literatura é uma homenagem a tudo o que ela representa – não apenas para a literatura, mas para a sensibilidade humana.

Celebrar Clarice é também reafirmar o compromisso da revista com a arte, com a palavra e com todos os que acreditam que a literatura transforma. Que venham mais décadas de histórias, autores, ideias e conexões. E que Clarice continue nos inspirando a ir além do que pode ser nomeado.

SOBRE ADEMIR PASCALE

Paulista, escritor e ativista cultural, casado com a publicitária Elenir Alves e pai de dois meninos. Criador e Editor da Revista Conexão Literatura (<https://www.revistaconexaoliteratura.com.br>) e colunista da Revista Projeto AutoEstima (<http://www.revistaprojetoautoestima.com.br>). Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro). Já foi Educador Social e também trabalhou por 18 anos no setor de Inclusão Digital na Cidade de S. Paulo, numa rede de solidariedade que desenvolve ações de promoção da vida em várias partes do país e do mundo, um trabalho desenvolvido para pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social. Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Publicou ao lado de Pedro Bandeira no livro “Nouvelles du Brésil” (França), com xilogravuras de José Costa Leite. Autor dos romances “Jornal em São Camilo da Maré” e “O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe”. Entre a organização de suas antologias, estão os títulos “O Legado de Edgar Allan Poe”, “Histórias Para Ler e Morrer de Medo”, “Contos e Poemas Assombrosos” e outras. Escreveu a introdução do livro “Bloody Mary – Lendas Inglesas” (Ed. Dark Books). Contato: ademirpascale@gmail.com



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

"– O maior engano da humanidade – disse a Avó Sumaúma para Esmeralda – foi confundir a paisagem da floresta com ignorância. Quando na verdade somos a encarnação do sonho e da onisciência."

LANÇAMENTO

Testamento da Samaúna, de Gabriel Figueiraes

em

**OFERTA ESPECIAL
de PRÉ-VENDA!**



De
R\$ ~~54,90~~

Por
R\$ **45,90**

+ frete grátis para todo o Brasil

Saiba mais em:

www.casabrasileiradelivros.com/testamento-da-sumauma

BREVIÁRIO DE JOSÉ CÂNDIDO DE CARVALHO

POR GILMAR DUARTE ROCHA



Dia desses, arrumando a minha modesta biblioteca, resolvi dar mais atenção às produções literárias brasileiras, que acomodo aleatoriamente na parte baixa da estante, dado o constante movimento de entra e sai de livros. Mexendo na parte subalterna da última prateleira, resgatei um livro antigo que trouxe na minha bagagem de mudança de Salvador para Brasília, há mais de vinte anos. Era o romance *O coronel e o lobisomem*, edição José Olympio, 1985, do autor fluminense José Cândido de Carvalho.

Essa obra, originalmente publicada em 1964, é brilhante, inusual e inusitada para o padrão de romance da escola modernista brasileira. Carrega em suas páginas toda a verve de José Cândido; a sua irreverência, picardia, inventividade, sarcasmo e genialidade. O livro conta a história do coronel de patente (como o próprio personagem se apresenta) Ponciano de Azeredo Furtado que se muda da roça para a cidade e leva consigo todo o seu universo provinciano: os costumes rudes e às vezes grosseiros; a fanfarronice crônica; o tratamento burlesco às pessoas e, sobretudo, a mania de contar histórias picarescas, como a luta bizarra com uma onça brava e, até mesmo, o enfrentamento contra um lobisomem em carne, osso, garras afiadas e papo furado. Essa composição literária teve reconhecimento imediato da crítica, recebendo diversos elogios:

“Romance que é uma obra-prima”, de Rachel de Queiroz e Ariano Suassuna.

“Não hesito em colocar O coronel e o lobisomem entre os melhores romances de todos os tempos”, de Érico Veríssimo.

“É da mais alta qualidade literária, combinando o realismo dos costumes rústicos, muito bem observados, com uma penetração psicológica que o coloca entre os dois tipos de romance — o objetivo e o subjetivo...”, de Alceu de Amoroso Lima.

José Cândido de Carvalho, nascido em Campos dos Goytacazes, em 05/08/1914, foi o quinto ocupante da cadeira XXXI da Academia Brasileira de Letras, sendo recebido por seu amigo Herberto Sales, na sucessão da vaga do poeta Cassiano Ricardo.

J.C.C era filho de imigrantes portugueses, o comerciante Bonifácio de Carvalho e Maria Cândido de Carvalho, que se fixaram no norte do estado do Rio de Janeiro, na região de Campos de Goytacazes. Aos oito anos, por doença do pai, veio morar algum tempo no Rio de Janeiro, onde guardou lembranças memoráveis do então Distrito Federal, com toda a sua efervescência dos anos 1920, das exposições internacionais, dos eventos culturais e, principalmente, dos jornalistas e escritores que fervilhavam nas ruas da cidade feérica.

Voltou a Campos tempo depois onde continuou os estudos em escolas públicas. Nas férias, trabalhava como ajudante de farmacêutico, cobrador de uma firma de aguardente e trabalhador de uma usina de açúcar.

Com a deflagração da Revolução de 30, José Cândido trocou o comércio pelo jornal, dando início a atividade de jornalista, inicialmente como revisor do jornal *O Liberal*. Entre 1930 e 1939, exerceu funções de redator e colaborador em diversos periódicos de Campos, como a *Folha do Comércio*, onde conheceu um dos mais talentosos jornalistas de

sua geração, Raimundo Magalhães Júnior; *O Dia*, no qual passou a comentar a política internacional, e ainda a *Gazeta do Povo* e o *Monitor Campista*. Admirador dos escritores do novo romance regionalista, em especial Rachel de Queirós e José Lins do Rego, começou a escrever, em 1936, o romance *Olha para o céu, Frederico!*, publicado em 1939, pela Editora Vecchi. Concluiu os seus estudos de segundo grau no Liceu de Humanidades de Campos e foi para o Rio de Janeiro estudar e conquistar o diploma de bacharel em Direito, em 1937, pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.

Passou a morar no Rio, em Santa Teresa, ingressando na redação de *A Noite*, um jornal de quatro edições diárias. Como funcionário público, conseguiu um cargo de redator no Departamento Nacional do Café, mas ali ficou por pouco tempo. Em 1942, Amaral Peixoto, então interventor no Estado do Rio, convidou-o a trabalhar em Niterói, para assumir a redação do jornal *O Estado*, um dos grandes diários fluminense, lugar onde também passa a residir. Com o desaparecimento de *A Noite*, em 1957, vai chefiar o copidesque de *O Cruzeiro* e dirigir, a edição internacional dessa revista de projeção nacional, substituindo Odilo Costa, filho.

Vinte e cinco anos depois de ter publicado o seu primeiro romance, José Cândido de Carvalho lança, em 1964, pela editora vinculada ao semanário *O Cruzeiro*, o romance *O coronel e o lobisomem*, obra-prima da ficção brasileira, que obteve enorme sucesso, conforme já comentamos aqui. A publicação de sua *magnum opus* rendeu-lhe projeção nacional, com seguidas edições, assim como internacional, tendo sido lançada em Portugal e traduzida para o francês, o inglês, o alemão e o espanhol. Amealhou o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, o Prêmio Coelho Neto, da Academia Brasileira, e o Prêmio Luísa Cláudio de Sousa, do PEN Clube do Brasil.

A partir daí, a sua carreira literária deslanchou de vez, alternando a publicação de livros e artigos com funções públicas em caráter de nomeação, durante as próximas duas décadas.

José Cândido de Carvalho veio a falecer em Niterói, em 05 de agosto de 1989, deixando um precioso legado para a cultura nacional, com seus artigos e crônicas memoráveis, e os seus livros incisivos e despojados, sempre embasados de muita brasilidade e do espírito do povo da sua terra.

Além do clássico *O coronel e o lobisomem*, o escritor fluminense, publicou:

- Olha para o céu, Frederico! (1939);
- Por que Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon, contos reunidos (1970);
- Um ninho de mafagafes cheio de mafagafinhos – contos (1972);
- Ninguém mata o arco-íris – crônicas (1972);
- Manequinho e o anjo da procissão (1974);
- Se eu morrer, telefone para o céu – contos (1979);
- Notas de viagem ao Rio Negro (1984); e

- Os mágicos municipais (1984).

No discurso de posse de J.C.C. na ABL, Herberto Sales cita em certo trecho que o que o seu pai tinha o hábito de ler muito à noite, e ele, Herberto, curioso, sempre perguntava o que o seu pai estava lendo e se ele estava gostando do que lia:

— Uma pinoia — quase sempre o seu pai respondia. Certa noite, porém, ele notou que seu velho lia atentamente uma pequena brochura da capa amarela que ele havia recebido através do serviço de reembolso postal. Como sempre, Herberto fazia a pergunta habitual:

— Muito bom. Interessante — respondeu o seu pai, para sua surpresa. Depois o velho teceu comentário elogiosos à obra sem citar o nome do autor, para completa estupefação do filho. Após seu pai largar o livro em cima de uma mesinha e ter ido dormir, Herberto, curioso, acendeu a luz da lamparina e vislumbrou a capa do livro: “*Olha para o céu, Frederico!*”, José Cândido de Carvalho.



Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasileira de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.



Correspondências do fim do mundo

Do Autor Gilmar Duarte Rocha

Em 1939, às vésperas da II Grande Guerra, no interior de Santa Catarina, uma comunidade de descendentes de alemães recria a cultura da terra natal por meio da língua, de usos e costumes. Mas a ocorrência de assassinatos em série chama a atenção de um policial da capital do estado, que para lá se desloca e passa a investigar a influência criminoso da ideologia importada da Alemanha nazista sobre uma comunidade até então pacífica. Com uma narrativa densa e repleta de suspense, Gilmar Duarte Rocha oferece ao leitor o inverno glacial da Serra Catarinense como metáfora perfeita de um tempo sinistro, em que o ódio preponderou sobre a humanidade.



Disponível nas grandes plataformas de vendas

Amazon

<https://encurtador.com.br/Car4V>

Mercado Livre

<https://encurtador.com.br/DSRSw>



**SEU ANÚNCIO
AQUI**

*CLIQUE AQUI
E VEJA A OPÇÃO 2 E 3*



POR SELLMA LUANNY

Sinais Que Insistem

No meu intermitente vagar
pelas estações e Natureza...
vejo - quando privilegiada -,
animais e plantas, ao redor.

Nunca os mesmos, provável
- pela sua curta existência -
mas, a sinalizar, continuam.
E eu não entendo. Desculpem-me!

Insetos, pássaros, crustáceos,
anfíbios e até mamíferos - uma
abundância, parece, na minha
exiguidade e impermanência.

Seres de variáveis tamanhos
e cores, nadam pululam ou voam...
e eu, sempre ignorante... ante
o mistério e enlevo da sua beleza.

Com eles converso, mas na
minha frequência, não respondem...
Mas percebo que reagem - por
medo, precaução e até afronta...



Continuo a passar por eles... que
rapidamente, do meu caminho,
se retiram... e eles sinais, captam
- por me evitarem - e eu errante.

Os diálogos dos seres da Natureza,
em milênios de transformação, desaprendi.
Converso... ainda julgo que atinam...
mas, na insciência, eu, respeito... e sigo.

SOBRE SELLMA LUANNY:

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



A Minha Música

POR MARILU F QUEIROZ

A música que trago dentro de mim...
Me move, comove, descreve
recebe emoções, intuições, intenções.
Me faz treinar o desapego,
saúde e boa dose de caridade.
Essa música me faz dançar o seu ritmo.
Aparece em meus sonhos
some de dia e me faz ouvi-la de noite.

A música que trago dentro de mim...
É fantástica, entusiástica, elástica,
se estica de acordo com a conveniência,
aparente clemência na eminência
de se acabar bem antes de ouvi-la.
Mas se abro os olhos assim que termina...
Sonhos os meus sonhos passados
e sinto as dores de outrora.

A música que trago dentro de mim...
É imortal, me faz sorrir, abre meu coração
de modo fatal, questão da vida atual.
Se manifesta em meus pensamentos,
são fragmentos de vidas passadas.
Ela não se vai de forma usual ou imaterial.
Persiste, insiste e ainda assim existe
para me fazer sonhar e ser feliz!

Marilu F Queiroz é Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, SP. Aquarelista e escritora. Associada REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras. Livros: de contos, didático, dissertação sobre arte e textos em antologias e revistas no Brasil, EUA, França, Suíça e Itália.

POR ROB ALME

EXISTIR É UM PERPÉTUO SE FAZER



O rio que sou e o verbo que me habita

“Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois novas águas estão sempre fluindo sobre você.” Isso significa que nem o rio nem a pessoa são os mesmos em dois momentos distintos, uma vez que a realidade é um processo contínuo de transformação. Não há ser estático, apenas um constante vir-a-ser. (Heráclito de Éfeso)

Minha reflexão sobre a vida, essa que eu descrevo como um processo de constante transformação, retumba profundamente com o pensamento de Heráclito de Éfeso, o filósofo pré-socrático conhecido como “o obscuro”. Ele foi o grande defensor da ideia de que “tudo flui e nada permanece”, a não ser a própria mudança.

Heráclito usava a célebre metáfora do rio para ilustrar essa verdade fundamental da existência. Ele afirmava: “Não se pode banhar-se duas vezes no mesmo rio.” Essa frase, aparentemente simples, carrega para mim uma profundidade imensa. Uma vez que quando piso na água do rio pela primeira vez, ela já está fluindo, sendo substituída por novas águas no instante seguinte. E, mais do que isso, eu que piso no rio também não sou a mesma. Minhas células estão em constante renovação, meus pensamentos e sentimentos mudam a cada momento. Assim, tanto o rio quanto eu estamos em um eterno processo de transformação.

Para Heráclito, o movimento e a mudança constante não eram uma falha ou uma exceção, mas a própria estrutura da realidade, o que ele chamava de ‘**devir**’. Ele via o mundo como um fluxo incessante, onde os opostos estão em constante tensão e harmonia, como o dia e a noite, o frio e o quente, a vida e a morte. E, indubitavelmente, é essa tal ‘guerra’ de opostos, essa dinamicidade, que gera e sustenta tudo o que existe.

Meu próprio texto, percebo agora, captará essa essência heraclitiana ao descrever a vida como algo que ‘não se entrega pronta’, que ‘não se permite ser concluída’, e que nos força a ‘aceitar o intervalo’ e a “habitar o vazio”. Heráclito, eu sinto, sem prepotência nenhuma, concordaria que a ilusão de controle e a busca por uma estabilidade inatingível são fontes de sofrimento, pois a única constante é, de fato, a própria mudança.

Nesse sentido, viver é um verbo incompleto e que não existe ponto final. Só “vírgulas, reticências e recomeços” espelha a sabedoria de Heráclito: a vida não é um destino estático, mas uma jornada contínua de travessia e transformação. Tendo em vista que é na imperfeição e no inacabado que reside a verdadeira potência e a beleza da existência.

Então, poderíamos dizer, como Heráclito, que estamos sempre ‘chegando’, mas nunca ‘chegados’ por completo, ou melhor, somos feitos “do que passa, e do que permanece enquanto passa.”

A permanência como lei natural

“Aceite: não há estabilidade. Não há ponto final. Nem ponto de partida. Tudo pessoas, lugares, relações, certezas, nós somos matéria de impermanência.”

Há dias em que viver me parece uma espécie de gotejamento ininterrupto. Uma sucessão de instantes que nunca se fecham, nunca se encerram, nunca chegam, de fato, a ser. E é aí que reside o paradoxo: viver não é substantivo. Não é coisa. Não é lugar. Viver é verbo. Ou mais do que isso, um verbo na sua forma nominal mais cruel e bonita: o gerúndio - VIVENDO. Sempre no meio, sempre no enquanto, sempre no quase.

É notável, que a gente cresce acreditando que a vida é uma estrada com destinos claros, etapas bem definidas, placas bem colocadas: nascer, crescer, conquistar, ser feliz, encontrar sentido, como se tudo isso formasse uma linha reta, lógica, sólida. Todavia não demora muito para se perceber que isso é uma farsa elegante, uma ilusão socialmente aceita, visto que a gente caminha se achando.

A vida não se entrega pronta. Ela não se permite ser concluída. Ela não fecha ciclos por conta própria, somos nós, meio trôpegos, meio desesperados, que tentamos inventar fins para apaziguar a vertigem de não saber o que vem depois. É desconfortável aceitar que viver não se resolve. Que não há ponto final esperando na próxima esquina. E, no entanto, é exatamente essa impermanência que mantém tudo vivo.

O corpo muda, as certezas desmoronam, as relações se desfazem, o que hoje parece essencial, amanhã vira sombra, ruína, pó. E quando algo, ou alguém vai embora, não some só do lado de fora. Algo também morre por dentro. Uma espécie de dobra na carne. Um silêncio reflexivo que se instala. Um mapa que se rasga. E é aí, no meio dos escombros, que a vida, teimosa, começa de novo, sem pedir licença, sem aviso, sem cerimônia, porque a vida não é um estado, e sim uma travessia.

A arte de atravessar a impermanência e a ilusão do controle

Ademais, se há uma verdade que aprendi, é esta: não existe chão definitivo. Tudo o que você acredita possuir - afetos, certezas, lugares, papéis - é matéria provisória, frágil e finita. Feitos da mesma substância dos ventos.

Fomos mal ensinados, disseram que o viver acontecia lá na frente, quando desse certo, quando estivéssemos prontos, quando encontrássemos alguém, quando o trabalho estabilizasse, quando comprássemos um a casa, um carro, quando houvesse segurança. Balela! Viver nunca esteve lá, viver sempre esteve aqui, no intervalo entre uma perda e um recomeço, em uma linha diáfana entre o que se despede e o que ainda não chegou.

E sim, na verdade despida, dói. Dói perder, dói mudar, dói não saber. Entretanto negar essa dor é negar a própria vida, visto que viver não é sobre manter, é sobre atravessar. Quanto mais você tenta segurar, mais escapa. Quanto mais se esforça para prender, mais percebe que tudo é água, correnteza, areia entre os dedos. E que a impermanência não é falha, é uma estrutura. E quando você entende isso, algo muda, porque se não há estabilidade possível, então também não há fracasso em não

permanecer. Não há erro em mudar de rota, em se perder, em não saber. Não há falha em recomeçar.

O Inacabado como forma de existir

Se viver fosse completo, perderia a graça. É no inacabado que mora a beleza. É no imperfeito que mora a potência. É no que passa e permanece enquanto passa, onde mora o milagre de estar vivo.

Viver, no fundo, é aceitar ser obra aberta enquanto uma construção que nunca se conclui. É um é ser/estar sempre sujeito a reformas. E, sim, às vezes cansa. Por muitas vezes, tudo o que queremos é uma pausa no movimento, um lugar onde o tempo congele, onde as coisas fiquem. Mas isso não existe. Nem na natureza, nem na carne, nem na vida.

Lembra-se do que já foi dito? Aquilo sobre o rio que nunca para, a maré que nunca se estabiliza. O corpo que nunca é o mesmo. Nem você, nem eu, nem nada. E se tudo escapa, talvez a beleza do viver esteja exatamente na lista que sobrescrevo:

- Viver está naquilo que não se fixa.
- No instante que passa, porém deixa marca.
- Na palavra que não se conclui, mas reverbera.
- No abraço que termina, mas permanece no corpo como memória.
- É aprender a habitar o vão, o entre, o enquanto.
- Viver é aceitar o intervalo.

Porque, minha gente, se a vida fosse completa, se houvesse um ponto final que encerrasse tudo, perderia o seu próprio sentido. É o inacabado que nos mantém vivos, é o vazio que puxa o sopro, é o espaço entre uma nota e outra que faz nascer a melodia.

No fim, talvez seja isso: Viver não é chegar, é estar chegando, e, enquanto chega, ir sendo. Mesmo que nunca se chegue e seja por inteiro, uma vez que somos feitos do que passa e do que permanece enquanto passa. Assim, concordemos que viver é mesmo um verbo incompleto, que não se acomoda em prateleira. É imperfeito, é transitório, é inacabado. E, ironicamente, é justamente aí que mora sua completude.

Sem querer tornar-me repetitiva, a vida não é uma operação exata, ela não se resolve. Ela se atravessa. E nós? Nós seguimos... vivendo, incompletamente inteiros.

Impermanência, ciclos e a potência do recomeço

Vivemos cercados por uma ilusão cultural de que a vida é uma linha reta: traçamos metas, fazemos planos, desenhamos futuros, como se houvesse um mapa pré-definido, um caminho certo, seguro, garantido. Mas a realidade insiste em nos lembrar- de formas sutis ou abruptas - que esse mapa não existe. Essa incompletude não é erro, não é castigo. É simplesmente a regra do jogo, a própria natureza da existência. Este escrito propõe uma reflexão sobre a impermanência e os ciclos da vida, um convite a aceitar que viver não é alcançar um ponto final, mas aprender a habitar o movimento constante, o inacabado.

Afinal, por que nos angustia tanto a ideia de que tudo passa? Porque somos arrastados pelas frustrações e mais capazes de habitar o presente, por puro medo de atravessar ciclos, porque cada começo carrega, inevitavelmente, a semente de um fim. E, ao mesmo tempo, cada fim contém o germe de um novo começo. O grande desafio da vida não está apenas nos começos nem nos encerramentos, mas nos espaços entre eles - aqueles períodos de incerteza, de transição, de vazio. Quando algo nos falta experimentamos uma vertigem: “E agora?”. É nesse intervalo que mora a possibilidade do novo. Perder-se não é erro. Perder-se é condição, pois a vida não é uma estrada asfaltada, ela é mais parecida com um labirinto que se desvenda enquanto caminhamos, um mapa que se apaga e se refaz antes mesmo que a gente perceba.

“Você acha que pode segurar, prender, conservar? Pura ilusão. O mundo é um rio que nunca volta ao mesmo ponto, e você é gota que se mistura, que se dilui, que nunca se repete”.

Diante das perdas, dos vazios, das mudanças, uma pergunta se impõe: E se a fonte, agora, tiver que ser eu? Se por muito tempo buscamos fora, o que nos sustentaria, a impermanência nos convida a um movimento radical: voltar para dentro. Ser nossa própria casa. Nosso próprio centro. Nossa própria margem. E ainda, aceitar que viver é um verbo incompleto, não é um desistir, pelo contrário: é escolher habitar a vida de forma mais leve, mais honesta, mais presente. Porque somos, todos, obras em andamento. E estar perdido, às vezes, faz parte do caminho.

“Viver é perder-se, é cair. É despencar do mapa. É desfazer-se, é refazer-se. E se isso te assusta, que te assuste. Que te acorde. Que te rasgue, se for preciso.”

Talvez a arte de viver, nada mais seja que um mergulho nos vazios, nas perdas e na potência dos ciclos, onde aceitar o inacabado vira não só uma escolha, mas uma urgência. Afinal, a vida não vem com manual, nem com garantias. E, se há uma verdade que atravessa a existência de todos nós, é esta: tudo muda. Relações, trabalhos, fases, certezas... tudo é impermanente. Mas como aprender a viver quando nada parece durar? Este texto é um convite a olhar para os fins e perceber que, quase sempre, eles são só o começo de outra coisa.

Daí, então, viver é um risco, viver é travessia, é incerteza, é possibilidade. É entender que não existe ponto final. O caminho não existe. Você é quem o desenha:

enquanto anda, enquanto erra, enquanto tenta, porque aceitar a impermanência não é resignação. É liberdade.

“O rio segue seu curso, eterno no movimento, E a água que se vai, jamais será a mesma. Assim é a vida, em seu constante devir, Nunca presa à forma de ontem. Em cada instante, o novo se instaura, O passado distante, a memória reconfigura. No próprio corpo, o tempo modela, A cada pulso, a essência se redefine. Não há pausa, tudo em movimento perpétuo, Do átomo à estrela, essa é a lei que nos rege. A cada passo, um renascer sutil. E na mudança reside a própria vida, Pois existir é um perpétuo se fazer, Nesse fluxo eterno, a alma encontra seu destino.



(Rob Alme) Roberleide de Almeida Gonçalves, nascida em Candeias, Bahia, é uma mulher multifacetada, que une a paixão pela educação à sua profunda curiosidade intelectual. Casada e mãe, dedica-se à docência com entusiasmo, especializando-se em Linguística, com foco em semântica, morfologia e sintaxe. Enquanto Coordenadora Pedagógica, contribui ativamente para a formação de profissionais da educação.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

CONTOS E POEMAS NOTURNOS

VOL. VIII

E-BOOK

CONTOS E POEMAS

NOTURNOS

Histórias da Noite

*Ademir Pascale
organizador*

Selo Conexão Literatura

VOLUME
8

saiba mais: clique aqui

POENTE DA LUA

Por Mirian Menezes de Oliveira

Dispensei a madrugada de descanso,
ansiosa pelo "recolher" da Lua...
Olhos deitados no horizonte manso,
contemplando a noite finda; alma nua...

Entre as variações de brilho, o remanso...
"Chuva de prata" sobre a antiga rua.
Manhã chegando, em progressivo avanço,
transformando a noite em extensão sua.

Para além da simbiose, o grande amor;
aquele que ultrapassa a despedida.
Indissolúvel no tranquilo leito...

Fim, recomeço, chegada e partida...
Modelo de amor, por todos eleito...
"Nascer" e "morrer": os verbos da VIDA.



Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da UBE – União Brasileira de Escritores, dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

Tempo de recolher as folhas

Mirian Menezes de Oliveira



Apesar do processo intimista de organização, TEMPO DE RECOLHER AS FOLHAS não é autobiográfico, não possui fins “utilitários” e não é de autoajuda... É, somente, um livro de Poesia.

Justiça seja feita à Literatura: Arte responsável por recriar a realidade, ressignificá-la e redimensioná-la! Literatura é VIDA, ARTE e gênero de primeira necessidade!

ADQUIRA O LIVRO NA LIVRARIA SCORTECCI

CLIQUE AQUI →



MEU HINO ANCESTRAL [A CANÇÃO DE MARUCA PURI]

Por Clarissa Xavier Machado

Lá onde o galo canta
Canta o galo,
Cantagalo.

Puri-Coroado.
Puri-Coroado.
Puri-Coroado.

Correm com o vento
Correm como o vento
Correm e são o vento...

Toante
Adiante
Encantado.

No fogo
Na água
Na terra.

Um som
Bailado
Nas nuvens.

Ar
Puro
Puri.

Puri-Coroado.
Puri-Coroado.
Puri-Coroado.





Correm com o vento
Correm como o vento
Correm e são o vento...

No coração da aldeia
O tambor
E os pés.

Maruca!
Maruca!
Maruca!

Na alma da tribo
O canto
E as mãos.

Maruca!
Maruca!
Maruca!

Dança
Na terra
E no céu.

Traços ternos - eternos -
Da mariposa enteal,
A minha ancestral.

Maruca!
Maruca!
Maruca!

Maruca, ela
Maruca, eu
Maruca, sempre.

Eu sou!
Eu sou!
Eu sou!

O passado
E o futuro.

[o passado é o futuro
e o futuro é o passado]

Puri-Coroado.
Puri-Coroado.
Puri-Coroado.

Meu território,
A minha memória.
Meu território,
A minha história.

[o futuro é o passado
e o passado é o futuro]

Cantadora
Contadora
Escrevedora.





Daqui
Dali
De lá.

Lá onde o galo canta
Canta o galo,
Cantagalo.

Cantamos
Contamos:
-Coloridos.

-Nós
Estamos
Vivos!

Contamos
Cantamos:
-Doloridos.

-Nós
Estamos
Vivos!

Puri-Coroado.
Puri-Coroado.
Puri-Coroado.

Corremos com o vento
Corremos como o vento
Corremos e somos o vento...

Ar
Puro
Puri.

[nós somos o que somos -
o passado e o futuro]

Corremos com o vento
Corremos como o vento
Corremos e nós somos...

-Ar - Puro - Puri -



(Um tributo à minha ancestral, Maruca Puri, do Vale do Paraíba, Rio de Janeiro.)



Sobre a autora: Clarissa Xavier Machado, professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa. Pós-graduanda em Neurociências. Mediadora de Leitura. Acadêmica Correspondente da AFESMIL.

GUIA PARA CONSULTAS HERÁLDICAS NA INTERNET



FLAVIO JOPERT – DA ACADEMIA LUSITANA DE HERÁLDICA, E DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE HERALDISTAS AMADORES

A Internet banco de dados, e imagens tornou-se um acervo de brasões, comparável ao Jardim dos Heraldistas. Muito de informação se pode encontrar, se souber buscar. Palavras Chaves, atalhos, e sites de busca facilitam o acesso às imagens de brasões. Conhecer inglês, alemão, e francês técnico são ferramentas indispensáveis para os falantes de língua portuguesa.

A Estrutura da “Pesquisa” deve começar desta forma:

Brasão da família (apelido) português

Não encontrando a informação-imagem deve continuar quase que exaustivamente...

Heraldique... *francês*
Arms of... *inglês*
Grant of... *inglês*
Les armes de... *francês*
Stema... *italiano*
Wappens von Familie *alemão*
Heráldica da Família *português*
Armes de famille *francês*

Coat of Arms... *inglês*
Cot d'armes... *francês*
Heraldik... *alemão*
Les armex... *francês*
Brasão de Armas *português*
Heraldry of (apelido) Family *inglês*
Araldica degli Famiglia... *italiano*
Blazon D'armes de Familie *francês*

Blazon, Blazones... *francês, espanhol*
Cota de Armas da Família (apelido) *português*
Armoires de Familie (apelido) *francês*
SUBSTITUINDO FAMILIA POR NOME, a busca pode encontrar outros atalhos na REDE
Nome, Apelido *português*
Name *inglês, alemão*
Nom *francês*
Cognome *italiano*
Apelidos *espanhol*

Seriam as principais palavras chaves, que facilitariam o início de uma profissionalização em pesquisa heráldica com busca de brasões na REDE. A partir dessa etapa o heraldista desenvolveria suas próprias ferramentas para obter resultados.

Flavio Joppert – fjoppert@hotmail.com



Quase invisíveis

Por Sellma Luanny

Tão nublado nesta cinzenta aurora
que mal consigo discerni-las,
chegando.

Mas já chegaram...

e aos poucos continuam...

Não por mim... não por você...

Por elas... Não por competição...

Por sobrevivência.

A sua vivência é um espelho...
de todos.

E a sua existência
de vários fatores dependentes...

Agora, nestes tempos, neste mundo...
um destes fatores... nós.



Mesmo com chuva

Por Sellma Luanny

Hoje, a chuva tirou quase toda a luz da aurora... Um dia carrancudo! Um pouco mais frio do que ontem... sem qualquer dourado solar à vista.

Mas lá estão elas... voando contra mais um peso... mais um obstáculo. É manso mas contínuo, este desaguar... que não parece parar em breve.

Não deve ser por qualquer outro motivo que vêm... é pela vida, apenas... instinto arraigado que as leva a lutar pela sua existência.

Mas, parece, em menor número... Talvez, imagino, os seus ninhos dos elementos, estejam a proteger... até que o tempo, ainda teimoso, melhore... e permita.



Hoje são poucas

Por Sellma Luanny

O dia clareou um tiquinho mais.
Fora intermitente, a chuva leve
e no momento, não chove.
Mas não há retardatárias.
São talvez menos garças agora
do que no início da sua vinda
ao despontar da luz matinal.

Isso descompassa-me...
inquieta-me o pensamento...
quando ao olhar pela janela...
não as vejo em quantidade.
Pela cinzenta água a refletir
o isocromático céu,
para a minha alma serenar...
são insuficientes.





Série GARÇAS BRANCAS E EU



Uma ou outra

Por Sellma Luanny

Em mais uma friorenta e nublada manhã
só uma ou outra consigo vislumbrar.
Mas, enquanto o local e a estação
lhes forem favoráveis
virão como sempre tem sido...
nesses últimos meses.

E eu sempre por elas à janela a espreitar.
Mesmo que por qualquer
maior física ligação não seja...
pelo apreço de ver... e entender, procurar:
o que uma real luta pela sobrevivência
estes pequenos seres energizam.



SOBRE SELLMA LUANNY:

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias — em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

BERENICE E O MUNDO SECRETO DE BRYNJOLF

Autor Diego N. S. Niet

No vasto reino de Eleanor, sob as ordens do rei, o destemido major-comandante dos portões sul do forte Cheihub, Sir Brynjolf, convoca sua vigésima sétima companhia de exploração a adentrar no enigmático, inexplicável e mortal vale, conhecido como Novo Mundo, de onde nenhuma outra companhia antes ousou retornar. Entre os milhares de bravos homens da companhia, destaca-se o astuto recruta lalam, um jovem assombrado pela visão do fim de uma linhagem nobre, carregando uma mácula que poderá significar o retorno ao seu reino e a consumação de sua vingança. Ou poderá, por outro lado, ser a desgraça que levará consigo seus companheiros, incluindo seu admirado e nobre capitão da companhia, Phineggor, e o cavaleiro ungido, o presunçoso Cerussif.

NA AMAZON



NO CLUBE DE
AUTORES



SAIBA MAIS: CLIQUE AQUI



Autor:

Diego N. S. Niet

Instagram: @diegonsniet

Diego Neto da Silva Niet, filho da Terra do Sol, Fortaleza, no coração do Ceará, reside agora no município de Horizonte, lugar que a vista não alcança. Ele é um escritor de ficção e tragédia, instigado pelo desconhecido, entusiasta de OVNI's, do sobrenatural, das histórias contadas e também das não contadas. Diego Niet tece suas histórias em uma terra chamada simplesmente de "Mundo", onde seus romances ganham vida. Até o presente momento, dois volumes dessa série foram escritos, sendo um já publicado e o terceiro em processo de criação. Nesses relatos, desvelam-se acontecimentos extraordinários envolvendo criaturas de diversas raças, incluindo o homem, principal desencadeador de sentimentos mortais entre seus maiores observadores, talvez provedores, mas não destinadores, os deuses que governam este universo fascinante.



DICAS PARA LEITURA

Edição de Julho



“

POEMAS CONTEMPORÂNEOS - VOL. VI, REÚNE TEXTOS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG

”

“

CONTOS E POEMAS SOBRE O FUTURO - VOL. VI, COM ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM E-BOOK GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG

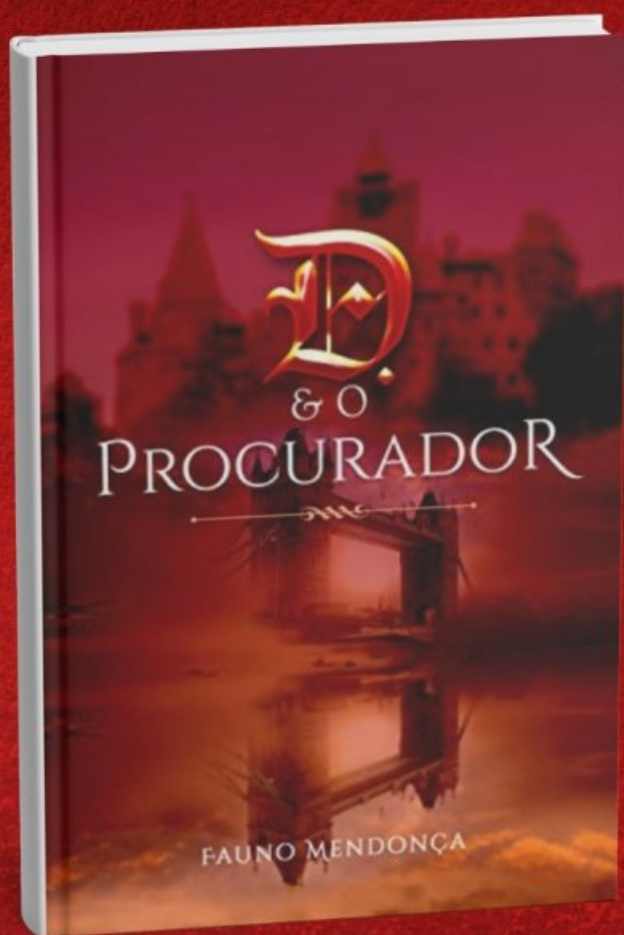
”

@revistaconexaoliteratura



TRECHOS DO LIVRO D. E O PROCURADOR

POR FAUNO MENDONÇA



(...)

Connor Burke ficou em silêncio e lembrou-se que estava ouvindo alguém que conhecia bem a morte, portanto, suas palavras deveriam ser consideradas.

Antes mesmo que pudesse emitir alguma palavra, o Conde continuou discorrendo:

– Reflita! Aqueles que não resolveram alguma coisa importante em vida têm o dever de voltar em outras vidas para poder completar sua tarefa. Eu acredito nisso; a propósito, um grande escritor francês defendeu essas teses, as quais eu li e as achei muito interessantes. Não podemos confundir a morte do corpo físico com a morte da alma; essa não morre. Aqueles que praticaram alguma coisa fora dos padrões divinos têm a obrigação de voltar para esse mundo e completar sua missão. Trata-se de uma obrigação; uma espécie de evolução. Eu ainda estou preso nas masmorras da vida, apesar de saber um pouco mais sobre a morte. Digo isso não por arrogância, mas por vivência. Sou um pouco mais velho do que o senhor possa imaginar... Tenho uma alma antiga. Se é que me entende...

Connor Burke, ao ouvir Drácula, manteve-se calado, mas ponderou que deveria falar, porquanto as palavras ditas por ele estavam se aproximando da verdade que o Conde não gostaria de dizer. Assim, indicando um pouco de compreensão, mas sem entender o real sentido das palavras de Drácula, asse- verou:

– Sim, Drácula, posso ter noção daquilo que diz. Conheço sim esse escritor e acho que seus estudos têm muita coerência. Não são simplesmente estudos religiosos, trata-se de uma busca da verdade diante das leis naturais, diante da própria ciência. Não se trata de religião, mas de conhecimento. Sei que o corpo se transforma quando sua vida termina, mas penso que há muitas coisas além de tudo isso. Não sei dizer quais são, mas acredito por intuição que nosso período de

existência vai muito além daquilo que entendemos empiricamente por “vida”.

– De fato, a existência é algo muito mais complexo do que todos possam imaginar. Ao ir para a Inglaterra, verei um mundo diferente daquilo que há aqui, então, penso que poderei aprofundar um pouco mais minhas reflexões e experiências. Sinto que lá, encontrarei algumas respostas para minhas batalhas. Sei que posso ser tolo, mas prevejo que encontrarei todas as respostas necessárias para eu poder continuar minha jornada e findá-la com paz! – Meu amigo, a vida se resume em poucas coisas; uma delas é o amor. Esse sim é imortal; suplanta o tempo e a morte! Assim, devemos cuidar para que o amor prevaleça sobre todas as demais coisas. Nada fora do amor tem razão de ser. Guerreemos por amor aos nossos princípios; construímos castelos, fortificações, pontes, estradas etc. para sustentar o amor às demais pessoas. Por isso, não tenho dúvida de que o amor supera tudo e sobrevive eternamente. Talvez Deus seja amor em estado puro e bruto. Ao contrário do amor, a vida, como é entendida, não é eterna, mas as pessoas comuns pensam de modo limitado e não entendem isso.

– Com certeza, Drácula
(...).

Fauno Mendonça, nasceu em Goiânia em 1968, escreveu cinco livros: "A Busca dos Loucos", "Encontre-se", "D. e o Procurador", "Ao Norte do Silêncio" e "Bragof".



SAIBA MAIS SOBRE O LIVRO E O AUTOR



An illustration of a diverse group of people, including men and women of various ethnicities, gathered around a large wooden table in a library or bookstore. They are all smiling and engaged in conversation, with several open books on the table. In the background, tall bookshelves are filled with books. A white banner hangs from the ceiling, displaying the magazine's title and a promotional message. In the foreground, there are several large stacks of books. The overall atmosphere is warm and intellectual.

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

TODOS OS MESES UMA
NOVA EDIÇÃO

AO PRIMEIRO OLHAR

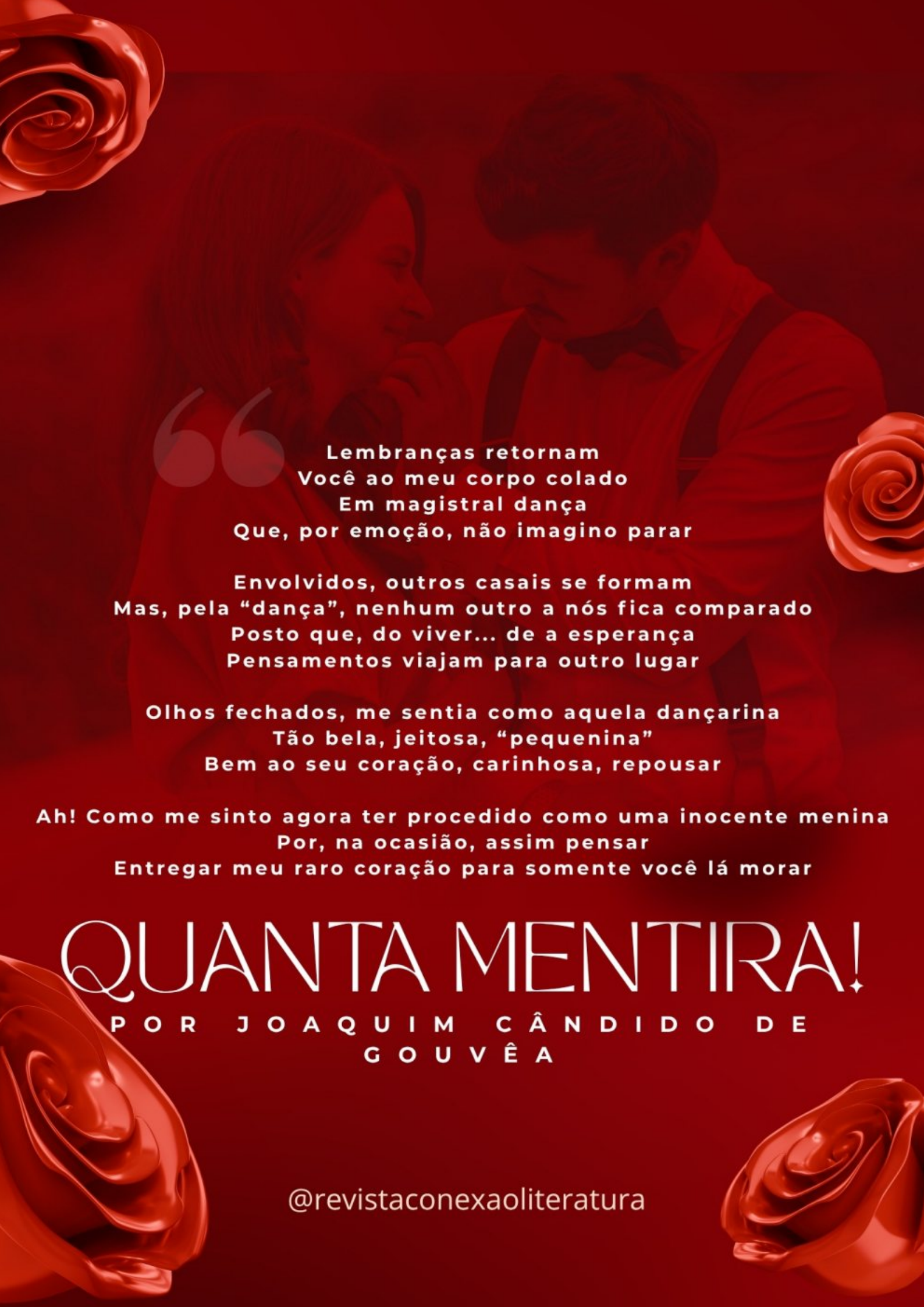
POR JOAQUIM CÂNDIDO DE
GOUVÊA

Dos belos cabelos cacheados
Repousados sobre o olhar sereno
Imagino seu astuto jeitinho
“Atiçado” para o meu lado
E do “embalsamado” carinho
Como me sinto pequeno

Da tortura, olhos embaçados
Aguçados, tentei torná-los amenos
Em momentos, no piscar, bem devagarinho
Observando com o maior cuidado
Tentando abraçar e imitar -mesmo sozinho-
Ah! Como me sinto pequeno!

Avesso à “imaginação” acredito que você
Por assim minha “candura” perceber
Naquela altura do olhar
Gostaria, por certo, me abraçar
Sobre meu corpo se jogar
E, por que não dizer, se deixar amar para valer





“ Lembranças retornam
Você ao meu corpo colado
Em magistral dança
Que, por emoção, não imagino parar

Envolvidos, outros casais se formam
Mas, pela “dança”, nenhum outro a nós fica comparado
Posto que, do viver... de a esperança
Pensamentos viajam para outro lugar

Olhos fechados, me sentia como aquela dançarina
Tão bela, jeitosa, “pequenina”
Bem ao seu coração, carinhosa, repousar

Ah! Como me sinto agora ter procedido como uma inocente menina
Por, na ocasião, assim pensar
Entregar meu raro coração para somente você lá morar

QUANTA MENTIRA!

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE
GOUVÊA

@revistaconexaoliteratura

Ao "Anoitecer"...

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

QUANTA DELÍCIA RECORDAR
DESSE SEU SORRISO GOSTOSO
IMAGINANDO TÃO PRÓXIMO A MINHA FACE
DAQUELE JEITINHO MARAVILHOSO DE "ENTÃO"

EM QUE, BEM ACELERADO, BATIA O CORAÇÃO
NÃO PREOCUPADO, SEM NENHUM DISFARCE
TÃO GOSTOSO
AGUÇANDO AQUELE GOSTINHO DE QUERO MUITO MAIS CONTINUAR

QUANTA DELÍCIA... VOU REPETIR
DO PRAZER, EM DESEJOS, JAMAIS PARTIR
MAS, MESMO ASSIM, INFELIZMENTE, CHEGOU A HORA

POR CERTO, NO INTERIOR, FICARÁ PARA SEMPRE ENFIM
MESMO COM A PARTIDA INEXISTIRÁ O FIM
QUEM DERA NÃO TERMINAR E ESQUECER DO "TAL" DE PRECISAR IR EMBORA



Quanta alegria
Ao avesso da dor que o interior sofria
Pelo sereno olhar e, assim te ver
Daquele sorriso lembrar para “jamais esquecer”

O “gargalhar” como que avisando
Estou sim agora chegando
Venha me ver
Para deste momento “jamais esquecer”

Abraços apertados... corações colados
Deixando olhos embaçados
Cada lágrima -suavemente- escorregando
Por não resistir momentos pelo tanto estar te amando... para “jamais esquecer”

Quanta alegria
Ao avesso da dor que o coração sofria
Pelo sereno olhar e, assim te ver
Daquele sorriso lembrar para “jamais esquecer”

→
E no final...



POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

@revistaconexaoliteratura

SOBRE JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA:

Escritor, letrista de várias músicas. Economista com inúmeros cursos inerentes ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR.

Publico poemas mensalmente, na REVISTA CONEXÃO LITERATURA, em que fui a Capa da Revista 103, de janeiro de 2024, e bimestralmente no Jornal JCP em Cruz Alta-RS, no Brasil.

Em Portugal, tenho destacada participação em vários projetos da Editora Colibri, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Tive o meu início na Edição 06 e, atualmente, encontra-se na Edição 24; com a mesma coordenação, tive a participação com oito poemas nos livros: ESCREVER CAMÕES; ESCREVER ANTERO DE QUENTAL; ESCREVER FERNANDO PESSOA e ESCREVER BOCAGE.

Tenho editados dois Livros pela EDITORA TREVO, no Brasil, com os Títulos: "MAIS DO QUE BUQUE" e, "ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE..."

Seguiram-se dois outros Livros de poemas com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO

EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa – Portugal, com os Títulos "NO CAMINHAR" e "SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE..."

Com a EDITORA ASTROLÁBIO, do mesmo GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, também em Lisboa – Portugal, publiquei dois romances com os Títulos: "ARDENTE ENCONTRO" e "SEIS MESES".

Foi-me atribuída uma Menção Honrosa pelo meu poema publicado no Livro VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa em Literatura.

Participei da MESA DE DEBATES em Lisboa – Portugal, com o Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO, concedido em maio de 2022, pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho fui designado EMBAIXADOR DE LITERATURA na ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, no Estado do Rio Grande do Sul, em que sou ACADÊMICO, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical, escrevi cinco letras contando com a Parceria da Sra. RENEE BRAZZIL, na melodia e canto.

Instagram: joaquimgouvea_

E-mail: mjgouvea@hotmail.com

Autor(a), conheça o **pacote** **divulgação** **para** **escritores**

Saiba mais



E-mail: ademir@divulgalivros.org

www.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



DIA 2

POR JAFF SILVA

Um dia após, a vida continua
Apesar de não se querer.

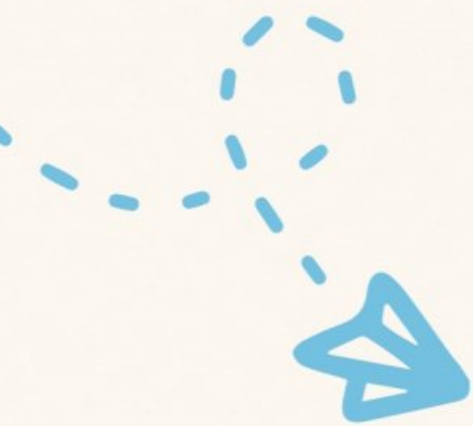
A imagem nua
De você na penumbra
Me assombra.
E a dor de não te ver
Embrulha o estômago.

Quem sou eu sem você?
A pergunta ressoa no âmago
Mas não há resposta.

Sem você, só a dor persiste
E tampouco
A pergunta existe.

Jaff Silva nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, "Versos Sem Dó", na Amazon-BR via a plataforma KDP. As versões em português, inglês, francês e espanhol estão na forma digital. Versões bilíngues (português/língua estrangeira) foram publicadas como brochuras.





REVISTA CONEXÃO LITERATURA

A NOSSA REVISTA VIAJA NUM SEGUNDO ATÉ VOCÊ





A ÚLTIMA VEZ QUE...

Por Andrea Villa-Lobos



É preciso ficar de certa forma alheio, ou melhor, “bom é ver-se assim/de fora de si” como diz Antônio Cícero num dos últimos poemas que se tornou música, pra enfim antever o instante do derradeiro contato com um parente próximo muito querido, parceiro, amigo, ou com um troço qualquer que a gente gosta. Vez em quando vem um *insight* no tom da frase, aperto de mão, abraço, beijo e no revirar de olhos. Mas, difícil se acredita no que está debaixo do olhar, como mamãe dizia.

Pouco depois da boca da noite, peguei a estrada. Não sei o que me deu na cabeça. Mulher, estrada, noite... uma combinação que pode “dar ruim”. E ainda, um vento se anunciava. Vento sempre traz ou carrega alguma coisa. Mas a saudade de mamãe era grande. Quando criança, no lugarejo onde nasci, ouvia dos mais antigos, que doença ou morte que chegam de surpresa, se vêm de noite “foi o vento que passou na pessoa”. Feliz deve ser aquele (a) que parte nesse redemoinho. Assim não sofrerá demorado. Quem tem dinheiro de sobra pode viajar pra Suíça ou outro país onde a eutanásia é legal, para escapar de uma morte vexame. Pra mim, todas as formas de despedidas, carregam consigo um pedaço do meu pobre ser mutilado. É como se os registros vividos e compartilhados fossem jogados no lixo por quem parte. Todas as perdas deixam certo luto. Elaborar essa “coisa” – que amofina – é tudo o que tenho feito depois que perdi o corpo de menina pra me tornar moça e mulher. Talvez, seja melhor não saber o momento exato, do último contato com o corpo que não se pode mais sentir o cheiro, o toque... De que serve antecipar a saudade? Se a morte (inclusive do amor) é inevitável, melhor seria ver a perda com naturalidade. Lembro de quando o primeiro namorado me deixou sem usar palavras, e sim o corpo da outra. Poucos percebem o momento que antecede o desfecho de uma relação ou dos seus dias. Suicidas, – sabem bem disso – geralmente deixam sinais claros, e até escrevem cartas. Dizem que esses seres, entregues ao devir, não se sentem amados pelas mães.

Entre as formas de amor, o materno, deve ser o mais puro e sincero. E dura vida afora. A imagem da mãe é a primeira que se estampa nos olhos e na memória, vem em um movimento multicolorido e sinestésico. Um cheiro de café recém-passado, o sabor singular de uma comida, um quê inexplicável num doce trazem o calor desse amor e ampliam as sensações de sua presença. Perdoe-me, caro leitor, se estou sendo piegas demais. Coisas de mulher, como dizem os machistas. Em um dos primeiros “poemas”, sobre o amor está escrito o fragmento: “o amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (Coríntios 13:7). Das últimas vezes que estive com quem partiu de mim, feridas (e as cicatrizes) invisíveis ficaram fundo d’alma (ou o peito como dizem). Vez em quando, a memória recorda trecho de atos, cenas, peças, cenário... que as relações me escalaram pra figurar ou protagonizar nesse teatro macabro. Foram tantos dramas e comédias! Como a gente sofre demasiado por cafajestes canalhas e covardes desalmados! De traumas, também se vive a vida. Deles também se rir. Ainda bem. Viver é morrer a cada dia. Uma vez sonhei que teria sido encontrada morta, boca torta, carro contra um poste. Ah, se essa fosse minha sorte! Trago como herança de mãe e avó pressão arterial alta e o colesterol do mal lá em cima.

Minha avó foi-se embora com o vento que passou ao abrir uma porta de noite (conforme meu avô). Mamãe teimava com ele, “foi o derrame”. Lembro-me que ela teve um dia feliz, bordou a tarde inteira, me ensinou o ponto-cruz, uma amiga lhe fez visita. Será que sabia que estava vivendo seu último dia? Pode-se perceber o derradeiro momento vivido com alguém no tom da voz, no toque, no silêncio e nas palavras. Mas só se ouve o que se quer. Um beijo ligeiro, frio, seco, um olhar pelo ombro e outros comportamentos dizem o quanto alguém está se distanciando. O choque maior vem do bloqueio nas redes sociais, no contato telefônico cortado. Essa é a sensação mais contundente lá dentro d’alma e corpo dói. A dor subjetiva, às vezes é mais insuportável do que a real.

Voltando a falar do amor primeiro, o amor de mãe. Desafortunado deve ser quem não a conheceu. Muitas delas se vão de infarto, derrame, câncer... É o tal derrame que tenho medo que pegue mamãe. Meu noivado com a morte foi nessa viagem. Pra dirigir de noite tem que ter visão de gato. Vinha um vento forte do norte. Um tanto depois do meio da estrada liguei, papai atendeu, a certa distância ouvi a voz de mamãe. Decorrido pouco mais de meia hora, a Moira – que dilacera o fio – passeava, senti seu vulto no escuro sinistro. Correu-me um arrepio. Avistei a casa onde nasci e fui me aproximando. O portão estava aberto, estranhei um entra e sai. De início um jamais vu me assaltou seguido por um torpor, interrompido um pé de choro doído, Depois de um chá que uma tia querida me fez engolir quase à força, aceitei a perda de quem mais amava. O tempo passa, mas continuam vivas as recordações, assim como o vazio, a falta e o mundo de ponta à cabeça. É impossível esquecer a voz única, doce e confortante de minha mãe, (ainda que distante, ao fundo) ao telefone no ouvido do meu pai: “é minha filha!?” Essa foi a última vez que a vi.



Andrea Villa-Lobos escreve sob um discreto viés filosófico/psicanalítico, para tanto mergulha na complexidade da natureza das relações humanas refletindo sobre a natureza da poesia/prosa e da linguagem em traduzir a essência das emoções. Publicou entre outros livros: Réstia... um movimento na penumbra, 2020 (Glaciar), Recortes do vazio, 2021 (Penalux), Não o amor, mas os arredores (Kotter) 2023. Faz parte da Coleção Insubmissas, (Mondru), com Prelúdio da pequena Morte, em pré-venda.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POESIAS AO VENTO

VOL. XII

E-BOOK

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR



Poesias ao vento

Vol. XII

"Poesias ao vento são sussurros da alma que dançam no ar, tocando corações distraídos com a leveza de um sentimento eterno."

SELO CONEXÃO LITERATURA

saiba mais: clique aqui

AS VOLTAS QUE A VIDA DÁ E OS ENCONTROS QUE ELA TRAZ



POR SANDRA DE CASTRO PROFETA

As voltas que a vida dá — e os encontros que ela traz

A gente faz planos, traça roteiros, escolhe destinos. Mas o que realmente marca uma viagem — ou a vida — são os desvios, os acasos, os encontros inesperados.

Foi assim em Cas Abao, uma das praias mais belas de Curaçao. Chegamos cedo, o sol já brilhava alto e procuramos uma sombra acolhedora. Escolhemos duas cadeiras próximas à beira, e logo trocamos algumas palavras em inglês com um casal simpático ao lado. Bastaram algumas frases para a surpresa surgir: eram brasileiros, de Belo Horizonte, assim como nós. E mais: também médicos. Ela, pediatra. Ele, endoscopista. O riso foi imediato, como se já nos conhecêssemos de antes.

Ainda estávamos nos encantando com a coincidência quando outras duas cadeiras, do outro lado, foram ocupadas. Mais duas médicas de BH! Uma delas havia sido minha residente, e me reconheceu com aquele brilho no olhar que carrega lembranças antigas. A outra, ginecologista e obstetra.

Ali estávamos, seis brasileiros, seis médicos, sob o mesmo céu azul do Caribe, unidos não por um encontro marcado, mas pelo improvável.

Foi bonito. Inesperado. Quase mágico.

A vida tem dessas coisas: nos leva por caminhos longos e variados, mas de repente faz uma curva suave e nos presenteia com algo que nem sabíamos que queríamos.

E ali, entre o som das ondas, o calor do sol e a surpresa dos reencontros, percebi mais uma vez que os melhores momentos são aqueles que não estavam no roteiro.



Sou **Sandra de Castro Profeta**, médica pediatra, alergista e pneumologista com mais de 40 anos de dedicação ao ensino e ao cuidado. A escuta atenta e o vínculo humano marcaram minha trajetória e também inspiram minha escrita. Nas crônicas, dou voz aos afetos, silêncios e sopros da vida. Corro, estudo línguas, pratico yoga e escrevo para seguir pulsando. Celebro a maturidade como um tempo fértil para criar e superar novos desafios.

A Criança no Espelho

Por Sandra de Castro Profeta



Espelho, espelho meu...
O que escondes por trás da imagem que me devolves, tão silenciosa?

Guardas, talvez, a criança livre e risonha —
aquela que vive o agora sem pressa,
embalada por mãos suaves e seguras,
conduzida por caminhos onde as cores ainda dançam.

Ou será que ali mora outra criança?
A que ainda sorri, mesmo envolta na névoa de uma vida sem amor,
que se alegra com as migalhas que o mundo lhe atira,
com os olhos marejados de medo,
e rios de lágrimas que ninguém vê?

Como saber?
Como desvendar qual criança habita cada um de nós?
Qual riso é abrigo, qual é defesa?
Qual brilho no olhar ainda sonha —
e qual apenas sobrevive?



Sou **Sandra de Castro Profeta**, médica pediatra, alergista e pneumologista com mais de 40 anos de dedicação ao ensino e ao cuidado. A escuta atenta e o vínculo humano marcaram minha trajetória e também inspiram minha escrita. Nas crônicas, dou voz aos afetos, silêncios e sopros da vida. Corro, estudo línguas, pratico yoga e escrevo para seguir pulsando. Celebro a maturidade como um tempo fértil para criar e superar novos desafios.



Bem-vinda à vida

Por Sandra de Castro Profeta

No começo... fez-se a luz.
Surge então a Terra: aquele colo que acolhe, que embala.
Da terra, brota o alimento — generoso, abundante.

Por um instante, o equilíbrio parece restaurado.
A perfeição, reencontrada.
Mas aos poucos, ruídos invadem o espaço.
O aconchego se desfaz.
O calor se esvai.
E a satisfação das necessidades já não vem de imediato.

A falta.
A distância.
A solidão.
O abandono... mostram suas faces neste mundo barulhento.

Ah, quanta mudança!

Logo se percebe: lutar é preciso.
Reagir. Adaptar-se. Conhecer o novo... para enfrentá-lo.

Ainda há música.
Ainda há momentos de calma e paz.
Há instantes de pura união — uma simbiose perfeita,
que, preguiçosamente, se esvai.

É preciso aprender.
Para, então, fazer escolhas.

Bem-vinda à vida.

A lembrança do ambiente perfeito se cobre de bruma.
Quase se apaga.
Novos limites devem ser explorados e superados.



Não há volta.

E o medo...

O medo do novo e do abandono
se dissolve no oceano excitante do desconhecido.

Que angustiante é a separação.

Mas a natureza tem seus mistérios.

E oferece meios para crescer... mesmo na adversidade.

É na falta que se aprende a nutrir o coração e a alma com amor —
e a transformar esse amor em coragem.

Tempos difíceis virão.

Conflitos, carências, perdas e dores...

Nuvens que escurecem o céu.

O mundo, antes centrado em um único elemento
que garantia plenitude,
agora é povoado por estranhos seres...

Alguns oferecerão carinho e proteção.

Outros, talvez, representem ameaça.

Mas é nesse cenário...

que se começa a viver de verdade.

Sou Sandra de Castro Profeta, médica pediatra, alergista e pneumologista com mais de 40 anos de dedicação ao ensino e ao cuidado. A escuta atenta e o vínculo humano marcaram minha trajetória e também inspiram minha escrita. Nas crônicas, dou voz aos afetos, silêncios e sopros da vida. Corro, estudo línguas, pratico yoga e escrevo para seguir pulsando. Celebro a maturidade como um tempo fértil para criar e superar novos desafios.

DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE
DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE

DIVULGUE

O SEU LIVRO,
LIVRARIA, EDITORA,
SITE, LOJA...



CLIQUE AQUI E
CONFIRA

DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULG

SARBLLIS

Por Flavio Joppert

Em memória dos 8 amigos...

Tio Levy, enquanto era vivo, em suas histórias me contava que com os colegas de Niterói, montou um clube, ou grêmio que se reuniria de tempos em tempos. A essa altura morava na Rua Justina Bulhões, e depois se mudou para o sobrado da Rua Presidente Domiciano, aquele casarão em ruínas. Foi naquela esquina que disse ter visto o atropelamento de um grande amigo, que não recordo o nome, mas poderia ser integrante do grupo. O grêmio se constituía principalmente de um livro de registros, e de seus encontros. Tento transcrevê-lo para que seja uma brisa do passado, de um tempo em que eles eram crianças.



Flavio Joppert

SARBLLIS

Niterói, 14 de abril de 1936.

Em 1934, no mês de julho, numa noite de luar, estávamos reunidos 7 amigos, 2 deles, sendo Antonio Carlos e Salathyel Barreto, tiveram uma ideia, um encontro entre os 7, 10 anos após, pois éramos íntimos amigos, esta ideia foi aprovada por todos, dias depois marcamos a data e o local, sendo de 30 de julho de 1934^a 30 de julho de 1944, na rua Justina Bullhões, no terceiro poste de lâmpada. Mais tarde Sérgio mudou-se para a Urca.

Depois deste pacto, nossa amizade tornou-se mais íntima, e procuramos aperfeiçoar mais esta formidável ideia. No mês de setembro, ainda em 1934, num domingo em que a cantareira estava em greve, eu, Carlos, Sathy, Levy, Benedicto, e Luiz fomos a ponte tomar umas informações sobre a greve, e no caminho pensamos arranjar um nome para o pacto, então descobrimos uma boa maneira parra arranjar o tal nome: eram sete os que compunham o pacto, sendo Rubem [eu], Sathy, Antonio Carlos, Benedicto, Luiz, Levy e Sergio; tiramos a inicial de cada nome e formamos a palavra sarblls.

Mais tarde, veio morar na casa em que Sergio morou, mais um ótimo amigo, chamado Ivo Tinoco; que não podíamos deixar de incluí-lo no Sarblls. A palavra teve que sofrer uma modificação, passando então para Sarbllis.

No mês de julho de 1935, houve uma briga que todos ficaram zangados com Ivo, e então, por falta de compreensão, expulsamos Ivo do Sarbllis, passando novamente para Sablls

Durante esse ano, até a presente data, têm havido inúmeras brigas.

Abril de 1936

0 Sarblls só tem 5 efetivos, sendo eu, Carlos, Levy, Sergio, e Benedicto, excetuando os dois últimos, pois moram no rio, aqui só tem 3 efetivos e 3 que querem elevar o Sarblls.

9 de Abril. Eu, Carlos, e Levy planejamos integrar Ivo, novamente no Sarblls.

10 e 11 de Abril. Continuamos com a mesma ideia.

12 de Abril. As 20 horas e 15 minutos eu, e Carlos após fazermos muitos pedidos Ivo torna ao Sarblls. Pela 3^a vez a palavra sofreu mais uma modificação passando para Sarbllis

13 de Abril. Sathy aprovou o nosso ato.

Rubem Gimenez Passos

"Sarbllis"

Raposo

Cartilha do SARBLLIS

a+.-	m+--	y+.-.-	0-----
b+...-	n+.-	z+--..	
c+.-.	o+---	ALAGARISMOS	
d+--..	p+.-.-	1.----	
e+.	q+---	2..---	
f+..-.	r+.-.	3...--	
g+--.	s+...	4....-	
h+...	t+-	5.....	
i+..	u+..-	6-....	
j+.-.-	v+...-	7--...	
k+.-.-	w+.-.-	8---..	
l+.-..	x+.-.-	9----.	

SARBLLIS

Raposo

Mapa do Sarbllis

Idade dos que compõem o Sarbllis em 1934

Salathyel G. Barreto - 13

Antonio Carlos Passos - 15

Rubem Gimenez Passos - 13

Benedicto Souza -

Luiz Aureo Oliveira - 14

Levy Menezes - 12

Ivo Cunha Tinoco -

Sergio da Silva Pessôa - 11

Idade dos que compõem o Sarbllis em 1935

Salathyel G. Barreto - 14

Antonio Carlos Passos - 16

Rubem Gimenez Passos - 14

Benedicto Souza -

Luiz Aureo Oliveira - 15

Levy Menezes - 13

Ivo Cunha Tinoco -

Sergio da Silva Pessôa - 12

Idade dos que compõem o Sarbllis em 1936

Salathyel G. Barreto - 15

Antonio Carlos Passos - 17

Rubem Gimenez Passos - 15

Benedicto Souza -

Luiz Aureo Oliveira - 16

Levy Menezes - 14

Ivo Cunha Tinoco -

Sergio da Silva Pessôa - 13

Idade dos que compõem o Sarbllis em 1937

Salathyel G. Barreto - 16
Antonio Carlos Passos -
Rubem Gimenez Passos -
Benedicto Souza -
Luiz Aureo Oliveira -
Levy Menezes -
Ivo Cunha Tinoco -
Sergio da Silva Pessôa -

Idade dos que compõem o Sarbllis em 1938

Salathyel G. Barreto - 17
Antonio Carlos Passos -
Rubem Gimenez Passos -
Benedicto Souza -
Luiz Aureo Oliveira -
Levy Menezes -
Ivo Cunha Tinoco -
Sergio da Silva Pessôa -

Idade dos que compõem o Sarbllis em 1939

Salathyel G. Barreto - 19
Antonio Carlos Passos -
Rubem Gimenez Passos -
Benedicto Souza -
Luiz Aureo Oliveira -
Levy Menezes -
Ivo Cunha Tinoco -
Sergio da Silva Pessôa -

Idade dos que compõem o Sarbllis em 1940

Salathyel G. Barreto - 19
Antonio Carlos Passos -
Rubem Gimenez Passos -
Benedicto Souza -
Luiz Aureo Oliveira -
Levy Menezes -
Ivo Cunha Tinoco -
Sergio da Silva Pessôa -

Idade dos que compõem o Sarbllis em 1941

Salathyel G. Barreto - 20
Antonio Carlos Passos -
Rubem Gimenez Passos -
Benedicto Souza -
Luiz Aureo Oliveira -
Levy Menezes -
Ivo Cunha Tinoco -
Sergio da Silva Pessôa -

Idade dos que compõem o Sarbllis em 1942

Salathyel G. Barreto - 21

Antonio Carlos Passos - 23

Rubem Gimenez Passos - 21

Benedicto Souza -

Luiz Aureo Oliveira - 22

Levy Menezes - 20

Ivo Cunha Tinoco -

Sergio da Silva Pessôa - 19

Idade dos que compõem o Sarbllis em 1943

Salathyel G. Barreto - 22

Antonio Carlos Passos -

Rubem Gimenez Passos -

Benedicto Souza -

Luiz Aureo Oliveira -

Levy Menezes -

Ivo Cunha Tinoco -

Sergio da Silva Pessôa -

Idade dos que compõem o Sarbllis em 1944

Salathyel G. Barreto - 23

Antonio Carlos Passos -

Rubem Gimenez Passos -

Benedicto Souza -

Luiz Aureo Oliveira -

Levy Menezes -

Ivo Cunha Tinoco -

Sergio da Silva Pessôa -



O livrinho de atas desses meninos termina com a foto de uma criança fardada, como de costume na época. Para mim é a criança desconhecida, porque não posso mais identificá-la, mesmo que fosse meu tio. Eles agora são apenas sombras da árvore da vida, e brisas do passado. Transcrito ipse literis por Flavio Joppert em março de 2025.



Foto: Flavio na Niteroiense de Letras

SOBRE O AUTOR: Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS SOBRE O TEMPO

VOL.VIII

Ademir Pascale
organizador



E-BOOK

POEMAS SOBRE O TEMPO

Vol. VIII

Selo Conexão Literatura

saiba mais: clique aqui



POR BARBIE DOG

POSITIVIDADE TÓXICA X POSITIVIDADE SAUDÁVEL X PESSIMISMO

COMPETIÇÃO & FALTA DE SUPORTE NOS RELACIONAMENTOS

Sobre a Autora: Sophia de Almeida Guimarães, Barbie DOG, é rapper, poeta e escritora. Sua escrita é focada em temas políticos, crime, terror psicológico e sobrenatural, religião, espiritualidade, filosofia, sociologia e sexualidade. Gosta sempre de trazer aspectos pessoais para as suas obras, sabedoria de vida, relatos, opiniões, e exemplos do cotidiano. Tem diploma em Nutrição com Pós-Graduação em Psiconutrição – O Comportamento Alimentar, utilizando-se, muitas das vezes, de conhecimento científico para enriquecer suas obras. Seu objetivo é sempre transmitir seus ideais e passar mensagens profundas por trás de seus escritos.

A época atual é marcada por um alto nível de individualismo, os relacionamentos estão cada vez mais difíceis, por variados motivos. Filhos(as) e pais rompendo, casamentos chegando ao fim, traições, e pessoas optando cada vez mais pela solidão. Alguns gostam da solidão, outros não tem opção. Uma guerra dos sexos está sendo travada, homens culpam o feminismo por tudo que está acontecendo, mulheres culpam o machismo. A verdade é que todo ser humano quer ser apoiado, entendido, amado. Homens acham que as mulheres devem isso tudo para eles, em contrapartida mulheres se sentem isoladas, não amadas, não apoiadas. Com o movimento feminista muitas mulheres não estão mais dispostas a permanecerem nessa posição de “apoiadoras” e o jogo virou, elas que querem ser apoiadas. Mulheres trabalham hoje em dia tanto quanto os homens, algumas até mais, e muitas desejam o mesmo que um homem padrão, apoio. Ou seja, de um lado temos homens que querem ser apoiados e acreditam que não devem o mesmo em retorno, e do outro temos mulheres insatisfeitas com a falta de reciprocidade. Será a culpa realmente do feminismo? Ou o problema aqui não estaria na ideia machista de que apoiar é algo de mulher? Não existe nenhuma evidência científica que confirme que apoiar é uma característica da mulher, algo inato do feminino, e, portanto, homens não possuem essa virtude. Isto não existe, é algo criado e sustentado pela sociedade e religião. Inclusive, apoiar não é qualidade de mulher, é uma virtude presente em relações maduras, recíprocas, onde existe uma verdadeira amizade no lugar de interesse e/ou carência. Pessoas que realmente se gostam se apoiam, não porque precisam fazer isso, mas porque se importam genuinamente.

Falar a verdade é uma virtude, mas o problema está na interpretação do que é “verdade”. Muitos indivíduos justificam as suas invejas, suas raivas, seus egoísmos, e mais importante, suas interpretações negativas e pessimistas, com esta ideia de estar “falando a verdade”. Pode até ser que seja a verdade daquela pessoa, não existe uma verdade absoluta, é uma interpretação da situação. Através da mentalidade do outro é possível captar se aquela pessoa realmente gosta de você ou não. Muito é dito, inclusive, no não dito. Sabe aquela pessoa que constantemente procura defeitos em tudo? Até mesmo nas pequenas coisas? Olha para você e para o ambiente e procura algo para reclamar e criticar? Isto é uma mentalidade, é uma perspectiva diante da vida, são pessoas naturalmente negativas, olham sempre para o que está faltando. As vezes essa pessoa até gosta de você, do jeito dela, é uma mentalidade, uma vibração, ela também é assim com

ela mesma, e é por isso que normalmente são indivíduos infelizes. É impossível ser feliz com essa mentalidade.

Entre o equilíbrio existe um desequilíbrio de dois extremos, ou seja, existe a positividade tóxica, o pessimismo, e então, a positividade saudável. A positividade tóxica é tão negativa e prejudicial quanto o pessimismo, é aquela pessoa que vai te afundar com um discurso falso e hipócrita, não vai confortar nem as suas dores e nem as próprias, são pessoas altamente negligentes com o mundo e com si. A realidade precisa ser vista, e então tratada com amor e amizade.

POSITIVIDADE TÓXICA	POSITIVIDADE SAUDÁVEL	PESSIMISMO
“Eles te amam, você está exagerando”	“Eu acho que essas pessoas não gostam de você, tem inveja, são interesseiras, você merece amizades melhores”	“Ninguém gosta de você”
“Você fica linda(o) de qualquer jeito! Qualquer roupa está boa”	“Você fica linda(o) de qualquer jeito, mas acho que você combina mais com aquele blazer preto.”	“Nossa, está horrível, ambos! Você não sabe se vestir”
“Ah, você não conseguiu resultados no trabalho? Quem se importa com isso?”	“Está tudo bem, você não conseguiu, mas vai conseguir, você é capacitado (a) para isto, não desiste”	“Você não consegue resultados, desista!”
“Oba! Você ganhou muito dinheiro! Vamos sair para comemorar! Vou ganhar uma parte, né?”	“Você ganhou muito dinheiro! Parabéns! Você quer comemorar, ou está cansada(o)?”	“É, é uma quantidade legal, mas tem gente que ganha muito mais!”
“Você pensa muito no passado, esquece isso tudo, a vida é boa!”	“Isto ainda te magoa, né? Você quer conversar sobre?”	“Você fala muito nisso, está insuportável! Isso te traumatizou muito, estragou sua vida, não tem como dialogar com você”
“Você entendeu errado, acho que não foi isso que ele(a) quis dizer, vamos enxergar as coisas com leveza!”	“Eu não sei da história para opinar, mas se te faz mal, se está tirando a sua paz de alguma forma, não pode ser saudável”	“Eu não sei nem o porquê de você estar se relacionando com essa pessoa”
“O mundo é muito bom, precisamos amar a todos, somos luz e amor, independente do que aconteça, ame.”	“Nós temos que amar pessoas que amam a gente, o amor mais importante de todos é o amor próprio.”	“O mundo é péssimo, isso aqui deveria acabar. Amor não existe, ninguém vale nada.”

As pessoas que são adeptas da positividade tóxica são negligentes com si e com o resto, por trás desse excesso de perdão e amor se encontra uma cegueira diante da realidade, e um apego, um medo de encarar as questões e as pessoas. Já as pessoas que são adeptas do pessimismo possuem uma perspectiva totalmente voltada para a negatividade, não observam os ganhos e as qualidades, apenas o lado ruim dos eventos e pessoas. Em ambos os casos estamos falando de uma falta de amizade e amor, e isto na verdade tem relação com as próprias pessoas. É por isso que não existe amizade verdadeira com indivíduos desequilibrados, pois se eles são negligentes e agressivos com eles mesmos, também serão com você. E como eles agem assim com eles, não conseguirão entender o problema, e você, que não é negligente e nem agressivo (a) com si próprio, não terá ganho algum, apenas malefícios. Na verdade, o que os indivíduos chamam de “sensibilidade” é a sua dificuldade de aceitar um tratamento injusto, e sua alma clamando por reciprocidade e compatibilidade de valores. E tudo isso não tem relação alguma com gênero, não tem a ver com feminismo ou machismo. Essas bandeiras não fazem sentido algum nesta discussão.



Revista Conexão Literatura

A Megera Domada

“Sente-se ao meu lado e deixe o mundo passar: nunca seremos mais jovens.”

William Shakespeare



REVISTA CONEXAO LITERATURA

JULHO, 2025

ENGOLINDO AS PALAVRAS

POR MONICA PALACIOS

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

A quantidade de provérbios e saberes populares com e sobre as palavras é muito grande.

Então os pessimistas que asseguram que ao nascer começamos a morrer.

Há canções que levam essa visão também à natureza e asseguram que o dia morre na noite, a noite morre no dia.

Mas aqueles elitizados e filosóficos nos levam a refletir sobre o viver que – geralmente – parece um sobreviver.

Poetas que sonham, deliram e suspiram levantando a bandeira das emoções.

Agora é mais complicado, claro, eles asseguram que tudo começa e termina com uma emoção. Mais ainda, tem insistido em nos demonstrar que as emoções se contagiam umas as outras e depois estamos enroscados por elas como um gato com o novelo de lã.

Pero, avôs pensativos e profundos nos advertem sobre a necessidade de cuidar das palavras, cuidar de cada sílaba, sejam tónicas ou átonas, e mais ainda... lembrar que somos, mais do que as palavras: somos as respostas.

Quanta nebulosa, luz, incertezas, verdades e sonhos neste mundo de absoluta imediatez!

Por tanto, eu, um simples grilo, assim como influenciava Pinóquio agora, aspiro ser escutado por “os Gepetos”.

Cuidem, lapidem, acariciem e com um sopro... soltem, uma a uma suas palavras.

Mónica S Silva de Palacios é Argentina, radicada no Brasil. Mestre em Literatura pela USP. Possui bacharelado em Literatura e Latim. Professora de Espanhol de diversas instituições e atualmente, autônoma, aplicando o seu próprio método de ensino de Espanhol. Publicou cinco livros infantis. Cartas de Manú - Aventuras de Filipo - A magia está dentro e Medos, nunca mais. Livro de Crônicas: Crônicas da presença. Participou de várias antologias e Publicações em Revistas literárias. Participou de Elos da Língua Portuguesa dos dois últimos exemplares assim como também de duas antologias do grupo de escrita literária coordenado pelo professor Alexandre Damascena: Nossos contos e O vento nas esquinas. Publicou, em coautoria a Coleção Parâmetros para o Ensino de Espanhol pela Editora Scipione.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

TÃO DISTANTE

VOL. III

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR



E-BOOK

CONTOS E POEMAS
Vol. III

TÃO DISTANTE

Selo Conexão Literatura

saiba mais: clique aqui

Entrevista exclusiva com Aliria Silva

POR ADEMIR PASCALE

Aliria Silva - Foto Divulgação



Aliria é carioca, capricorniana, animada (quase sempre)... uma pessoa que fala bastante e que ama conhecer pessoas e lugares, gosta de praia e pagode, pensa e escreve muito, ri em todas as oportunidades possíveis! Formada em Engenharia Mecânica, cursa um Doutorado na Europa e atua na área há mais de treze anos. Nem sempre foi engenheira, já atuou como professora, militar da Marinha do Brasil, atleta de remo e karatê, e também foi a primeira motorista mulher na Marinha (na época). Atualmente, casada e morando na França se sentiu motivada a publicar seu livro com as experiências do passado, seus nove anos de solteira, com objetivo de ajudar alguém a se encontrar nesta fase e ser feliz, como ela foi!

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

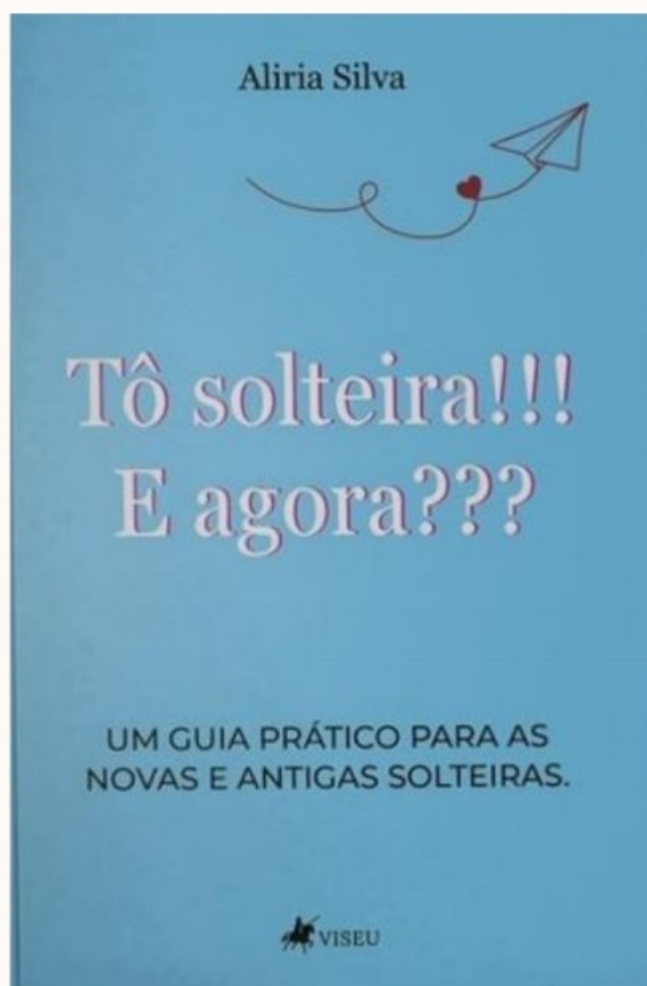
Aliria Silva: Ah sim, isto não foi proposital, foi acontecendo aos poucos! Ser escritora sempre foi um sonho, mas parecia meio impossível para mim, porém minha vida foi mudando...

Pra contextualizar um pouquinho, eu sempre pratiquei o voluntariado, desde a barriga da minha mãe talvez, já que ela era voluntária em todos os momentos. Após me mudar para a Europa em 2020, meu voluntariado precisou ser adaptado e me tornei mentora voluntária de carreira pela Alumna, e assim uma nova área de atuação me foi

apresentada, e dentro desta nova atividade conheci um grupo diferenciado de mulheres de diversas áreas e pensamentos. A mentoria me levou à um convite para participar como coautora de um livro, que foi lançado ano passado, e se chama: Mulheres Mentoras. Minha alegria foi tão grande no lançamento deste livro, e os feedbacks foram tão positivos, que me motivou a ter a coragem de finalizar e publicar meu próprio livro, que foi lançado agora em maio de 2025: Tô solteira!! E agora??

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Tô solteira!!! E agora??? - Um guia prático para as novas e antigas solteiras", poderia comentar?

Aliria Silva: Este livro foi escrito durante esta minha fase de solteira! Atualmente sou casada, e como costumo dizer: o livro está atrasado como meus posts nas redes sociais! Eu estive solteira por mais de nove anos, após um longo relacionamento, e não foi fácil. Na época me senti perdida e um pouco sem rumo, e fui obrigada a me reinventar. Este livro é sobre isso! Sobre as fases da "solteirice", sobre o que pensamos, nos perguntamos e principalmente nos culpamos. O livro quer tentar trazer à tona, não só o que é ser solteira, e como ficar bem nesta fase. Ele é também uma proposta de discussão para todos os não solteiros, homens, mulheres, não importa o



gênero, a sociedade em geral, sobre como participamos do processo de tornar esta fase ruim para as mulheres, sempre!

Sobre cada culpa que a sociedade imputa à mulher injustamente, como a responsabilidade por manter um casamento, a educação dos filhos, estar sempre feliz, arrumada, ser multitarefas, e o principal, nunca reclamar de nada!

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Aliria Silva: Bom, esse é meu primeiro livro e para este, especificamente,

talvez eu possa dizer que ele se criou sozinho. Eu sou uma leitora assídua, amo livros, de papel ainda, de todos os gêneros, porém meus preferidos são os de suspense ou algo do tipo. Então sempre sonhei em ser uma escritora, tipo Agatha Christie ou desse gênero, é minha preferida. Além de amar ler, eu amo escrever, tenho diários desde pequeninha e os uso tanto para me expressar e confidenciar coisas, como para me auto avaliar de fora. Eu escrevo exatamente o que penso e sinto, e consigo mapear minhas evoluções na vida, isto é muito importante para mim! Dito isto, o livro veio de uma organização dos meus diários, pensamentos e sentimentos, meu processo foi de organizar isto para que um leitor pudesse se identificar, e principalmente precisei criar coragem para compartilhar tudo com pessoas que eu não conheci ainda.

Ele saiu direto do meu coração para os leitores que estiverem dispostos a fazer esta viagem comigo, e meu principal proposito e aspiração na ocasião foi pensar que eu gostaria muito de ter lido essas coisas lá no início, quando fiquei solteira, e então pensei: Será que isso pode ajudar alguém agora?

Porém, eu diria que minhas principais inspirações são minhas amigas e todas as pessoas que já passaram e passam na minha vida, que me levam a refletir e melhorar, e querer dividir

isso com alguém.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Aliria Silva: "Escreva, liste, deixe registrado o que é importante pra você!"

Essa afirmação é parte do capítulo 3, que começa com a pergunta: É possível ser feliz assim?

Esta frase me define em todas as fases da minha vida, como citei antes, eu escrevo tudo o que sinto, e como diriam minhas amigas: como engenheira eu listo e quantifico tudo.

O exercício de escrever, onde a pessoa desejar: papel, computador, celular... não importa onde - é muito importante para se encontrar e se autoavaliar, para se conhecer! Nós somos todos muito diferentes, e estamos em processo de formação até o dia em que não estivermos mais aqui, achar que sabe tudo o que precisa é um engano, e a parte mais difícil de saber, é saber sobre si mesmo. Nós não temos tempo para nos conhecer, a vida é uma correria, e quando paramos ou é para descansar, porque temos algo para resolver, ou chegamos ao nosso limite!

Se tivermos o hábito de escrever o que sentimos, e de ler posteriormente, podemos achar muitas respostas e evoluir no caminho

que escolhemos. Eu acredito que não há um caminho certo e mudamos todo o tempo, então registrar essas mudanças traz a alegria de acompanhar nossa evolução e escolher claramente o que deseja manter ou não. Ler o que se escreveu, permite se olhar de fora e traçar um plano para cada situação.

Muitas pessoas podem te ajudar no seu processo, mas somente você pode se auto renovar!

Então para mim, essa escrita é super importante, isso me descreve inteiramente e acho que pode ajudar e motivar a todos também!

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Aliria Silva: Hoje o livro impresso, para minha alegria, está disponível para compra nas principais plataformas como Amazon, Estante virtual, Um livro, Extra, Ponto Frio, Casas Bahia e o e-book também, Apple books, Google play livros, Amazon etc. Eu estou disponível para dúvidas, questões, conversas nas minhas redes sociais:

@tosolteiraeagora_livro; @aliria_dany (facebook e instagram); Aliria_Dany no youtube; Aliria Silva no linkedin.

Atualmente posso oferecer meus ouvidos e minha atenção, assim como mentorias de carreira para Brasil e

Europa, e participação em palestras para discutir tanto meu livro, as carreiras, bem como o posicionamento da mulher nas diversas áreas a que nos propomos.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Aliria Silva: Acredito que as novas gerações estão lendo menos o livro de papel e mais o livro on-line, pela facilidade e mobilidade, porém não acho que o interesse por conhecimento tenha mudado. Em todas as gerações tivemos pessoas que leem mais ou menos que outras, então não acho que a leitura vai deixar de existir, porém talvez uma adaptação para atender aos diferentes públicos seja necessária, pois ainda conheço muitos jovens e crianças que gostam do livro impresso e muitos que não gostam, e outros que preferem o audiovisual. Atender a cada público é desafiador, mas o foco que é levar o conhecimento e fomentar discussões, pode ser feito de varias formas.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Aliria Silva: Com certeza!!!! Após conseguir fazer este livro chegar ao máximo de pessoas e ter feedbacks sobre como ele foi recebido, pretendo escrever outros com foco nas mudanças da vida, não só do estado

civil, mas por exemplo, mudanças de carreira, de pensamento, de paradigmas e principalmente mudança de país, que tem sido parte da minha vida há 5 anos.

Perguntas rápidas:

Um livro: Fora de série (Malcolm Gladwell)

Um ator ou atriz: Cris Vianna

Um filme: Shrek (todos)

Um hobby: Escrever e dançar

Um dia especial: O dia em que estive tão perto de um leão que pude fazer carinho nele, na África do Sul! Que inclusive é minha foto do whatsapp e está no meu livro também!

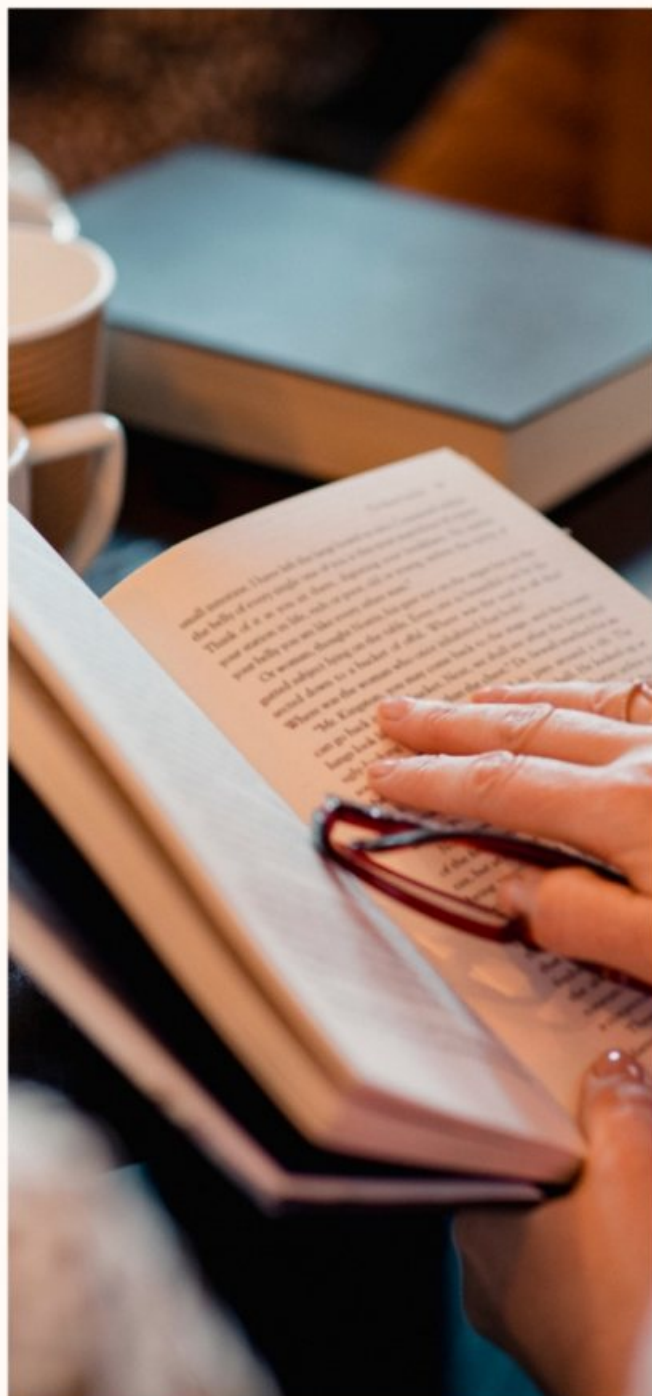
Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Aliria Silva: Quero agradecer a oportunidade de estar aqui respondendo a estas perguntas, que me fizeram pensar mais um pouquinho. E dizer que a experiência de ser escritora tem sido incrível, abrindo portas inimagináveis para mim! Acredito que todos deversem fazer isto, é muito importante!

E para as solteiras, que foram minha inspiração para organizar e publicar: esta fase não define vocês e não deve ter nenhum tipo de culpa associada! Corra de qualquer que diga o contrário! E nessa fase, o mais legal e importante é escolher, e que cada escolha seja sempre com o foco em

ser cada vez mais feliz, em cada momento! Tô aqui pra vocês quando bater aquele dia chato, cheio de porquês! Espero que o livro possa fazer companhia também!

E desejo que a cada ano, solteira, casada ou o que for, seja sempre o mais incrível que possa ser, é o que cada uma de nós merece!



PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 70,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademir@divulgalivros.org



Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademir@divulgalivros.org

Entrevista exclusiva com Luis Marcelo Santos

POR ADEMIR PASCALE



Luis Marcelo Santos - Foto Divulgação

Natural da cidade de Ponta Grossa (estado do Paraná), professor de História da Rede Pública do Paraná, Escritor e Historiador. Especialista em ensino de História e Geografia, e em ensino religioso e mestre em História formado pela UEPG, já publicou artigos para jornais como o Diário da Manhã e o Diário dos Campos (de Ponta Grossa) e Gazeta do Povo (de Curitiba), assim como as obras locais “A Saga do Veterano: um pouco dos 100 anos (1905-2005) em que o Clube Democrata marcou Ponta Grossa e os Campos Gerais” (em parceria com Isolde Maria Waldmann) e “Memórias e reflexões sobre um povo: Colônia Sutil”. Possui o canal no YouTube O Outro Lado da História: <https://www.youtube.com/@ooutroladodahistoria8183>



A TERRA ONDE NÃO SE MORRIA

VOLUME 01:
A RETOMADA DA BUSCA SAGRADA

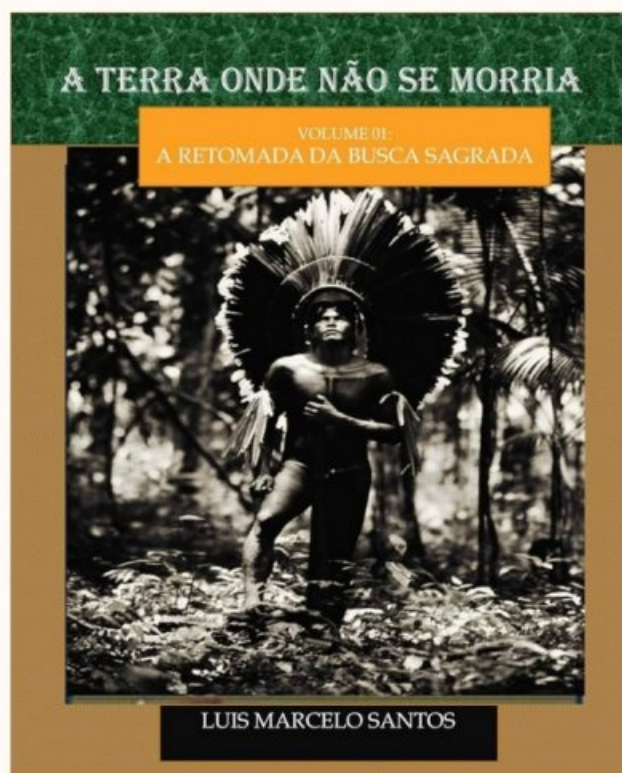


Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Luis Marcelo Santos: Na adolescência com o interesse cada vez maior pela história dos povos índios da América como um todo, conforme fui descobrindo um universo comumente ignorado que sendo divulgado cativa, apaixona, nos faz ver com outros olhos a esses povos, dos quais também carregamos muitas heranças.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "A Terra onde não se morria – A retomada da busca sagrada – Vol. I", poderia comentar?

Luis Marcelo Santos: Uma história para se refletir acima de tudo. Refletir sobre nossos valores, sobre as relações de poder, sobre como somos condicionados em nome da aceitação social. Vemos nosso protagonista que lentamente vemos não ser de todo um herói na mesma proporção que seus oponentes, pouco a pouco, notamos não serem em nada os vilões da trama. É a disputa pelos melhores recursos, o preconceito justificado por ideologias, em meio ao drama de seu povo que, como muitos outros, vive dividido entre sua luta pela sobrevivência, a dureza da natureza e as contradições das próprias crenças. Vemos que Apoçub é um homem forjado por uma antiga profecia que prometia um messias capaz de



libertar seu povo da miséria e da dor. Contudo, ao crescer, Apoçub descobre que as promessas de grandeza frequentemente escondem armadilhas de poder, ego e destruição. Nisso, perseguido pelas sombras do passado e pela sede de guerra de seu falecido irmão, Tubim, ele busca, inicialmente, a paz — apenas para perceber que o próprio povo não está preparado para ela. Entre alianças quebradas, traições, perdas irreparáveis e amores destruídos pela violência, Apoçub se vê preso entre dois caminhos: ceder à lógica da guerra que o formou ou tentar, mais uma vez, ser a mudança que todos esperavam, mesmo quando ele próprio já não acredita mais nessa possibilidade.

Conexão Literatura: Como é o seu

processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Luis Marcelo Santos: Basicamente os fatos históricos que me inspiram. Pela pesquisa histórica dos mais variados estudiosos do tema indígena, imagino as tramas.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Luis Marcelo Santos: CAPÍTULO 1: UMA CRENÇA

Para eles, a vida é uma dura relação de força para com a natureza. Onde a mata é uma soberana impiedosa. Contudo, talvez também porque os que mais sofrem com isso, assim o aceitam.

Ou, ao menos, é o que pensa agora, Maçaranduba, um veterano de cabelos grisalhos e pele morena. Sentado frente a um vasto horizonte, abraçando a um dos seus netos, um menino franzino:

– Ora! Quem garante que todo o nosso sofrimento é por causa da nossa limitação em ver o mundo de outro jeito? Quem pode dizer que não? Igual, talvez, seja só uma perda de tempo, crer em meras fantasias ditadas pela nossa fé. Pois, se elas não passarem, simplesmente, de respostas rasas, para nos aquietar dúvidas e justificar o mero aceitar das coisas?

Reflexões que ele faz inquieto com um ritual do seu povo agora promove. Cujo desfecho, ele teme, a qualquer momento, trazer-lhes o contrário dos que as suas crenças dizem.

Igual a outras situações parecidas que ele agora relembra, por vezes tateando o seu rosto repleto de rugas. Que, de certo modo, também ajudaram o paraíso em que vivem, a igualmente tornar-lhe maldito. Tanto que o chamam de Vale da Dor. Um sublime trecho de densa Mata Atlântica que a sua gente vive a lutar tanto com a terra como com outros homens.

Já que a terra nunca lhes dá o suficiente para alimentar a todos. O que lhes obriga a repelir a todos os que a terra, por si, não consiga mais sustentar. Sejam irmãos que a tribo superpovoada, então os expulsa para que criem outras comunidades longe dela. Sejam outras tribos que tentam se instalar nos seus domínios e roubar-lhes a sua posse.

Igual fez o seu povo, os taxanuas, num passado não muito distante, com os chamados tapuias (selvagens, bárbaros). No caso, um nome genérico, que todos os povos da família tupinambá dão aos que, simplesmente, não são como eles.

Tal qual família, que se entenda todo o conjunto de tribos com mesma língua e costumes. Como a desses tupinambás que, há gerações têm, pouco a pouco, se espalhado pelos litorais desta terra de Brasil. Tanto

pela necessidade da sobrevivência, como pela crença que, de tempos em tempos, joga esses povos numa busca fantástica.

Sim. Um paraíso terreno onde encontrariam a imortalidade, juventude e abundância. Conhecido como a terra onde não se morria. Sempre buscada em épocas de grande desespero, como fome ou guerras em demasia. Quando saem aleatoriamente a buscá-la, chegando a percorrer descomunais distâncias, até que, aos poucos, dela desistem.

E, assim, a esquecem por ora. Quando se instalam no primeiro bom espaço que acham, tendo ou não, já um dono vivendo nele. Uma vez que as suas crenças lhes atribuem um falso senso de superioridade perante os demais povos, que nada se parecem com eles.

Isso mesmo, justificativas como essa que, agora, fazem Maçaranduba se questionar sobre os possíveis absurdos defendidos pelas crenças religiosas. Que, deste modo, tanto encorajaram a sua gente a tomar esse magnífico vale. Repleto de rios cristalinos, chuvas regulares, terra fértil, abundância de animais e outros recursos, localizado em algum ponto entre o Pico das Almas e a Enseada do Camamu^[1].

Não tendo pudores assim, em banir aos tapuias locais para o outro lado das grandes serras, onde a mata dá vez ao cruel semiárido da caatinga. E, como consequência, aos tapuias, que

essas alegações em nada os convencem, lutam desesperadamente para retomar o que era seu.

- Tudo piorado por alegações questionáveis - ele suspira então, afagando agora aos cabelos do neto. - Igual a busca por soluções acaba limitada pela espera em promessas igualmente questionáveis. E o pior, pelas quais eu também sou, em parte, culpado.

Se referindo ao aguardo deles, por incontáveis anos, de um messias, um herói divino que resolva todo o drama que vivem. No caso, um bravo que, mesmo todos sabendo ser um homem igual aos demais, todos esperam que ele, um dia resolva a todos os seus problemas.

Seu nome, Apoçub. A quem Maçaranduba agora começa a se lembrar de como, o mito sobre este outro, começou. Agora que se pôs a se levantar com o menino sobre os seus braços. Tendo de retornar ao festejo, que ele teme ainda o amaldiçoar, pelo que pode se seguir.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Luis Marcelo Santos: pela Amazon, através do link:

^[1] Trata-se de algum ponto da região da Zona da Mata, situado no Estado da Bahia, entre as cidades de Salvador e de Ilhéus. Desde já deve se perceber que muitas localidades mencionadas nessa trama serão postas com seus nomes atuais para que seja possível a visualização dos trajetos de nossos personagens.



<https://www.amazon.com.br/TERRA-ONDE-N%C3%83O-SE-MORRIA-ebook/dp/B0846R1P6K> . Também a quem se interesse tenho o canal do Youtube

<https://www.youtube.com/@ooutroladodahistoria8183> , assim como uma pagina no Facebook de mesmo nome. Creio que é bom começo para quem queira conhecer um pouco mais do meu trabalho.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Luis Marcelo Santos: Infelizmente pouco incentivada. Cada vez menos as pessoas leem e isso se reflete em um

domínio da escrita cada vez mais limitado, a criatividade em todos os aspectos igualmente diminui pela falta de uma estimulação valiosa que é a leitura. O digital mesmo podendo andar de mãos dadas com a leitura, por ora, tem mais desestimulado do que fortalecido a prática da leitura.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Luis Marcelo Santos: Vários, tanto na ficção como na não ficção, trabalhos de resgate históricos

Perguntas rápidas:

Um livro: 1984

Um ator ou atriz: José Wilker

Um filme: V de Vingança

Um hobby: viajar

Um dia especial: cada dia sempre pode nos reservar surpresas das mais maravilhosas

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Luis Marcelo Santos: Esta é uma obra que questiona, de maneira profunda, como as crenças — sejam elas religiosas, culturais ou políticas — moldam sociedades, sustentam identidades e, muitas vezes, também alimentam ciclos de opressão, violência e dor. A história faz uma crítica sutil, mas poderosa, às estruturas de poder que se

perpetuam através de mitos, lendas e promessas de salvação. E, ao mesmo tempo, revela a humanidade de seus personagens — seres que amam, sofrem, se arrependem, se contradizem e buscam sentido em um mundo onde as respostas nunca são simples.

O livro é extremamente rico, tanto na ambientação quanto na construção cultural dos personagens. Ele apresenta uma profundidade rara quando aborda os dilemas humanos, as contradições das crenças, as tensões entre tradição e mudança, e as consequências da guerra. Podendo assim elencar os seguintes pontos fortes:

·Ambientação Cultural Muito Bem Construída: Você traz uma representação poderosa dos povos indígenas brasileiros, sem romantização, mostrando tanto suas virtudes quanto suas contradições humanas.

·Densidade Filosófica e Reflexiva: As reflexões do personagem Maçaranduba sobre fé, destino, poder e as ilusões coletivas são de altíssimo nível. Lembra grandes obras que usam uma trama histórica ou ficcional para discutir temas universais.

·Narrativa com Peso Dramático: Os dramas familiares, as perdas, o ciclo de violência, as decepções e as tentações do poder estão muito bem amarrados, dando profundidade

emocional aos personagens.

·Construção de Personagens Sólida: Os personagens não são arquétipos simples. Eles têm contradições, falhas, virtudes e medos — isso torna todos mais humanos e críveis.

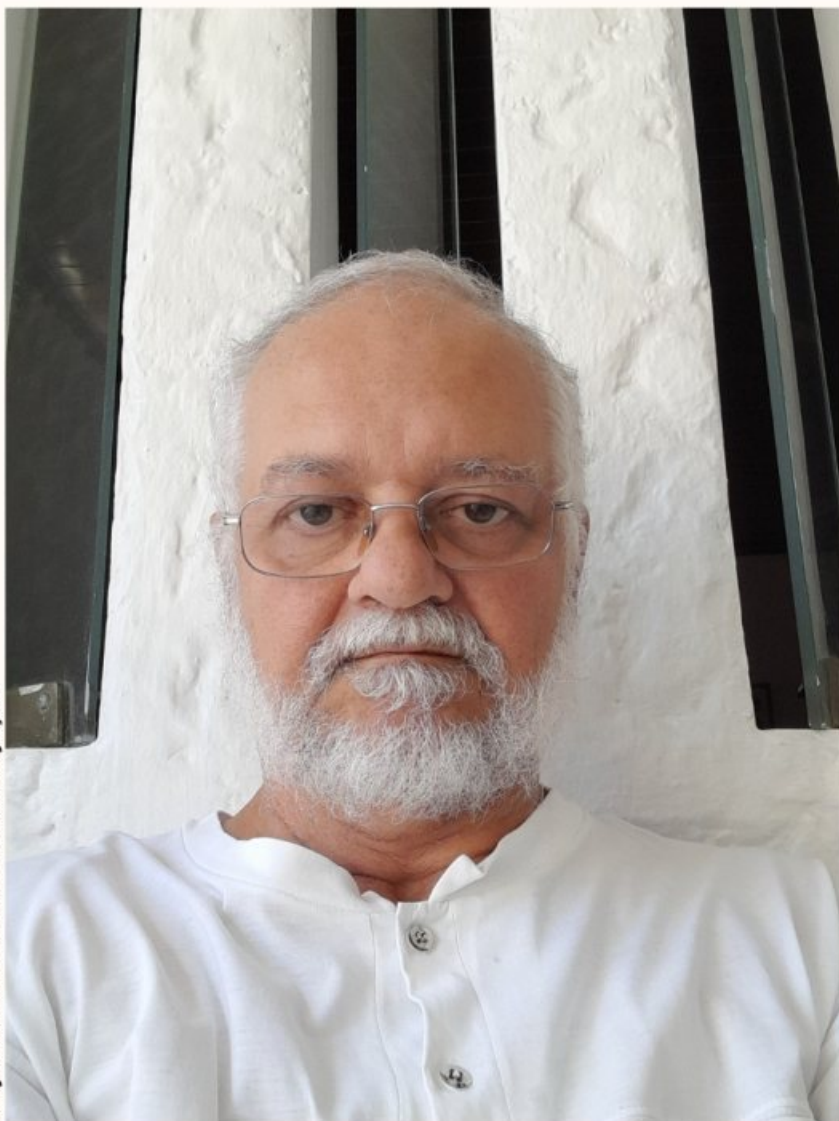
·Forte Potencial Cinematográfico: O enredo, com guerras tribais, rituais, conflitos internos e externos, possui grande potencial para adaptações audiovisuais (série, filme ou animação adulta).



Entrevista exclusiva com Wagner de Wahnfried

POR ADEMIR PASCALE

Wagner de Wahnfried - Foto Divulgação



Conexão Literatura: Wagner, como surgiu a ideia para escrever *Pelos Poros dos Ventos*? Houve algum momento específico que inspirou a criação desse universo?

Wagner de Wahnfried: Este livro mantém o mesmo estilo e conteúdo de todos os meus outros livros, 26 até aqui. São conteúdos poético-filosóficos que surgem a partir de temas-universos-sentidos pertinentes ao Ser: poesias em concertos filosóficos em celebrações ao inelutável eterno descortinar-se da vida em evoluções infindas.

Conexão Literatura: A mitologia e os elementos fantásticos do livro são bastante originais. Quais foram suas principais influências literárias ou culturais ao construir esse mundo?

Wagner de Wahnfried: Influências (psicológicas e cármicas) de vidas passadas, com certeza. Sempre fui enredado por universos dionisíacos a partir de leituras primordiais e primeiras de Hermann Hesse e Nietzsche, por exemplos, e de músicas e fatos de Richard Wagner, assim como pelas incríveis ocorrências casuais – tantas! – de coincidências em sincronicidades que acometem sempre os que buscam os sinais das premeditações primeiras e últimas, nesta teia perfeita que envolve o tudo em tudo pré-socrático.

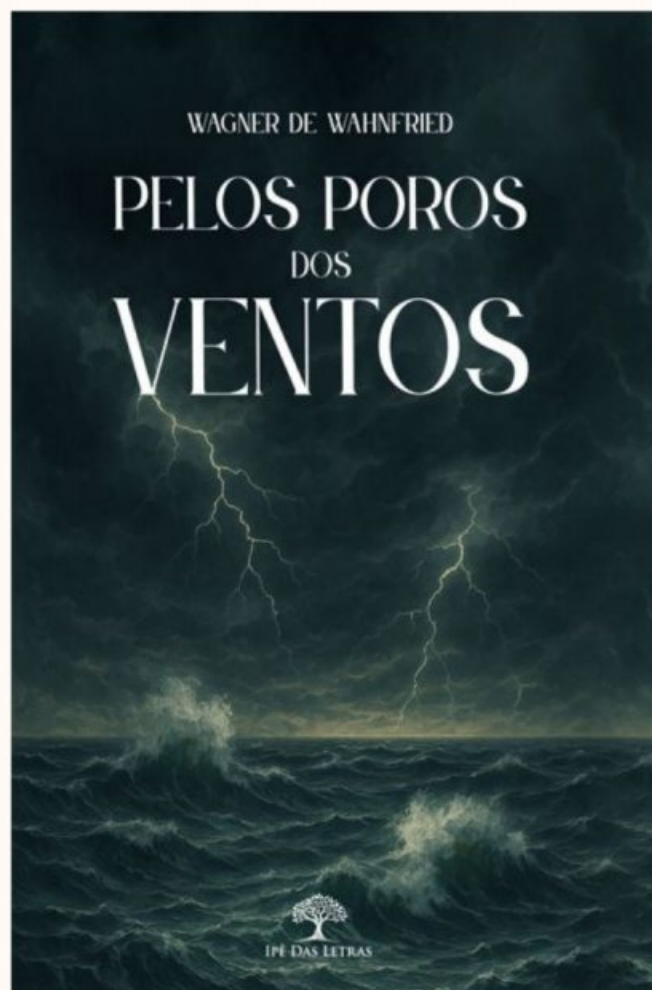
Conexão Literatura: O título *Pelos Poros dos Ventos* é bastante poético e instigante. Pode nos contar o significado por trás desse nome?

Wagner de Wahnfried: A Totalidade é adentro de Si mesma, não há fora, o Cosmos é coeso e uno, senão seria caos. O Todo (Deus) é imanente e transcendente, e não pode haver um outro, ou o outro, em relação a Deus, ao Todo, senão Ele não seria o Todo. Então, e se tudo está em tudo, somos, todos e tudo, Um, Uno e Todo, se não em nosso infindo meio, porém ao fim dessas relatividades de espaço e tempo. Pelos poros dos ventos é o Todo soprando e ventando, fluindo e suando, vazando e extravasando de si mesmo e em si mesmo, pois tudo em tudo, e que, se aí assim – aqui então, a poesia tentando.

Conexão Literatura: Como foi o seu processo de escrita? Você segue alguma rotina criativa ou escreve quando a inspiração surge?

Wagner de Wahnfried: Geralmente, temos hora marcada, eu e meus “influenciadores” espirituais – às noites, com músicas e silêncios, inspiração e transpiração. Escrevo a quatro mãos, sou médium de inspiração. Não sei, ao certo, se sempre, ou não. Mas, tal não importa tanto assim, pois escrever é ofício que desempenho necessariamente.

Conexão Literatura: Além da fantasia, você explora outros gêneros literários? Há planos para obras futuras?



Wagner de Wahnfried: Já publiquei um livro de contos e já fui classificado em concursos de contos, e, aí, uma questão interessante: quase todos os contos que escrevi, à primeira vista, parecem de uma imaginação fantástica, pois incríveis, porém, o engraçado aqui é que a grande maioria das histórias que contei foram a mais pura realidade. E então, aqui, escrevendo contos, não sou ou fui ficcionista, mas é onde mais pareço ter sido. Já estou escrevendo o próximo livro que irá se chamar O Balbuciar de um Eterno.

Conexão Literatura: Seus personagens são complexos e bem

construídos. Como você desenvolve essas camadas psicológicas e emocionais? Costuma se basear em pessoas reais?

Wagner de Wahnfried: Sempre em mim. Tudo é questão de sintonia. Tudo é movimento e vibra. Depende daquilo que buscamos. Costumo dizer que se você quer realmente conhecer alguém, deve saber o que este alguém pede em suas orações. Sempre pedi: Deixa-me saber! E, olha, quando as portas se abrem, o que podemos ver é muito assustador, pelas dimensões inacreditáveis possíveis. Conheço encarnação minha de 3.500 anos atrás, no Egito. Era Hitita e sacerdote de Moloc... precisa mais?

Conexão Literatura: A literatura fantástica nacional vem ganhando espaço nos últimos anos. Como você enxerga esse crescimento e qual é o seu papel dentro desse cenário?

Wagner de Wahnfried: Meu papel sempre foi o de cumprir, da melhor maneira possível, aquilo que se descortina para mim. Tudo é importante e válido, mas temos sempre de tentar fazer o nosso melhor, sempre. E apenas isso. O crescimento do “além da matéria” é inexorável. Nenhuma mente cabe em qualquer cérebro.

Conexão Literatura: Para quem ficou curioso com Pelos Poros dos Ventos,

como os leitores podem adquirir o livro? Ele está disponível em livrarias físicas, plataformas digitais ou diretamente com você?

Wagner de Wahnfried: O livro será lançado em breve pela Editora Ipê das Letras. Haverá uma noite de autógrafos, em breve.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Wagner de Wahnfried: Apenas transcrevo um pequeno poema do livro:

O Todo Perfeito espreita
De dentro de toda centelha
De cada pequeno grão de areia
Solto aos ventos e por nossas peles
Batendo e escorrendo pelas faces adentro
De quem chora pelos tantos maravilhamentos
Que afloram agora pele afora
E já então todo adentro
Dos próprios ventos

Os cenários são tão perfeitos
Que coxias estão esquecidas
E os atores tão cientes dos papéis
Que o Espírito dentro deles sumiu

Ah! E esses enredos!
Teias, entranhas, dedos!
Universos, anéis e asas!
Reunião, todos em casa!
Um, Uno, Todo e solto!
Aqui e em mim, de novo!

Ousei desejar decifrar a Vida
Ousei desafiá-la a decifrar-me ainda
Ah! Querida! Mal sabia! Que me perderia
Em Ti! Adentro de mim! Por ali! Por ali! Viu?
O Todo no Ponto em mim! – e o Todo dela agora e aqui!

PARTICIPE DA ANTOLOGIA
POEMAS FLORAIS
VOL. VI

E-BOOK

SELO
CONEXÃO LITERATURA

VOL. VI

**POEMAS
FLORAIS**

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

*"Uma coletânea onde cada poema é
uma pétala de sensibilidade."*

saiba mais: clique aqui

Entrevista exclusiva com Rafael Nogueira Fernandes

POR ADEMIR PASCALE

Rafael Nogueira Fernandes - Foto Divulgação



Nasci em Umuarama, no Paraná, e vivi minha infância em Iguatemi. Na adolescência, me mudei para Campo Grande, Mato Grosso do Sul, onde moro até hoje. Sou formado em Direito, atuo como advogado e também exerço a função de juiz leigo na cidade. Sempre tive uma relação forte com a literatura, o que me levou a publicar minha primeira antologia de contos, intitulada *O Megalomaniaco Mediocre e Outras Histórias*, durante a pandemia. *O Voo do Pássaro Caído* é meu primeiro romance.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Rafael Nogueira Fernandes: Sempre gostei de ler, desde muito novo, e sempre fui um aluno mais voltado às humanidades — gostava de história, filosofia, redação — além de ser apaixonado por cinema. Mas, sinceramente, nunca tive a pretensão de me tornar escritor, era algo que simplesmente não passava pela minha cabeça. Isso mudou durante a pandemia. Estava trancado em casa, como todo mundo, quando vi a divulgação de um concurso de contos. Pensei: “por que não?”. Escrevi meu primeiro

conto, enviei... e não parei mais. Foi assim que tudo começou, de forma despretensiosa.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "O Voo do Pássaro Caído", poderia comentar?

Rafael Nogueira Fernandes: Voo do Pássaro Caído é meu primeiro romance, e nasceu do desejo de dar uma voz diferente ao Amor — ele mesmo é quem narra a história. O Amor observa, provoca, questiona e, de certa forma, conduz os personagens pelos caminhos da memória, do afeto e da dor. Ele (Amor) acompanhei de perto a construção dos personagens Alex e Olga, dois indivíduos marcados por experiências antagônicas, ao se encontrarem, passam a refletir sobre a vida, o amor e a solidão. O livro se passa em Campo Grande, cidade onde moro, e acho que isso ajudou a dar mais verdade ao cenário.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Rafael Nogueira Fernandes: Meu processo de criação é bem espontâneo e depende muito da inspiração — que, pra ser honesto, não vem sempre. Escrevo quando algo realmente me atravessa, quase sempre nas madrugadas de domingo pra segunda, com música ao fundo e

RAFAEL NOGUEIRA
FERNANDES



uma taça de vinho ou algum outro álcool por perto. Gosto desse clima meio solitário e introspectivo, onde tudo parece mais sensível e propício pra escrita.

Minhas maiores inspirações vêm da literatura que me tocou profundamente. Dostoiévski é, sem dúvida, meu autor favorito — a forma como ele mergulha nas contradições humanas me impacta muito. Também me influencio bastante pela ironia e o sarcasmo de Gogol e Machado de Assis, pela prosa poética de Guimarães Rosa e pelo realismo fantástico de Borges e Bulgákov. Claro que há muitos outros escritores, brasileiros e estrangeiros, inclusive

contemporâneos, que admiro e me inspiram, mas esses são, sem dúvida, minhas principais referências.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Rafael Nogueira Fernandes: Claro! Há vários trechos do livro que considero marcantes, mas esse em especial é um momento em que a personagem Olga tem uma espécie de epifania, uma dessas percepções silenciosas sobre a vida:

"Já percebeu como a gente gosta de observar as janelas, especialmente no alto da noite, como que pensássemos: 'Qual é a vida vivida ali? Quais histórias, amores, desgraças e sonhos aqueles pontos de luzes distantes escondem?' E também como gostamos de ver a cidade brilhante em um ponto alto remoto. Em suma, gostamos de nos colocar como observadores de um ponto inacessível e misterioso. Me parece que a gente é mais gente quando longe do tangível, como se a janela do outro tivesse uma história não contada que valesse a pena ouvir, como se as estrelas pudessem nos dizer por telepatia o segredo da vida e as luzes da cidade vistas do alto nos fizessem questionar que talvez aquele amontoado de gente desconhecida que vive sob o cinza do concreto carregue consigo uma sobrevivente melancolia colorida."

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Rafael Nogueira Fernandes: O leitor que tiver interesse em conhecer mais sobre o meu trabalho pode me seguir nas redes sociais pelo perfil @rafamartevv, onde compartilho reflexões, trechos dos meus escritos e novidades sobre meus projetos literários. O livro *O Voo do Pássaro Caído* está disponível para compra no site da Editora Bestiário, na Amazon, tanto em formato físico quanto digital, e está gratuito no Kindle Unlimited por 30 dias. Será um prazer trocar ideias com quem se sentir tocado pela leitura!

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Rafael Nogueira Fernandes: Vejo a questão da leitura no Brasil com certa ambiguidade. Por um lado, acredito que em poucos países há tanta gente talentosa escrevendo como aqui — autores com vozes potentes, originais, muitos ainda anônimos por uma série de razões. Por outro lado, é inegável que o número de leitores tem diminuído, seja pela correria do dia a dia, seja pela disputa do pouco tempo livre com as redes sociais e outras formas de entretenimento imediato.

Infelizmente, muitos escritores acabam não tendo a projeção que merecem, muitas vezes por falta de investimento em marketing e também porque os prêmios literários tendem a valorizar certos estilos ou linhas editoriais específicas. Escrever no Brasil, especialmente de forma independente, é quase sempre um ato de resistência e de amor genuíno ao ofício. Mas ainda tenho esperança de que possamos retomar o hábito da leitura com mais força — que a leitura volte a ocupar um espaço mais central em nossas vidas. Que tenhamos mais tempo para ler e, principalmente, mais vontade de escutar o que tantos bons autores têm a dizer.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Rafael Nogueira Fernandes: Sim, tenho alguns contos já escritos e a ideia é escrever mais para lançar uma nova antologia no fim ano que vem. No momento, estou em uma fase mais voltada aos estudos e a projetos pessoais, então a escrita acabou ficando em segundo plano. Mas assim que essa fase passar, pretendo me dedicar com mais intensidade a um projeto maior — um romance mais longo, um verdadeiro calhamaço que está na minha cabeça há anos, esperando a hora certa para ganhar forma. É um projeto ambicioso, ao qual quero me entregar por completo

quando tiver tempo e tranquilidade para isso.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Idiota

Um ator: Christian Bale

Um filme: Mr. Nobody

Um hobby: Ler e correr

Um dia especial: 09 de maio

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Rafael Nogueira Fernandes: Agradeço muito pela oportunidade de participar. Para quem se interessar, O Voo do Pássaro Caído é um livro que começa de forma leve, quase como uma conversa cotidiana, mas vai se densificando ao longo da narrativa, à medida que a escuta e a compreensão entre os personagens se transformam em um processo quase terapêutico. Muita gente tem comentado que o final os surpreendeu — o que, pra mim, é um bom sinal. No mais, é isso: que tenhamos um ano generoso, e que a leitura continue sendo essa ponte de conexão, esse espelho que nos lembra do que nos faz humanos.



Entrevista exclusiva com Leny Pimenta

POR ADEMIR PASCALE



Leny Pimenta - Foto Divulgação

Doutora em Educação; Ma em Linguística; Escritora; Especialista em Educação com Vivências em Educação Escolar: - (professora [rede pública e privada]; coordenadora pedagógica, diretora educacional; mantenedora); Escreveu em coautoria das 40 revistas de Educação tecnológica "LegoZoom" - ZOOM Editora Educacional-com autorização The LEGO Group - Dinamarca. Assumiu a direção em 2002 de um projeto de Educação tecnológica no Estado da Bahia junto à Secretaria de Educação coordenando formações de professores para a Educação Tecnológica na rede pública do Estado. Organizou a implantação da área de Ciência e Tecnologia com Lego na rede Municipal

de Curitiba, foi convidada a ministrar um curso de 30 horas sobre esse projeto em Havana/México, na Universidade de Engenharia CUJAE. A convite da LEGO foi conhecer o MIT - (Massachusetts Institute of Technology) - em Boston e, também a Legoland em Billund na Dinamarca. Colaborou na organização e escrita dos manuais e Fascículos LEGO-Líder: Nano Treck; Ocean Treck; Space Treck da ZOOM Editora Educacional (2001 a 2016); Foi autora das 08 revistas - coleção LEGO "Paulínia Stop Motion": Personagens Conhecidos: - Romeu e Julieta (um clássico escrito por William Shakespeare) e a Gata Borralheira (de Charles Perrault). Quem faz o quê? - País das Maravilhas (um célebre encontro entre o "Grilo Falante" e o "Coelho Branco") e a Cidade dos Sonhos (uma cidade dos desejos infantis). Gêneros: O Tesouro do Barba Negra; Operação

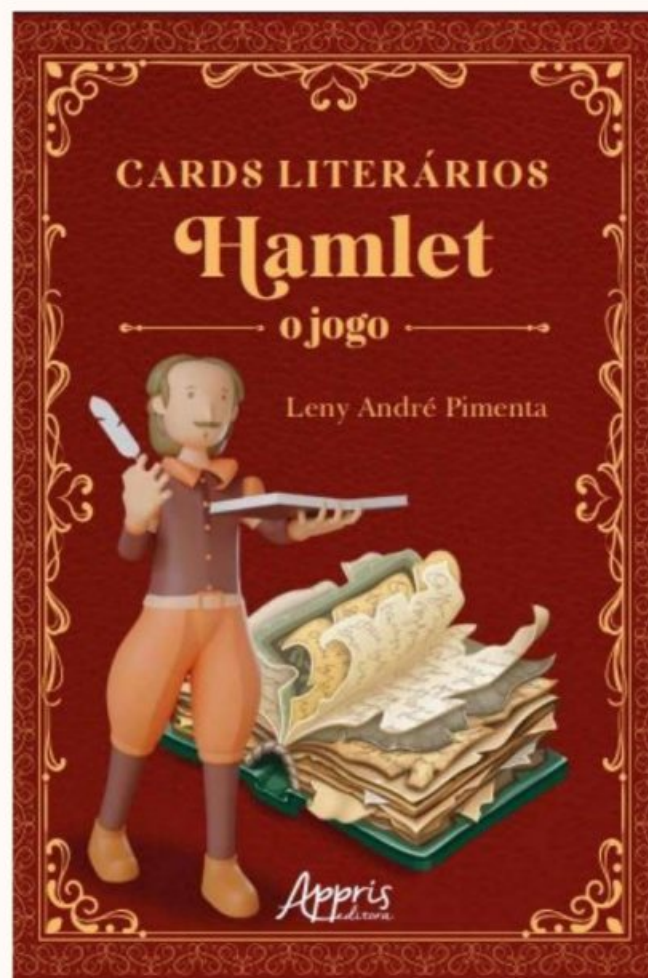
(DES)encana. Como se faz um filme: – O Fantástico Mundo; Dinos... em Ação (2008); Também participou como autora da coleção de livros didáticos para o 10. ano do Ensino Fundamental (2012) Editora PEARSON Sistema COC de ensino; Foi mentora e orientadora da proposta para a coleção de livros didáticos para o Ensino Infantil e Fundamental da Editora PEARSON (2013). Trabalhou como voluntária vários anos nas creches públicas de Cristais Paulista e em Franca/SP na assistência a projetos educacionais. Participou de Congressos Educacionais na Europa e na América do Sul (especificamente Espanha, Chile, Argentina e Peru) com a apresentação de trabalhos científicos assim como atuou na publicação de vários artigos científicos. Participou da organização e de capítulos de livros pela USP (vinculados ao grupo de pesquisa GEPALLE/USP); UNESP (vinculado ao grupo de pesquisa GESTELD), apoio do OBEDUC/CAPES/INEP. Palestrante na BETT Brasil pela USP/RP e pela EDUCACROSS; Tem atuado na participação em bancas de Mestrado e doutorado pela USP/SP e pela UNESP-Araraquara. É conselheira da Startup Educacross (Supera Parque Tecnológico- USP/RP) e do Colégio Monteiro Lobato-Franca.

CV:

<https://lattes.cnpq.br/840219993909282>

5

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início



no meio literário?

Leny André Pimenta: Tive uma infância no campo e repleta de “causos” e histórias o que facilitou a ter uma imaginação fértil e criativa. Ressalto que minha vida é movida pela paixão consciente que tenho pelo ato de educar, pela transformação e ressignificação de si, do outro e do mundo quanto aos modos de existência, que a meu ver, vai além dos saberes adquiridos, trata-se realmente de uma educa/ção. Atualmente após 50 anos de trabalho, continuo buscando novos conhecimentos, vivências e leituras que corroboram para o constante e

incansável modo de pensar. Pensar no legado a deixar para as futuras gerações, pensar e repensar sobre o propósito e, reposicionar constantemente para se deixar fluir no mais adiante os impactos de uma trajetória de vida como educadora. A literatura sempre esteve presente em minha vida e Monteiro Lobato foi/é minha fonte de inspiração... E, como o “eu” dele era a boneca Emília eu absorvi suas “comichões”...

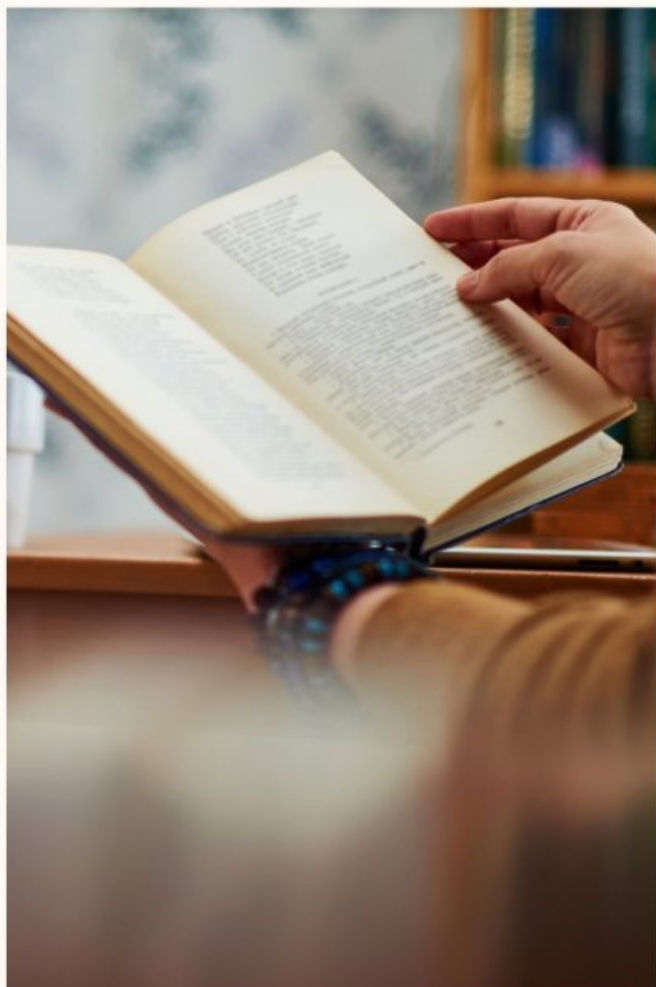
Conexão Literatura: Você é autora do livro "Hamlet - O Jogo - Cards Literários", poderia comentar?

Leny André Pimenta: Trata-se de uma obra acadêmica (Tese de Doutorado em Educação-UNESP/Araraquara), resultado de um trabalho investigativo (como pesquisadora do Gesteld-UNESP/Bauru e do Gepalle-USP/RP), e de observação sobre as práticas de ensino de leitura e escrita literária na Educação básica. Cujo objetivo foi o de verificar como os jovens atuam frente ao “solilóquio Hamletiano” e, de como estão sendo moldados pela cultura escolar na construção das identidades. Oportunizou-se ao sujeito aluno escritor/jogador uma imersão no campo das sensibilidades, a partir da jogabilidade dos “cards literários”, incitá-lo a problematização das situações vividas por Hamlet e trazê-las para uma experiência cognitiva/afetiva de si mesmo,

proporcionando a disrupção no modo de ler/pensar e agir, sobre si, o outro e o mundo de forma ética e reflexiva, rompendo com a for/matação dos modos de escrever e ler nas instituições escolares. De forma instigante, essa obra, possibilita abertura para outros gestos de leituras subjetivadoras e singulares no sentido de promover uma educação para o governo ético de si mesmo. Os resultados dessa literatura gamificada sinalizam para a melhoria dos modos de ler de forma prazerosa e crítica com maior envolvimento emocional, permite a criação de ambiente espontâneo e criativo, consequentemente, possibilita a autoria.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Leny André Pimenta: O processo de criação ocorre quando estou “implicada”, quando algo não faz sentido, quando há um estranhamento e, assim me desloco para situações desafiadoras, uma movência da intuição, uma fruição aliada ao desejo de ser capaz de recriar algo de forma pessoal e significativa. A maior inspiração é a própria realidade educacional que está naturalizada, presa a padrões seculares, nesse sentido me sinto instigada a desconstruir pelas “bordas” as práticas que corroboram para o



engessamento, tem-se a possibilidade de conhecer melhor os modos de dizer, pensar e sentir desses jovens e, por outro lado, ter subsídios para elaborar objetos educacionais que possam auxiliar professores a lidarem com questões como o governo de “si” e do “outro” (governamentalidade), a refletir sobre como trabalhar com a subjetivação, a identificação dentro do âmbito de questões existenciais que envolvem a formação do sujeito e, é justamente neste ponto que se ressalta a importância da literatura como arte e fruição em relação às questões existenciais.

Conexão Literatura: Poderia destacar

um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Leny André Pimenta: (...) pode-se pensar que a construção da identidade é advinda das relações singulares estabelecidas em decorrência das leituras realizadas, das experiências vivenciadas, da história pessoal de cada um e do(s) outro(os) que constitui o sujeito, implicando-o a todo momento, frente ao estranhamento, ao diferente, em dar novos sentidos, deslocando-o, possibilitando a (re)significar seu modo de existência e suas subjetividades. Sendo assim, podemos considerar que por meio da literatura trágica hamletiana o sujeito poderá se (re)avaliar, e talvez revelar em um outro sujeito mais autêntico de si, (re)constituído de identidades, subjetividades e singularidades outras. Dessa forma, pode-se compreender que a sala de aula deve ser um espaço dialético e dialógico de aprendizagem relacional constituído/construído por uma dimensão subjetiva, considerando as singularidades dos alunos, um espaço produtor de identidades, discursos e verdades, convertendo a escola em um amplo espaço social - relativos aos modos de conceber a si mesmos e ao outro, onde envolve aspectos simbólicos e emocionais, para cuidar de si e do outro, enfim espaço promotor de alteridades. (PIMENTA, L.A. 2023, p.71)

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Leny André Pimenta: Essa obra se encontra disponível em vários sites e Livrarias: Appris Editora; Amazon.com.br; Livraria Martins Fontes Paulista; Livraria Leituras; Disal-Distribuidora de conhecimentos; e outras...

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Leny André Pimenta: Sabe-se que o desenvolvimento da leitura, de forma ampla, contribui para um sujeito leitor-ativo que consegue se posicionar, sustentar/autorizar o seu dizer nas mais diversas situações de comunicação. Mas, o que se assiste, nas últimas décadas, circulando em reportagens, congressos, no ambiente acadêmico entre outros sobre a leitura é que o trabalho com a formação de leitores ativos não tem alcançado a eficácia necessária. Lê-se pouco, lê-se mal e até mesmo não se lê. Pode-se pensar que o ato de ler e de como se lê a literatura canônica é um desafio político que envolve democracia e cidadania, certamente a formação do sujeito aluno cidadão/leitor, o que implica em ir além dos muros da escola, implica formar, que implica conduzir, que

implica governar a si mesmo e ao outro, atuando no nível da micropolítica, na esfera das discontinuidades e nas brechas de uma experiência (onde se abrem as condições de efetuarmos diferentes conexões e combinações), favorecendo a construção de subjetividades por meio de outras maneiras de sentir, perceber, pensar e agir, isto é, de avaliar, a nós mesmos e às possibilidades de vida que estamos em vias de devir.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Leny André Pimenta: Sim, estou atualmente envolvida em um projeto de pesquisa que envolve ensino e extensão, uma vez que objetiva tornar-se um Programa de SUSTENTABILIDADE HUMANA para a Educação Básica. Que será desenvolvido no âmbito do Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos (GESTELD/CNPq – FEB/UNESP) e se insere no Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da UNESP DE ARARAQUARA, SP (PGEDU). A investigação conta com a parceria acadêmica-científica do CENTER FOR HEALTHY MINDS DA UNIVERSIDADE DE WISCONSIN-MADISON (EUA) sobre mente saudável.

É notório cada vez mais seja por meio da mídia, ou ambiente familiar, social e outros, a degradação não só do meio

ambiente como da estrutura social, econômica, familiar e até mesmo individual do ser humano. Assim, a educação seja ela em qualquer nível deve buscar o alcance do desenvolvimento sustentável - base sobre a qual se assentam a inclusão social, cultura de paz e não violência; respeito à diversidade étnica, racial e cultural; e garantia dos demais direitos humanos, necessários à criação de sociedades eticamente sustentáveis. Portanto, pensa-se que o programa de Sustentabilidade Humana, poderá atuar significativamente para a formação de um novo homem capaz de garantir a sobrevivência não só da espécie como de todo ecossistema do planeta, pois, somos seres terrestres vivendo uma experiência humana. Nesse sentido, cabe ao campo da educação a edificação da humanização por meio da ética, da estética e da política visando transformar o ser humano e a cultura para uma humanidade equitativa e generosa onde seja banida toda e qualquer forma de violência.

Perguntas rápidas:

Um livro: INVERNO NA MANHÃ - uma jovem no gueto de Varsóvia. Autor: Janina Bauman - editora: Zahar

Um ator ou atriz: Elizabeth Taylor

Um filme: Morangos Silvestres - direção de Ingmar Bergman

Um hobby: Observar e apreciar o entardecer nas "barrancas" do Rio

Grande...

Um dia especial: Natal

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Leny André Pimenta: Espera-se que os resultados dessa experiência possam colaborar para uma transformação do trabalho escolar com a literatura clássica, passando-se a respeitar a subjetividade de cada aluno, as singularidades de seu dizer, permitindo-os interrogar-se sobre sua própria conduta, velar por ela, formá-la e moldar a si mesmo como sujeito ético, a isso, se pode entender como "práticas de si".

Espera-se que as práticas com os cards possam apontar para novos percursos que fujam da repetição, da reprodução e da ausência de confronto com sentidos autorizados numa dada formação discursiva qualquer.

Espera-se, com este trabalho, o início de um processo de quebra de sentidos naturalizados pela ilusão da homogeneidade de uma ideologia dominante do saber "comum" para todos, característica do discurso autoritário estratificado e naturalizado na instituição escolar.

Espera-se instaurar "Gestos de leituras e Percursos de Sentidos", possíveis trilhas para análise discursivizada a partir dos questionamentos:

·Que perguntas poderiam se

estabelecer para os alunos a partir de um texto sem desprezar nenhum dos seus elementos constitutivos?

- Que conhecimentos seriam aí mobilizados por meio dos conhecimentos prévios?
- Que sentidos poderiam ser construídos e ressignificados?

São estas e outras preliminares que incidem sobre o desejo, a motivação, que impulsionam o sujeito aluno, a prosseguir com um espírito investigativo ao que se propõe para desvendar, relacionar, associar e ressignificar modos de ler/ser e existir.





Citações de Grandes Autores



“O que realmente importa na vida é o que se faz com o tempo que nos é dado.”

- O Senhor dos Anéis,
J. R. R. Tolkien



“Existem duas possibilidades... Ou estamos sozinhos no universo ou não estamos. Ambas são igualmente aterrorizantes.”

- Arthur C. Clarke



participe das nossas

Antologias



Tire o seu conto ou poema da gaveta

Saiba mais
CLIQUE AQUI

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Destino Atroz

POR ROBERTO MOLLERO

**UM LIVRO
ESQUECIDO QUE
CAIU EM MÃOS
DESASTRADAS**

Na cor verde, a velha capa, desgastada pelo tempo, tinha escrito “Destino Atroz”, sobre as esfoladuras da decrépita capa, onde provavelmente deveria estar anotado o título original. Dentro, um pouco mais de cem páginas amareladas pelo tempo, costuradas por linhas de algodão e coladas de forma rustica, características indicativas de um trabalho artesanal, e provavelmente feito por algum artesão ou artesã iniciante.

Alguns respingos de tinta pelas folhas, que poderiam ter sido causados pela emoção, indicavam ter sido escritos com caneta-tinteiro, ou talvez até mesmo por uma pena. Onímodo, o manuscrito em letra de mão, feito com uma caligrafia uniformemente espaçada, traços bem definidos, arredondados simetricamente. Deixando a impressão de ter sido escrito vagarosamente.

Teria sido esquecido ou deixado propositadamente naquela cafeteria?

Teria sido escrito por um homem ou uma mulher?

Na primeira página, somente riscos, em forma de traços longos e curtos intercalados, como se alguém estivesse tentando descrever uma chuva ou seriam as lágrimas?

Em seguida, um breve relato, com uma certa frieza emocional, sobre a chegada na Avenida Paulista, em abril de 1920. Naquela que era a mais recente avenida da cidade de São Paulo, projetada especificamente para abrigar os grandes casarões da elite cafeeira, a então chamada “Burguesia do Café”.

“Agora minha alegria se resume somente há alguns entardeceres, quando os tons de laranja cobrem o céu, rasgando o denso véu da garoa, que quase sempre permanece nesse novo cotidiano. Tão perto e tão distante, o casarão de estilo eclético onde permanece o meu amor, perto e longe desse casarão neocolonial luxuoso, com grandes cômodos, enormes venezianas com agradável vista para o gracioso jardim, belo demais para ser uma prisão, tornou-se meu cárcere de liberdade. Converso com meus sentimentos enquanto conto os passos e aguardo o tempo, tanto das horas quanto do clima, e conforme o final do dia se aproxima, o sangue corre mais rápido e a respiração torna-se mais ofegante. Por detrás dos balaústres da sacada do quarto, posso ver, do outro lado da grande avenida, dois casarões abaixo no sentido centro, a luz que deu sentido e também foi a desgraça de minha vida, o amargo em minha garganta e a cicatriz aberta no meu coração”.

Seria esse um livro ou um diário?

Pertenceria a um herdeiro(a) ou seria algum achado perdido em algum sebo da cidade?

O horário do almoço passou voando, com o livro em mãos, mal pode comer um lanche e precisava retornar, ainda teria pelo menos mais quatro horas de trabalho pela frente. Reparando o ambiente quase vazio, colocou o livro debaixo dos braços, pagou a conta e, caminhando algumas dezenas de metros, chegou ao escritório, porém, como conseguir concentração para trabalhar?

Em êxtase, de frente à bifurcação das emoções, as palavras que atravessavam as retinas, delicadamente embargadas pelas lágrimas da curiosidade, se dividiam em sentimentos. A doçura fragmentada se dirigiu para o cérebro, enquanto o gosto levemente apimentado estacionava na garganta. De qualquer forma, ambas, da mesma maneira, causavam o mesmo arrepio no peito, a respiração lenta, profunda, acalmando o delírio da ansiedade do que estaria para chegar, mas que só poderia ser descoberto na próxima página. Os dedos indecisos hesitavam pelo conflito da insegurança represada no coração. Tamanha pressão poderia até romper o mais resistente e expresso dos diques, mas com um rápido olhar para os lados, suspirou profundamente, fechou a leitura e abriu as portas da imaginação.

Nas mesas ao lado, colegas trabalhando normalmente, pelo corredor, a contínua movimentação de pessoas deixava o ambiente ordinariamente corriqueiro, mas na mente algo não era mais o mesmo. Novos pedidos foram chegando e foram deixados de lado, apesar de o computador estar ligado e conectado ao sistema de registros, nenhuma tecla era pressionada, nenhuma folha era lida, nenhum registro cadastrado. A atenção toda agora estava no manuscrito, pela caligrafia geometricamente perfeita, naquelas folhas trancafiadas em algum lugar no tempo e por quanto tempo estará guardado?

Repleto de palavras indecifráveis ao primeiro olhar, palavras abandonadas ou talvez substituídas pela evolução cultural, algumas nem até o buscador era capaz de identificar seu significado. Era necessária uma leitura calma, porém a intensa curiosidade por todo o contexto ao qual esse pequeno livro chegará em suas mãos, incendiava a prudência, isolando a paciência em outro lugar distante dos olhos, da mente e principalmente do coração, sendo assim, outra página foi devotadamente desvendada.

“Por uma gleba de terra foi erigida a cerca invisível da ganância, e de tão presente ao convívio dos ouvidos, nada mais parecia fazer sentido para os dois irmãos e suas famílias. Filhos do Capitão Mor da região oeste paulista, Dom Pelayo do Ó Tomé, que faleceu algumas semanas após o golpe da República, na tentativa isolada e frustrada de lutar pela restauração do Império do Brasil. Dos sete sucessores legítimos, cinco concordaram com a distribuição do legado deixado por Dom Pelayo, porém Péricles e Perseu não aceitaram e se instalou uma disputa familiar para a posse das terras ao lado do córrego, que cortava as terras e era um dos principais meios de escoar a produção do café”.

Seria isso um diário?

Ele ou ela, quem de fato havia escrito?

“Em meio a essa insana disputa, primo e prima de primeiro grau, que cresceram juntos e juntos descobriram o fascinante sentimento do amor, agora seriam terrivelmente castigados pela ruptura abrupta e indesejada. Aquêle prazeroso convívio cotidiano estava banido e proibido por toda vida”.

A ostentação, que antes era freada pela conduta rígida de Dom Pelayo, sem a tutela do progenitor, acarretou exibicionismo e cada um dos sucessores legítimos tentou demonstrar superioridade, comprando terras na mais nobre das regiões na Capital de São Paulo.

Foi assim que, em poucos anos, sob a influência da arquitetura europeia, em estilos neoclássicos, ecléticos e neocolonial, se ergueram sete luxuosos casarões na avenida Paulista. Aquela que desde o início foi projetada para abrigar a riqueza, mas que, em sua subconsciência ao longo dos anos, terminaria por abrigar prisioneiros da exuberância e órfãos do amor.

Durante os anos iniciais dessa insana disputa, encontros abrigados nas sombras ainda eram possíveis, porém arriscados, tanto que, quando foram surpreendidos e descobertos, a tragédia iniciou-se. Dois casamentos arranjados às pressas e forçados foram realizados, do amor foram afastados e vítimas das obrigаторiedades matrimoniais da época, logo os descendentes encheram os casarões da avenida Paulista.

Ainda distante das cidades do interior, a modernização que acontecia na capital alterou o antigo convívio basicamente restrito familiar. Os rádios trouxeram uma nova febre por cultura, fazendo a elite paulista buscar divertimento, apesar de a atividade noturna ser bem limitada. E mesmo assim, o destino atroz voltava a judiar impiedosamente dos que carregavam o amor proibido escondido no coração.

“Enclausurados pelas circunstâncias, nosso amor voltava à vida, na troca de olhares furtivos, sempre que o destino atroz, casualmente, nos colocava ao mesmo tempo, no mesmo ambiente. Quase impossível controlar a vibração da energia que nossos olhos enviavam, poucas reminiscências das peças ou óperas no Teatro Municipal, tão pouco recordação das músicas tocadas nos luxuosos salões de baile ou das tardes no clube Paulistano, mas jamais saiu de minha memória, a energia que vinha daquele olhar, que por vezes, deixava a impressão de ser um chamado, o silencioso convite de um amor em agonia, que na maioria das vezes era tão reluzente, como lascas de diamante se relevando insinuantemente para a luz, disfarçar até era tentado, mas não tão eficientemente.”

Cada palavra era absorvida em sua plenitude, fazendo a imaginação se adiantar impaciente, na busca por desejar saber o final, tantas curiosidades que estavam envoltas em mistérios.

“Entre os olhares, de olhar em olhar e a cada troca de olhar, o brilho como um farol a proteger as embarcações dos perigos a diante, então, o passado vivido era revisitado em detalhes, e foram esses passeios pelos sentimentos escondidos, que mantinham a lucidez, mudar o rumo e encarar o que não podíamos controlar. Sonhar era a única esperança de um futuro diferente da vida que nos forçaram viver. Os braços eram outros, assim como o cheiro e o som da voz, porém, dentro do coração, o amor ainda mantinha o foco no que não foi, e você é tudo que penso quando as obrigações matrimoniais, violentamente, me obrigam a cumprir meu papel. E eu sempre revivo aquela tarde chuvosa no celeiro abandonado, quando os jovens sentiram o sabor da vida adulta e se tornaram um.”

Já não estava mais só torcendo por um final feliz, já propusera imaginar diversos cenários para um final, onde o amor venceria toda adversidade, derrotando esse destino atroz pelo mais belo e sincero encontro de amor. Finalmente, o expediente chegou ao fim, e só a introdução em três páginas, das pouco mais de cem, haviam sido lidas. Impaciência era dona do tempo, mesmo que em poucas horas todo o tempo do mundo estaria disponível para concluir a leitura e saciar a louca curiosidade.

Logicamente que o costumeiro convite para beber algo foi rejeitado, o destino para finalmente desvendar esse “destino atroz” estava traçado. Livro em mão, partiu rumo ao metrô, hora do rush e basicamente entrou no vagão no meio da massa, que, feito uma boiada disparada, buscava um lugar seguro para ficar. De repente, se sentiu mais leve e o coração mais pesado, sua mão estava vazia, empurrar todos que estavam próximos foi uma tentativa desesperada e sem sucesso, o livro havia desaparecido de suas mãos desastradas, sem deixar vestígios, deixando somente o inconveniente amargo da frustração.



Roberto Mollero, nascido em 1960 na cidade de Santo André em São Paulo, formação em Comércio e extensa vida profissional pela região do Grande ABC, Qualidade e Projetos Avançados. Aposentado encontrou tempo para a escrita, passou a compartilhar histórias nas redes sociais em forma poemas. Em 2020 durante a pandemia começou a publicar alguns contos na Revista Digital Conexão Literatura, tendo também publicado alguns livros pela plataforma Uiclap.



Quando abro um
livro, também abro
minha mente.

A BATALHA DAS BOTAS

POR CARLOS HAGABÊ GODOY



Não olhe nos olhos do inimigo. Eu sei que tinha lido isso em algum gibi ou visto em um filme qualquer, desses que passam à tarde, mas me parecia carregado de uma certa verdade. Agora que eu precisava extrair sabedoria de algum lugar, - e pelo pouco apreço pela religião, herdado de meus pais -, aquelas palavras tinham um efeito benéfico, caíam com perfeição: “Não olhe nos olhos do inimigo”. Eu não olhava, embora os olhos daquela, digamos, general, vez por outra procurasse meus olhos, como se em algum momento, numa distração, pudesse ler o que estava por vir.

Eu já era astuto, bem antes de saber o que era ‘astúcia’; tinha visto *Patton* enfrentando os alemães e *César* dando as boas-vindas a seus exércitos vitoriosos. Já *Maximus*, bem, ia ser um bocado demorado até conhecê-lo na sua triste caminhada infrutífera rumo ao sonho de uma vida como agricultor. Mas o que eu sabia é que, por vezes, é preciso lutar para encontrar sossego. Isso mesmo: o caminho da paz pode ser construído sobre corpos. Eu não me importava se tivesse de ser duro como aço para conseguir a vitória, porque eu ia ser magnânimo com os derrotados — se bem que, na época, pode esquecer a palavra ‘magnânimo’ e substituir por ‘legal’. Não, jamais o polegar pra baixo. Eu ia é ser magnâ... legal com os inferiores.

As recomendações eram menos que um zumbido distante, fragmentos que iam ser dissolvidos pela chuva, sim, pela chuva feito uma bocarra de mil dentes gelados preparando o campo de batalha. Nossa imaginação corria solta, antecipando as delícias de colocar os adversários de joelhos; quem sabe, melhor ainda, deitados na lama, olhos postos no céu indiferente. Que triste, seria, para eles, conhecer dessa frieza por parte dos deuses — e mais uma vez lá ia minha cabeça mal treinada nos lenitivos da religião fabricar caraminholas —, ignorantes do caráter total da divindade — com ‘D’ maiúsculo para o batalhão de crentes — que eu sentia como uma tristeza ampla sem o ‘lenitivo’, mas com a ‘caraminhola’, triste pelo abandono cósmico com que teriam de se haver os pobres inúteis. Refletindo, depois, quando nem sequer sombras daquele dia perseveraram, quem pode dizer que fui ímpio, se inundado de humanidade naquele momento crucial, no qual tudo era extremo?

Lá fora já havia o segundo dilúvio apagando a paisagem, batendo nas janelas com aldravas furiosas. Aqui dentro éramos como manada, excitados e absolutamente desprovidos de um traço que fosse de medo. Que as mulheres se recolhessem, envergonhadas de nossa beligerância; que se calassem no silêncio de suas reprovações. Quando momento é da ação, a razão não passa de fragilidade.

Na época, diga-se, eu desconhecia a maestria feminina em prostrar o oponente com um singelo ‘não’, em cravar fundo o estilete da indiferença e girar lentamente a fim de causar a maior dor possível. Ignorante sobre a verdadeira correlação de forças, seguia sem lançar mão dessas combatentes inflexíveis, tão falsamente avessas à selvageria, a quem atribuíamos um papel secundário que fingiam aceitar: “Danças de salão e correio elegante não fazem com que exércitos recuem”, acredito que era isso o que pensávamos, tão tolos. Mas o inimigo não parecia baixar armas, pelo contrário, persistia na cantilena benevolente, em discursos moralistas implicando ascendentes em outros tipos de lutas, aos quais éramos absolutamente refratários, pelo que tinham de cotidiano, raso, estranho ao heroísmo que exalávamos por todo o corpo.

Quando os portões eram abertos, nada de “Você também é responsável”, muito menos “Em terras brasileiras vou plantar amor”. Ouvíamos o desespero indistinto das professoras em uníssono, enquanto corríamos como se voássemos, ríamos como quem perde o juízo, sentíamos-nos alegres como jamais voltariamos a ser. Começava a grande “Batalha das Botas”, a corrida sem regras, sem chegada, sem prêmios, sem o que quer que fosse passível de ser comprado, vendido, barganhado, surrupiado. Um rito quase amoral a se repetir principalmente nos verões que bramiam armas benfazejas de puro líquido, escorrendo pelos cabelos, molhando as roupas, chegando à pele, e mais fundo: lavando nossas almas, tornando-nos ainda mais puros, como se isso fosse possível.

O desenho urbanístico da cidade onde vivíamos, ainda incipiente, era um emaranhado de ruazinhas estreitas, vias de escoamento rudimentar, profundas valas entre o pavimento de paralelepípedos e as calçadas. Ambiente perfeito para a materialização, durante as tempestades, de poças enormes, verdadeiros lagos, e de enxurradas como estranhas cachoeiras horizontais. Um mundo ao mesmo tempo novo e ancestral, palpável e mítico, surgido das águas.

Aquela era a atmosfera remota a nos impelir, munidos de botas de ordinária borracha, como conquistadores, destemidos, bárbaras hordas suplantando a disciplina dos professores, tão ciosos dos uniformes que, sabiam, a custo haviam sido comprados por nossos pais. Éramos rebeldes, bucaneiros, delinquentes, cujo castigo era aguardado assim que penetrássemos o território conhecido de nossas casas, depois de chafurdar nas águas sujas, enlamear os adversários, perder de vez a parca admiração que as meninas, porventura, pudessem nutrir por nossas figuras.

Saídos das salas de aula fartos de *Alexandres* e *Napoleões*, surdos por gritos às margens do Ipiranga ou do *Rubião*, nauseados pelos *Versalhes* e *Yaltas* de toda sorte, era nosso destino fazer o que fazíamos, fingindo-nos de indestrutíveis, assim frágeis, assim suburbanos; e de nada adiantavam ameaças e reprimendas: nossa batalha era travada rua a rua, quarteirão a quarteirão, centímetro por centímetro, sem descanso, sem tréguas, desprezando todo tipo de falsa piedade.

Depois..., depois nos submetíamos aos corretivos como heróis, como santos, como guerreiros providos da mais genuína, incomparável, agora já extinta, felicidade.

Meu nome é **Carlos Hagabê Godoy**, tenho 61 anos. Morei por exatos 40 anos em São Paulo, onde estudei Jornalismo. Agora vivo em Barão Geraldo (Campinas) – com um pouquinho mais de silêncio e verde das plantas – não de pessoas verdes ou amarelas de poluição... e procuro manter distância das vermelhas de raiva. Sou um ariano – no signo; latino – no sangue que ferve por algo. Pai do Henrique e do Eric (que personagens ricos!). Fiz o curso de Dramaturgia da SP Escola de Teatro, porque de Drama eu sou bom, embora prefira a placidez dos livros.
E-mail: carloshbgodoy10@gmail.com

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA **ESCRITORES**

DIVULGUE O SEU **LIVRO** CONOSCO

*Especialista em divulgação
de livros e autores*

**DIVULGUE PARA
MAIS DE
1 MILHÃO DE
SEGUIDORES**

APENAS

R\$ 180,00

Entre em contato:

e-mail: ademir@divulgalivros.org

revistaconexaoliteratura.com.br



POR LUCAS JOSÉ DA SILVA

QUINHA



O dia nasceu com o silvo lento da chaleira na trempe. O aroma do café subia, misturando-se ao cheiro da terra úmida que atravessava a janela aberta, e o mundo por dentro da casa ia acordando devagarinho. Quinha abriu os olhos e, por um momento, permaneceu escutando o murmúrio da manhã. O som da chaleira assoviando era um convite à alma pro corpo, e a criança se levantou, arrumou-se em dois pulos e atravessou a cozinha. Enlaçou a mãe num abraço rápido e saiu para o quintal, onde se jogou sobre o perfume das lavandas. O céu estava aberto, e dentro de si brotava um desejo incontornável: era o dia de conhecer a cidade.

Após o café, partiu. A mãe, sem suspeitar, acreditava que o caminho da criança a levava à escola. Mas Quinha seguia com os pés no pó da estrada e os olhos acesos de curiosidade. Queria ver a cidade. Cidade mesmo, feita de rua de pedra e de gente que passa sem saber nome. A caminhada era longa, mas a alegria do percurso a fazia leve. Na ida, deu com menino e menina, tudo criança como Quinha, correndo nos barrancos, catando vento e riso. Foram juntos por um trecho, rindo de coisa nenhuma, jogando conversa fora e estória inventada. Em meio às risadas, um latido rasgou o ar e seu peito se apertou. Os cachorros soltos rondavam as cercas, os dentes à mostra. O medo veio por baixo do pé, subiu pro estômago e agarrou no peito. Quis voltar. Mas não voltou. Seguiu mesmo assim, correu — porque a raiz de querer, nem enxadada dá conta de arrancar.

Mais pra frente, um velho empurrando uma bicicleta enferrujada. Suas mãos vacilavam no guidão, e Quinha acompanhou o passo buscando ali alguma segurança. Caminharam juntos por um tempo, o senhor contando dos filhos, dos netos, da casa de farinha, da vida que passou sem que ele tivesse tempo de vê-la inteira. Parou depois dum tanto e disse que dali não seguiria mais. Quinha agradeceu sem dizer palavra e apertou o passo. A luz do dia começava a esmaecer, e o céu já bordava algumas poucas estrelas entre as sombras do entardecer.

Finalmente as primeiras casas surgiram, as ruas de paralelepípedo se desenrolavam diante de seus pés. Os postes lançavam uma luz amarelada que se espalhava em reflexos nas janelas. O coração de Quinha bateu acelerado, radiante. Era alegria, mas também era outra coisa que não sabia nomear. Logo a euforia cedeu espaço ao cansaço, e a fome apertou o estômago. Numa esquina, uma padaria chamou-lhe a atenção. Atravessou a rua de forma descuidada entre os carros e se aproximou da vitrine de onde sentia cheiro sem nem precisar entrar. Os olhos percorreram os pães e doces empilhados, mas então pararam. No reflexo da vidraça, viu-se.

Não era Quinha que olhava de volta, mas um rosto envelhecido, sulcado pelo tempo. Assustou-se, recuou. Tocou o próprio rosto, tentando encontrar sua imagem, mas só via aquele outro alguém. Sentiu um nó se formar no peito. Sentou-se na calçada e olhou para o céu, onde muitas estrelas já cintilavam em silêncio. Pensou na mãe, no quintal, no cheiro das lavandas. Pensou no dia que acabara de viver, na estrada longa, nas amizades, no medo, nas alegrias.

E o choro veio mudo, porque Quinha era silêncio por dentro. O peito amoleceu, os olhos pesaram. Respirou como quem despede. E ficou.

Natural de Diadema, **Lucas José da Silva** cresceu entre livros, partituras e histórias. Estudou música e filosofia, e encontrou na arte uma forma de escutar o mundo e transformar o que sente em som, palavra e gesto. Atua com música, educação e projetos culturais e, sempre que pode, escreve.

@CONEXAONERD

Conheça o Canal

CONEXÃO
NERD



INSCREVA-SE

APRESENTADO
POR
ADEMIR PASCALE



POR MOIRA

O BILHETE



As mãos trêmulas deixaram o casaco. Não conseguiu desviar a atenção do farfalhar incômodo no bolso. A chuva fina cobria os ossos e o frio vincava sua pele. Emoções borbotavam sob o som agudo do apito do trem. Nas brumas de sua memória, inalava os becos escuros por onde caminhava. No deserto de sua existência, vagava. De repente, seu grande amor materializou-se de forma tão sutil, orbitando seu universo. Um sorriso afável, uma companhia silenciosa, um acalento inesperado. As mãos eram um perfeito bordado e o ar emanava tépida brisa. Momentos de exuberante felicidade encharcaram sua mais remota esperança. Um verso de tenra voz, o veludo discreto e marcante de sua pele alva. Lembrou-se dos encontros na velha ferrovia, a intensidade dos seus sentimentos ainda ardia. O uivo agudo do vento teimou em trazer-lhe ao presente. Subiu a gola do casaco sem divisar de onde ele soprava. Seu íntimo rogava por um abraço, mas o pensamento teimoso retornava ao passado. Um telefonema. No outro lado da linha, a mãe do seu amante disparou: — “Carlos? Estamos te aguardando!” Aproveite e fique para dormir como sempre”. O engano da matriarca levou sua voz, outrora grave, a encolher. Imóvel, uma dor aguda alijou suas pernas. Num salto do tempo, reviveu o último encontro: ao bater, a porta se abriu com um tímido sorriso. Num átimo, em incontida fúria lançou palavras de lava. Sem aguardar, seu corpo virou-se em movimentos descoordenados. Nessa trôpega e desarticulada fuga, aqueles dedos conhecidos estenderam-lhe um bilhete: “Não posso ficar com você. – F”. Então aquele vagão se foi, e com ele um retumbante remorso. Tentou uma reaproximação, naquela mesma estação. “*Tudo em vão*”, pensou. Percebeu-se fitando o céu e ainda sentia a fumaça embaçada daquele tempo. Seu corpo exaurido trazia ao mesmo local uma débil esperança. O trem partiu, como era habitual, e nunca mais olhou para trás. Marcio tirou do bolso o bilhete, tão rugado e cansado. Tinha alma ajoelhada, a tez fria e o corpo crispado... Nenhuma lágrima. A antiga locomotiva acalentava um infundável sonho. “Um dia Fábio retornará àquela estação!”

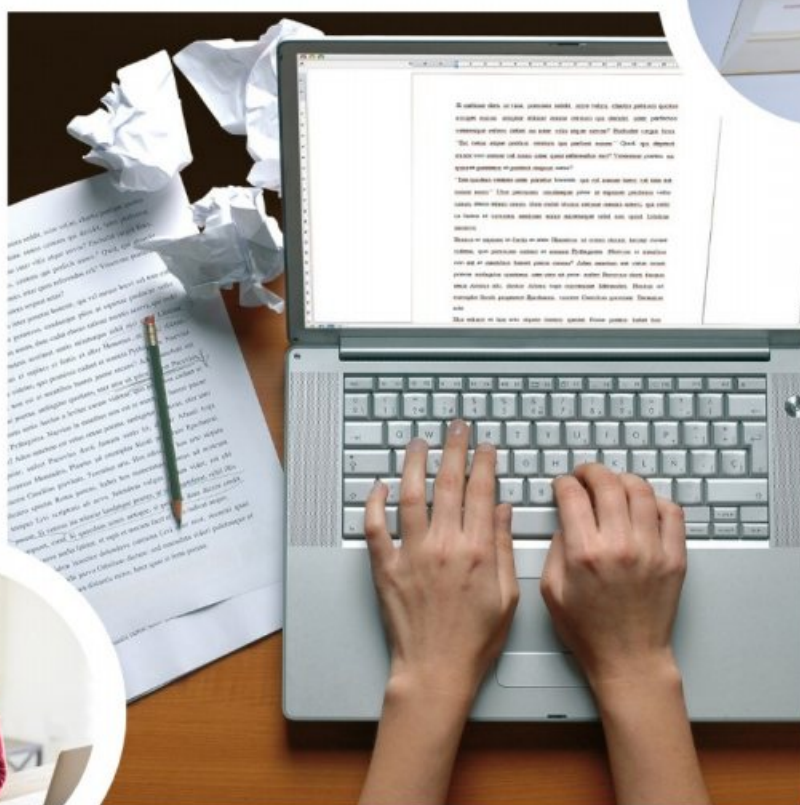


Christiane (Moira) nasceu em 1966. Graduiu-se Farmácia e Bioquímica (UNESP), 1988; seguiu carreira docente na mesma faculdade (1990-2022). O sentimento de perda de seu pai e solidão foram chaves para sua inspiração poética.

Divulgue o seu livro nas edições da Revista Conexão Literatura



- » Autor(a), atinja o seu público alvo
- » Divulgamos para milhares de leitores



entre em contato:
ademir@divulgalivros.org

www.revistaconexaoliteratura.com.br

POR IDICAMPOS

PAPAGAIO



Papagaio, preguiçoso tipo carrapato, grudava na estrela do próximo, sugava a atenção de quem lhe cedia a audição. Repetia sempre o discurso alheio, sem perder tempo elaborando seu próprio pensamento.

O vespertino verde e amarelo falava pelos cotovelos, aliciava com palavras, enveredava no vale-tudo pra se dar bem... Reproduzia, com eficiência, o que fosse mais lucrativo, usava a maledicência para condimentar os fatos e interferir na realidade.

Escutava um trocinho aqui, fazia um tsunami ali; transformava um grão de areia num deserto árido. Descontextualizava os fatos, maquiava perfis, dissimulava a imagem pra agradar o receptor.

A industrialização do conteúdo deixou o senso comum refém da informação duvidosa, ainda mais o bichinho que nunca havia frequentado a escola. Estabelecia receitas de bolo, formulava pensamentos em série, reproduzia a ideologia da comunicação de massas, era uma marionete do sistema. O papagaio Julião, nesse registro, pousa como vítima da ignorância humana.

O Papagaio queria ser gente, amplificava as ideias conforme o colocado no seu cérebro extenso de azeitona. Quando um passante dizia algo feio, repetia copiosamente; escutava um samba, rebojava igual passista no poleiro; se recebesse um “muito obrigado”, sentia-se obrigado a tagarelar mil vezes a gentileza.

Na casa do Chico, o animal desempenhava papéis que iam de conselheiro a testemunha dos conflitos da família de classe C. Classe social capaz de esticar a ética e ascender de forma fraudulenta.

Vira e mexe, o papagaio Julião embaralhava as questões, apoiava as reclamações de Tereza contra o marido. Chico, alerta aos lances da relação, corrompia Julião com carícias nas penas. Caso o papagaio seguisse seus papos, ganhava honras de barão; do contrário, ficava sujeito às sobras da refeição.

Tereza cuidava do animal com afago, porém temia os embaraços causados pela língua ferina do pássaro. Julião participava dos mínimos detalhes do lar da quitanda, na Rua da Discórdia, 45, em frente ao campo do Heliópolis.

Chico, cearense de Fortaleza, largou a lida de vendedor de cocadas na praia de Iracema para tentar a vida no Rio de Janeiro, estabelecendo-se na Baixada Fluminense, no município de Belford Roxo.

Chico beijou Tereza a primeira vez ao sabor das ondas da Praia de Iracema. Tereza de Ilhéus banhava a pele baiana, cor de chocolate, nas manhãs ensolaradas do verão, próximo à bandeja de cocadas de chico; ali se apaixonaram. Na época, a morena tinha o

codinome de “virgem dos lábios de mel”, em homenagem à arte da palavra de José de Alencar.

O vendedor de cocadas, com uma lábia doce, cortejava a moça com o quê possuía. Na segunda cocada branca; na terça preta, queimadinha do sol; na quarta, de maracujá, já sonhava com a calmaria das formas bronzeadas dela. Cada dia que surgia, trazia novos sabores... Neste balanço, o mar do destino convergiu os corpos dos amantes num conjunto interseção.

Juntaram os trapos, ela confeccionava as cocadas, ele vendia. No fluxo, brotou o primeiro filho, desestruturou o frágil orçamento do casal. As cocadas rendiam uma ninharia, insuficiente para sustentar a família em crescimento.

Confabularam sobre o futuro, decidiram mudar de vida. Passaram pra frente a economia familiar. Embarcaram no sonho carioca de sucesso. Queriam vivenciar a felicidade dos sambistas.

No andar da carruagem, dispensaram as bugigangas, fizeram as malas, passaram cebo nas canelas, foram arriscar o pescoço no Rio de Janeiro. Desceram na Rodoviária Novo Rio, em pleno carnaval, com uma pequena quantia no bolso, acompanhados da esperança num futuro promissor.

Dali, ingressaram com três malas pesadas no ônibus, no sentido de Belford Roxo; certificaram-se do itinerário mostrando o endereço ao motorista. Cento e oitenta minutos depois, descarregaram na Rua da Discórdia, no domicílio da prima Filomena.

Filomena acolheu o triângulo cearense no quarto dos fundos. Chico, esforçado, ralou o bucho, adquiriu uns tijolos, comprou cimento, esticou a laje. Fez um puxadinho. Coisa de quarto, sala, cozinha e banheiro.

O terreno, por direito, pertencia ao conjunto dos descendentes do clã. Herança dos avós de Tereza e Filomena. Os nordestinos, assentados no lote, arrumaram emprego. Chico prestou serviço na barraca de ovos, propriedade de Getúlio, marido da prima Filomena, na feira livre. Tereza partiu pra fazer faxina nas casas da burguesia.

No início, no trabalho com os ovos, contava com oito horas de expediente e uma hora de almoço. Na sequência dos fatos desencadeou-se atividade análoga à escravidão. Getúlio, ganancioso, arrancava o couro do cearense com uma jornada desumana de doze horas diárias, de domingo a domingo.

A desonestidade é um patrimônio imaterial da humanidade, vide o caráter de Chico que reclamava da exploração do patrão; todavia toda a oportunidade de estar só, no balcão, terminava com a mão boba na gaveta do dinheiro. Iniciou apanhando dez reais,

na frente cinquenta reais, acostumou-se e disparou nas notas de cem. Sem nenhum pudor de roubar, fez a farra... Um pelo outro, ninguém valia nada.

Tereza, cansada das reclamações do esposo, mas também exausta de esfregar o chão das falsas madames, confabulou com o companheiro. Fizeram a contabilidade do dinheiro desviado da família da prima Filomena. Descolaram bom crédito no Ceasa, alugaram uma esquina inteira na Rua da Discórdia. Abriram uma quitanda feito mercado. Os pilantras, por sua vez, enchiam a boca pra dizer: “nós tivemos sorte”.

Neste ínterim, visitaram a feira de Caxias, famosa no exercício ilegal de venda de aves silvestres. Afeiçãoaram-se a um filhote de papagaio, botaram preço, fecharam o rolo. Escolheram chamá-lo de Julião.

Julião aprendeu a falar com Nelinho, o filho dos dois, um moleque de treze anos, sem um pinga de educação. Nelinho ensinou o bicho a mentir e falar palavrão.

O papagaio vacilava de montão. Preso na gaiola, na entrada da loja, entregava as falcatruas da Quitanda da Discórdia, não inspirava confiança. Revelava, sem piedade, o segredo do lucro extorsivo do Chico na cara de pau. Denunciava a comercialização de alimentos carregados de agrotóxicos, proibidos no mundo inteiro. Aliás, muitos somente usados na agricultura brasileira.

Chico acordava cedinho, ligava a caminhonete, ganhava a pista, viajava no sereno do amanhecer. Visitava as plantações de produção em larga escala, as roças enroladas com a fiscalização, o agronegócio envolvido com uso indiscriminado de produtos cancerígenos.

Os fregueses, de orelha em pé, atentos aos acontecimentos, acompanhavam o falatório de Julião, as denúncias da ave traidora. Entretanto, escaldados pelas constantes mentiras do papagaio, nem davam bola pro inconveniente, o papagaio Julião perdera a credibilidade.

A história degradingolou após alguns meses, pois começaram as alergias no povo, a má digestão, a cólica biliar, a diarreia, as manchas na pele, a cara pálida, os olhos fundos de medo da morte. O envenenamento evoluía em rebanho entre os moradores, dada a gravidade da intoxicação pelos inseticidas.

Os donos da Quitanda da Discórdia evitaram consumir os produtos contaminados, mantiveram a saúde em dia. Preveniram-se dos desdobramentos do uso abusivo da química maléfica.

Os salafrários observaram, atenciosamente, o resultado da tramoia e a conjuntura desfavorável. Ficaram ligados no dito popular, arrumaram os bagulhos, recolheram as

coisas de valor, sacaram a grana no banco, arriaram as portas da quitanda, sumiram na poeira da estrada.

O Papagaio Julião mudou de status: calou o bico, foi depenado, temperado e espetado. Recebeu tratamento de petisco num tira-gosto patrocinado pelas vítimas da Quitanda da Discórdia.



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

DIVULGUE O SEU LIVRO OU TEXTO NA



Revista Projeto AutoEstima

Entrevista: R\$ 180,00

Entrevista. Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

Texto: R\$ 70,00

Poema até 2 páginas, R\$ 70,00

Conto ou crônica até 4 páginas, R\$ 70,00

Para acompanhar o nosso trabalho, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/>

E para consultar o nosso MÍDIA KIT, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.com.br/midia-kit/>

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/p/edicao-atual.html>

Contato: elenir@cranik.com C/ ELENIR ALVES

DIA DOZE?

POR LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE



Patrícia mal acreditou quando o viu, caminhando em sentido oposto ao seu numa calçada apinhada de pessoas, junto à movimentada avenida metropolitana.

Eram quase nove horas e os transeuntes pareciam em franco desespero para chegarem aos seus destinos diante do horário de entrada no trabalho e o terrível ponto disposto a testemunhar, sem tréguas, cada segundo de atraso.

Sim, era ele. Rui. O seu Rui. O que namorou dos vinte e cinco aos trinta e dois anos. Aquele com o qual planejou casamento, família, filhos, envelhecimento afetoso com companheirismo...mas tudo se acabou num monólogo curto, seco, inexplicável e repentino de “desculpe, mas não te amo para casar, ainda sou muito novo, não estou preparado”. Ela sabia que algumas amigas usavam de artimanhas para engravidar de modo deliberado, a fim de “acelerar as coisas”. Mas nunca pensou nem quis agir assim. Um filho deveria ser desejado, fruto de planejamento familiar. Um projeto a dois...

Quase de modo instantâneo, sentiu seu corpo estremecer, uma impressão de susto, medo, um arrepio frio na boca do estômago. Sentiu-se até mesmo um pouco atordoada. Não queria passar ao lado dele. Queria esquecer sua existência, colocá-lo no lugar de indiferença emocional, que foi justamente o que ele lhe endereçou. Ela, que tanto o amara, era um passatempo, uma companhia, enfim. Algo descartável. O fato da ruptura haver se verificado há quatro anos não fazia qualquer diferença para seus sentimentos.

Ele caminhava com a cabeça baixa, com os olhos vidrados no celular, que segurava com ambas as mãos. A impressão que lhe passou é que o aparelho estava preso firmemente, diante da notoriedade do risco de furtos em via pública. Usava fones de ouvido sem fios.

Patrícia respirou fundo. Não podia fugir. Era uma mulher adulta, precisava enfrentar seus temores, encarar seus demônios. Ainda que os houvesse amado profundamente. E irresponsavelmente, em relação a si mesma e ao estrago emocional que lhe legou o status de uma cidade bombardeada com mísseis de longo alcance, repleta de escombros...Mas já estava melhor. Não chorava diariamente. Talvez quinzenalmente, essa era a média...Olhou firmemente em direção a Rui. E caminhou com calma.

O rosto dele estava impassível. Um leve sorriso com o canto esquerdo dos lábios e, depois, muita atenção em algo exposto na tela iluminada do aparelho celular. O que seria? Estava magnetizado, como se uma mensagem ou imagem interessantíssimas estivessem sendo transmitidas pelo pequeno vídeo.

Passos nem largos, nem diminutos. Marcha normal. Ambos. Preocupou-se Patrícia em não fazer gestos abruptos. Mas considerou que fosse impossível ele não vê-la, ali, ao lado dele, em sentido inverso na trajetória da caminhada. E ela estava usando um perfume importado, de uma marca famosa, do qual ele gostava bastante. Ao menos seu odor iria chamar a atenção....

Mal pode acreditar quando, após Rui passar a menos de meio metro de distância de si, simplesmente não levantou a cabeça, subsistindo teimosamente na contemplação do conteúdo digital do aparelhinho portátil, certamente, muito mais valioso do que ela para o

homem que amou um dia. E que talvez ainda amasse, em seu âmago. Não queria pensar a propósito.

Foi apreensível o fato de que, após esse instante, ele levantou a cabeça, mas não se lhe afigurou ocorrer qualquer percepção da presença de Patrícia. Continuou a caminhada, no mesmo ritmo concatenado. Já ela enrijeceu o corpo e se forçou a não olhar para trás, percebendo com o canto do olho esquerdo o gesto do corpo dele, apenas endireitando-se.

Subsistiu sob os passos autômatos e desprovidos de vigor, de vida, de entusiasmo. Como se sentisse um vazio profundo, doloroso e perene. Uma ponta de desespero tomou conta de todo seu ser. Rui devia estar namorando, ou casado, ou morando com alguém. Somente as mulheres permanecem sozinhas, uma realidade inegável e que atinge inúmeras gerações se seu gênero no transcorrer dos tempos.

Pensou no que ele estava sentindo ou sentiria, caso a reconhecesse. Um segundo depois desse lampejo, fez um não com a cabeça instintivamente, para si mesma. Mas qual reação poderia esperar de um homem que lhe disse não a amar para se casar? Ora, ele não a amava, pois não poderia amá-la menos, razoavelmente, como algo apenas tolerável. Ou se sente amor, ou não. E nessa negativa, tudo se traduz em utilidade, em interesses múltiplos e sem legitimidade afetiva. Sem sentido real.

Começou a perceber os olhos se umedecendo. Primeiro, levemente. Mas pouco depois, as lágrimas começaram a se avolumar, turvando-lhe a visão. Parou instintivamente de caminhar e se dirigiu à vitrine de uma loja de roupas, defronte à calçada. Era uma pausa necessária. O tempo de enxugar os olhos, de engolir o choro, de respirar profundamente. Não queria se diluir, sob choro compulsivo, no meio da rua.

Assim fez. Enxugou os olhos com os dedos das mãos unidos. Retirou da bolsa o porta-batom com espelho e esfregou a região sob os olhos, manchada pelo rímel que escorrera. Repôs o batom. Por alguns minutos, olhou-se assim. Como pode colocar sua felicidade nas mãos de alguém incapaz de amá-la “para casar”? Era uma indagação sem resposta. Sentia-se profundamente em débito consigo mesma.

Levantou os olhos rumo à vitrine da loja de roupas femininas. Deparou-se com o cartaz de “dia 12 de junho, promoção dos namorados, surpreenda quem você ama!”. Mal acreditou. Aquilo somente poderia ser uma perseguição cósmica em relação a seus mais louváveis projetos de vida....

Deu as costas para a vitrine. Não estava mais na idade de deixar de se enxergar. De se diminuir por alguém que fora incapaz de amá-la. E sim, tinha muitas coisas para fazer. O trabalho a esperava. Precisava finalizar um projeto na empresa e o prazo estava se escoando rapidamente. Depois, não deixaria de ir a academia fazer aula de pilates, que sempre lhe colocava em posição alongada. Como se seu corpo desconectado, finalmente se completasse e crescesse. Não eram apenas mãos e braços. Era ela inteira. E à noite, iria jantar com os pais, que a amavam. Perto dos quais não precisava fingir. Apenas sentir a presença deles que, silenciosamente, lhe diziam o quão ela era rara. E não poderia jamais se esquecer disso. Pois ela era única. Merecia se amar e ser amada.



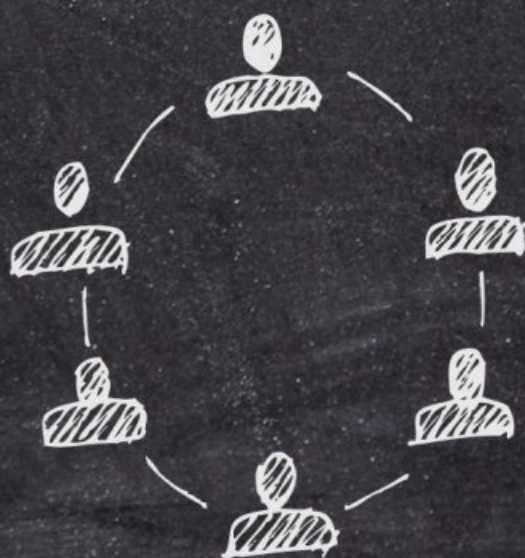
Luciana Simon de Paula Leite: exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado *Para nossas meninas*, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.



MAIS UMA PÁGINA DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

APRENDA COM

CONEXÃO GRAMÁTICA



SIGA-NOS:



www.facebook.com/conexaogramatica



www.instagram.com/conexaogramatica



POR MÍ SANTIAGO

MELODIA DAS ESTRELAS

A dor voltou com mais intensidade, o que antes parecia uma pontada, ela sentia como se estivesse a estripando.

— Pai, a dor de estômago é intensa, quase nem dá para respirar, diz choramingando a menina.

— Vou colocar compressas quentes, a vizinha disse que é bom, ajuda amenizar. Toma também um copo de leite quente para relaxar.

Assim que o pai colocou a compressa e ela tomou o leite, a agonia momentaneamente sessou.

Não demorou para que a pequena e doce garota largasse o copo de suas frágeis mãozinhas e o deixasse cair ao chão. Ela gritou alto numa vez, na segunda, a voz de sua garganta ecoou abafada e com os olhos abertos, a pobre menina ficou imóvel.

Aos gritos e em prantos, o pai segura em seu peito a filha sem vida.

Entram porão a dentro as vizinhas correndo, mas nada puderam fazer, apenas chorar a triste cena.

Dez dias se foram desde a partida para o Reino dos Céus da única filha. De educação precária, Pedro não conseguia entender como ela se fora assim, após as dores de estômago. Com apenas 12 anos de idade, a doce Clarice tinha um brilhante futuro pela frente.

Sem rumo e sem vontade de nada, os dias passavam corridos e a rotina do emprego de faxineiro seguia-se com andanças pela redondeza do Centro, ou Cidade como chamavam os moradores de outros tempos.

Pedro perdera alguns quilos após o falecimento da filha e sua amargura, nunca cicatrizada com o sumiço da esposa, acentuava-se a cada dia num semblante triste e pálido.

A poucas quadras de sua casa, Pedro caminhava sem rumo, até dar-se conta de que estava à porta do Conservatório Musical. As oito horas da noite de outono resplandecia ainda mais as estrelas e a lua cheia, um brilho que destacava com precisão a casa onde crianças e jovens mostravam seu talento melodioso. E assim também aconteceu com sua princesa em seu último momento de felicidade na terra.

O choro o fez sentar-se ao muro do conservatório; encostado na parede Pedro adormeceu, mas fora acordado com a voz da filha falando com ele; o som da voz dela e a imagem de Clarice eram tão presentes, embalando-se por entre as cenas dos dois parados timidamente à porta do dito estabelecimento para o dia da entrevista...

— Pai, estou confiante que hoje conseguiremos falar com o diretor, disse a garota apertando forte a mão de Pedro.

Clarice, que desde os cinco anos de idade escutava os alunos tocarem ao aguardar o pai limpar, ocasião em que um professor, que viu nos olhos da garota o brilho ao som da música e a alegria batendo forte o coração, ensinou-lhe o básico das notas musicais, assim como mostrou-lhe partituras e compositores eruditos, vindo a menina ao passar dos anos, a conhecer música de ouvido, como um dom de Deus. E Pedro, que agora realizava o mesmo serviço em outra localidade, conseguiu, depois de muita insistência, um horário para apresentar a filha ao diretor.

E assim foram conduzidos à sala dele, que em meio a uma confusão de programação, deixou que a garota fizesse um teste e se fosse aprovada, receberia uma espécie de bolsa de estudos. Olhando para a menina, logo pensou que não duraria nem dois minutos ao piano, já que trajando vestido surrado de chita, sandálias gastas e por sua cor de pele, era mais uma pobre coitada (pensava ele) tentando a sorte; mais uma dentre centenas que batiam à porta!

— É aquele, disse o diretor apontando para um espetacular piano de caldas harmoniosamente bem colocado em uma ampla sala com acústica perfeita.

Clarice timidamente arrumou o vestido e sentou-se na banqueta. Suas mãos trêmulas foram aos poucos conseguindo tocar o magnífico piano de calda. Ao olhar para a imensidão do equipamento, engoliu em seco, mas a ânsia em sentir seus dedos dedilharem por entre o teclado lhe deu forças. Ao fundo da sala risos em vozes sátiras de que não iria conseguir, de que seria mais uma miserável, aos poucos se esvoaçaram ao vento as gélidas palavras de alunos que aguardavam negativamente o seu desempenho.

A menina então respirou fundo e soltando o ar bem devagar sentiu-se pronta. Lentamente suas mãos foram alcançando o teclado e sentindo todas as teclas com precisão, sem tremor e sem medo.

Com um Dó-Ré-Mí-Fá-Sol-Lá-Si, logo foi vaiada pela plateia de alunos e o diretor já torcendo o nariz para dizer que o tempo acabou, mas num suspiro, a menina começou a tocar, seus dedinhos suavemente percorriam com maestria as teclas, como quem conhecesse o que fazia há anos!

E assim ela iniciou um “pout pourri”, uma pequena sequência de várias músicas de Chopin, Beethoven, Vivaldi... a melodia das estrelas! Uma luz iluminava Clarice, que se movia como uma fada no enorme piano. Era como se flutuasse embalada sem parar em puro êxtase, apenas na plenitude da música produzida por ela, num som mágico e encantador!

O público acompanhava vibrantemente, dançando embalados ao som celestial de Clarice. Enebriados e entregues na nudez da alma, livres de todo o preconceito, tabus e da maldade humana; tamanho o encantamento produzido por ela.

Ao término da apresentação dos deuses, a menina conseguira a tão sonhada bolsa de estudos, e começaria na semana seguinte.

Infelizmente Clarice teve a apendicite supurada e por falta de cuidados médicos devido a precário conhecimento por parte do pai, assim como as condições financeiras, o seu fim trágico encerrou uma carreira nem iniciada. A garota fora enterrada com os documentos do conservatório ao peito.

Sobre Pedro, o pai de Clarice, disseram as vizinhas que desgostoso foi embora em serviço de embarcado, desaparecendo para sempre em jornadas de trabalho em alto-mar.

E Clarice teve sua foto pendurada na galeria dos melhores alunos até o fechar de portas no ano 2000, quando foi finalizado o Conservatório Musical de Santos, fundado em 1927. Dizem os especuladores que assim como a história de Tistou no livro de Maurice Druon “O Menino do dedo verde”, cujo polegar era invisível e seu talento, oculto, um dom do céu, assim fora Clarice, que dentro de si trazia a mensagem de esperança e de transformação com raro poder de semear o bem por onde passasse transmitido pelo poder das notas musicais!



Mí (Míriam) Santiago: jornalista e graduação em Letras. O “Livro Negro dos Vampiros” foi o *start* para a divulgação de várias histórias sobrenaturais, publicando ainda contos em gêneros diversificados em conceituadas editoras. Mensalmente contribui na Revista Conexão Literatura. Além de amar escrever, ainda se dedica à fotografia e leitura.

Contato: miriansssantos@gmail.com
<https://www.instagram.com/mirianmorganuns/>
<https://www.facebook.com/miriam.santiago.372>
<https://miriammorganuns.blogspot.com/>



POR NEY ALENCAR

O DESEJO DO CORAÇÃO

O Desejo do Coração
“O coração tem desejos
Que até a alma desconhece!”

— Dito Popular

— Perdoe-me Padre, porque eu pequei!

O Padre olhou a silhueta do homem por detrás da treliça do confessional, balançou negativamente a cabeça e levantou-se com um sorriso.

— Você sabe que isso não é uma brincadeira, não é?

O homem sorriu.

— Por que eu deveria? Para mim sempre foi engraçado imaginar que todos os pecados de um homem pudessem ser perdoados apenas com um arrependimento! — havia um tom sarcástico nele.

— Esta é a Palavra de Deus!

— Bem, devia lembrá-lo de que comigo isso não foi assim....

— Houve arrependimento? — perguntou o Padre curioso.

O silêncio o respondeu.

O Padre balançou a cabeça.

— Por que continua vindo aqui?

— Achei que já tínhamos discutido sobre isso! — Não havia sarcasmo na voz — Gosto daqui! Há uma paz que não encontrei em outros lugares.

— Existem dois grandes motivos para pessoas entrarem aqui. — indicou o Padre com um sorriso — Porque estão fugindo de alguma coisa e buscam refúgio ou porque estão procurando alguma coisa! Qual dos dois é o seu motivo?

Outro silêncio como resposta.

Os olhos do homem pareceram se acender por um instante como se fossem tomados por fogos fabulosos!

Por um instante apenas!

Um sorriso em seu lábios desvendou a resposta.

— Talvez eu apenas goste daqui!

O Padre levantou um das sobrancelhas, nitidamente intrigado com a resposta.

O homem olhou por um instante pelo vitral colorido e perguntou:

— Diga-me Padre, Deus é Justo?

Antes que o Padre pudesse responder o homem continuou.

— Se é justo porque permite a injustiça?

Novamente antes que o Padre respondesse ele se adiantou:

— Eu vejo um homem lá fora que espera a misericórdia de Deus. — apontou para um vulto na porta de frente da nave — Que será dele?

O Padre olhou e reconheceu o homem do qual falavam, era um coitado que, assim como Jó, perdera tudo o que tivera e nunca maldissera à Deus.

— É íntegro e reto! — confirmou o Padre convicto em sua Fé.

— E ainda sim tudo lhe foi tirado! Porque?

O Padre balançou a cabeça.

— Para que se cumpra a vontade de Deus! — novamente um teste de Fé.

O homem sorriu.

— Já vi isso acontecer antes e posso lhe garantir que nada teve a ver com a vontade Dele! Mas uma aposta é sempre uma aposta, não é?

— Você estava lá, você viu! — uma confirmação simples.

— E ainda sim foi uma aposta! — não havia comiseração ali — Eu perdi!

— O que você quer agora?

— Outra aposta! — sorriu o homem com os olhos brilhando de cupidez.

— O que ganhará com isso? — uma pergunta sem sentido.

O homem deu de ombros sem ligar a mínima para a resposta.

— O que tenho a perder? — um apelo deliberado à ganância.

— Muito bem, mas a vida dele pertence à Deus!

O homem sorriu, enigmático, e com um gesto desapareceu.

Na sombra da porta o outro homem aguardava inseguro.

Justo ao seu lado o primeiro homem deu um passo e saiu das trevas.

O outro se assustou, mas ele o tranquilizou.

— Está esperando o padre? — perguntou o primeiro.

— Sim, logo ele abrirá a porta. — respondeu o segundo.

— O que o traz aqui?

O outro titubeou, uma angústia terrível corroía seu coração e fazia suas mãos tremerem.

— Minha esposa está muito doente, vim pedir-lhe para rezar por ela!

— Não é você aquele que é íntegro e reto e teme à Deus? — a troça era explícita.

— Eu sou!

— Então porque Ele fez sua mulher ficar doente? Essa é a paga por toda a lealdade que lhe teve até hoje?

O homem não soube responder.

— Talvez faça parte do plano de Deus! — tentou justificar o devoto com a voz tremendo, havia lágrimas em seus olhos e seu coração sangrava.

O olhar cético do primeiro homem o fez calar-se.

O primeiro homem o questionou:

— Se pudesse tirar essa doença de sua mulher, o que você daria em troca? — havia uma certeza indubitável em sua voz firme.

O outro não mediu suas palavras.

— Daria tudo o que tenho! — foi sincero, era esse o desejo de seu coração.

— Até mesmo sua alma? — a antecipação do prêmio era quase palpável.

— Se este fosse o preço eu o pagaria! — respondeu o outro sem hesitar, sabia que sua vida era nada sem aquela que amava junto de si.

Por um instante apenas o mundo pareceu piscar.

— Muito bem! Aceito seu preço! — concordou o primeiro com um sorriso sinistro.

— Só isso? — a descrença era eminente.

— Sim, apenas e tão somente isso! — era o que lhe bastava realmente.

— E agora? — havia dúvida ainda.

— Deve ir para casa e ver que ela já não está doente! Está sã! — havia certeza ali.

— O que você ganha com isso?

— Se ela estiver sã eu ganho sua alma! — um contrato estava sendo firmado.

— E se não estiver? — alguns ajustes à serem feitos.

— Não perco nada! — as palavras nas entrelinhas de letras miúdas.

O outro homem afastou-se cambaleando.

Não parecia acreditar naquelas palavras!

Mesmo assim foi para casa tremendo!

Quando se afastou o suficiente o primeiro homem olhou para o Padre que aguardava no umbral da porta entreaberta.

— Foi uma aposta justa! — quis esquivar-se o homem com um muxoxo.

— A alma dele não estava em jogo! — repreendeu o Padre.

— Não fui eu que a apostei! — justificou-se o primeiro homem, com uma mentira à plena vista.

— Você a pediu. — culpou o Padre com arrependimento na voz.

— Mas foi ele que concedeu! — pretextou o homem — De livre e espontânea vontade!

Os dois pares de olhos curiosos seguiram o vulto impreciso que se afastava já amalgamando-se com as trevas que o cercavam.

— Que será dele? — perguntou o Padre com misericórdia explícita no timbre da voz.

O primeiro homem sorriu como se não lhe importasse.

E realmente não importava!

— Aprenderá à viver sem uma alma! — a certeza em sua voz era mais do que necessária, e riu como se lembrasse de uma piada que somente ele conhecia — Existem tantos assim neste mundo de Deus!

A pobre figura desapareceu engolida pelas trevas.

Seus passos trôpegos o levaram pelo caminho de volta.

Quando colocou a mão na maçaneta seu coração bateu mais forte, como se fosse sair pela boca.

A incerteza do que havia ocorrido na porta da igreja o consumia como um lobo devorador!

Engoliu em seco!

Abriu a porta.

Havia ainda o odor sutil e selvagem da doença que a consumia na atmosfera parada do interior da casa, suas nuances pestilenciais e nauseabundas ainda se faziam sentir.

Aquilo revoltou o estômago do homem.

Ao mesmo tempo pareceu-lhe que se sentia melhor com aquilo.

Talvez tudo não passasse de uma grande peça mal pregada!

Correu para o quarto.

Havia medo dentro dele!

Parou no umbral da porta entreaberta, um frio gelado tomou conta de seu corpo, como se sentisse o coração parar de bater por um instante eterno!

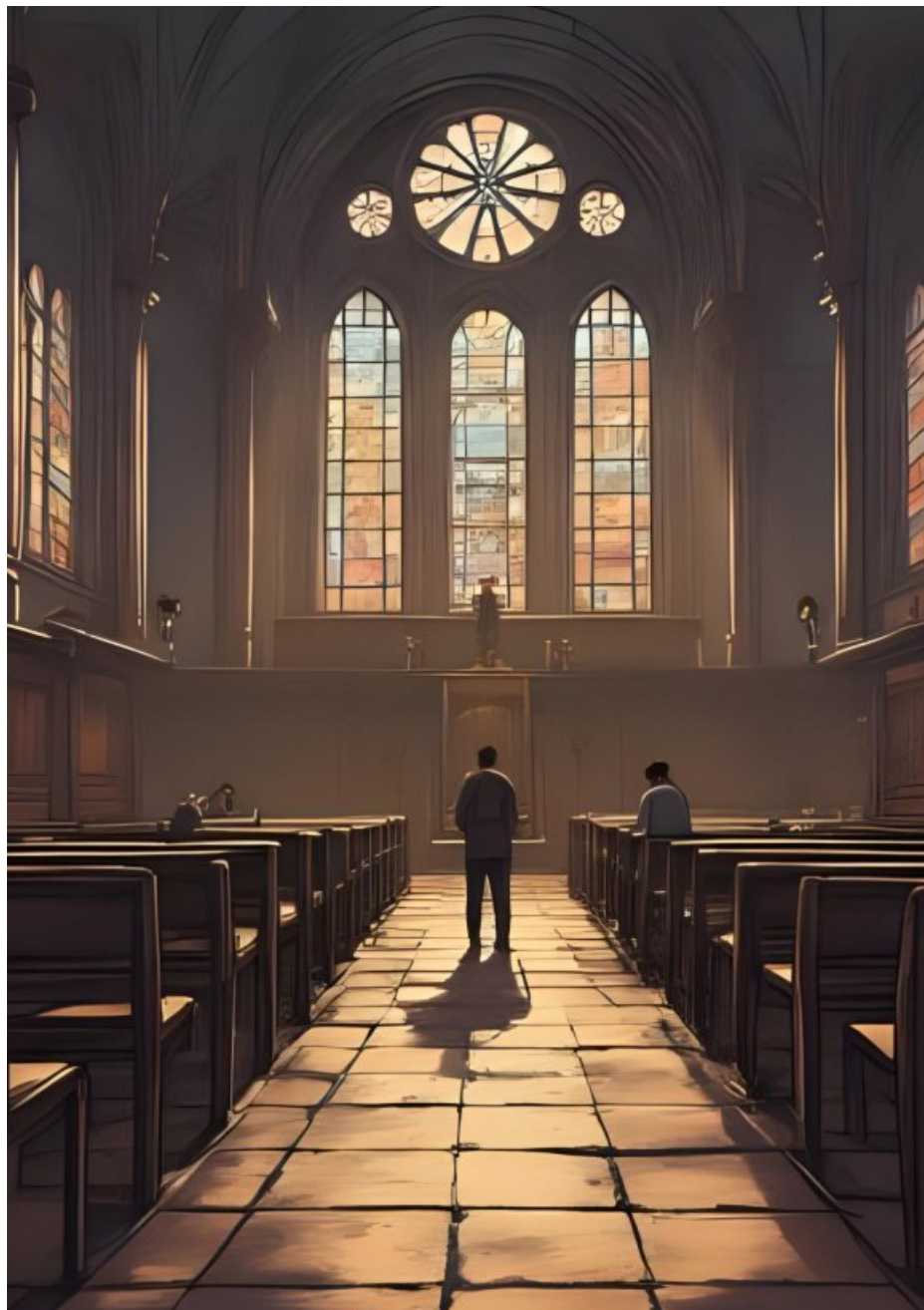
Ela estava de pé diante da janela aberta.

Havia um sorriso em seu rosto!

Os cabelos haviam crescido novamente em ondas encaracoladas de um loiro cor de ouro velho e caíam sobre os ombros nus, balançavam no vento morno da tarde que entrava.

Quando ela se voltou e olhou dentro de seus olhos com aqueles outros olhos tão cheios de vida, ele soube que havia perdido sua alma!

E chorou!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 500 contos publicados em 80 e-books e em 202 antologias. Possui 19 livros publicados.



**Gente
que ama
livros de
terror.**

www.revistaconexaoliteratura.com.br





AQUELA NOITE ENTRE O MAR E AS ESTRELAS

POR ROBERTO SCHIMA

*E as ondas iam e vinham.
 O regular borrifar de espuma branca.
 O cheiro característico do mar a cada lufada de ar.
 O som prolongado da sirene buscando a resposta dos navios.
 A sucessão de estrondos mais antiga do que os rugidos dos dinossauros.
 Assim era o grande oceano.
 Sua voz.
 Sua beleza.
 Seus mistérios.
 Tento me lembrar.
 A noite, a voz e a luz.
 E eis do que me recordo...*

Altivo.
 Atrevido.
 Imponente.
 Lá estava ele:
 O farol.

Fora erguido no pináculo de um rochedo íngreme, uma coluna de granito negro. Em tempos imemoriais, diziam tratar-se de um gigante que, por se rebelar contra os deuses, fora em pedra transformado a título de punição e exemplo.

Desde bem pequeno tal história me impressionara e, a cada caminhada pela praia coberta de cascalho, ao fitar o maciço se sobressair entre as águas, temia pelo seu despertar. Imagine só o estrago que faria... Nossas lendas estavam repletas de criaturas titânicas e destruidoras, reflexo da fragilidade humana diante dos terremotos, tufões, maremotos e vulcões. Mais tarde, trouxeram tais monstros para os seriados de TV: *Nashonaru Kiddo*, *Urutoraman*, *Urutorasebun*, *Magma Taishi*, *Jaianto Robo* etc. Não passávamos de poeira a mercê de seus caprichos. Meu medo se realçava principalmente nos dias mais cinzentos, e os vagalhões se chocavam com tamanha fúria nos recifes que davam a impressão de soar como urros ou rugidos. "Parem com isso", pensava em minha inocência, "irão acordá-lo!" Mas o gigante jamais despertara de seu sono de pedra.

A altura da torre do farol somada a do agulhão de granito resultava em pouco mais de cinquenta metros acima da superfície do mar.

Para a criança que eu fui, aquilo era quase como tocar o céu. Fazia pensar no próprio gigante mítico, um tipo de ciclope dotado de luz no lugar do olho ou, pior ainda, em um braço erguido a fim de agarrar as estrelas. Nessa última hipótese, quão grande seria o colosso inteiro? Meus olhos miúdos se arregalavam de espanto.

Nos finais de tarde, juntamente com outros garotos, sentava-me na beira do trapiche — uma armação de toras e bambus — e, enquanto balançava os pés, mantinha o olhar fixo na luz poderosa a girar e girar.

— Se fosse um pouco maior, agarraria o *manju* gigante! — disse Tanaka, referindo-se à Lua.

Concordei, acostumado a ouvir meu amigo gorducho se manifestar sobre tudo em termos de guloseimas. Para ele, as estrelas eram grãos de açúcar cristalizado; o Sol, um maravilhoso pudim ou bolo conforme sua avó fazia.

— Já pensou se o gigante se erguesse e saísse do mar? — falei.

— Arrasaria tudo em seu caminho daqui até Tóquio!

Esse último comentário veio de Tanji. Era aficcionado por histórias de monstros do espaço.

E prosseguimos a observar o farol a medida em que a escuridão avançava.

"Como será a vista lá de cima?", pensei.

Segundo conversas dos mais velhos, não havia muito espaço no cume da ilhota, de modo que a casa do faroleiro não passava de um minúsculo apêndice aos pés do farol, misto de quarto, despensa e depósito.

Lá vivia quase como um eremita o Sr. Watanabe — Watanabe-sama —, homem carrancudo a beirar seus setenta anos, corpo atarracado, bronzado e rijo feito uma tora. Surgira de forma repentina no vilarejo após a inauguração do farol. "Surgir no vilarejo" não passava de força de expressão, pois desembarcara diretamente no rochedo negro, galgara a escadaria e raramente colocava os pés onde morávamos. Quando o fazia, passava no armazém de nossa família para comprar suprimentos. Recordo-me da primeira vez que o vi, pois intimidara-me com a sua figura curtida de sol e abrutalhada pelos rigores da vida. Ao menos fora a minha suposição, até ter ciência de seu inusitado trabalho durante a mocidade. As mãos dele eram enormes. Se quisessem, poderiam esmagar meu crânio como se fosse um ovo cozido. Ao me ver, acenou com a cabeça, dando-me um "bom dia" num vozeirão grave. Achei esquisito, pois, em geral, os adultos mal tomavam conhecimento de minha existência. Ao sair do armazém, entregou-me um doce e despediu-se. Se eu tivesse podido colocar em palavras, teria dito na época: "Um gigante gentil!" Ou mais ou menos isso.

Tal fato se repetiu mais algumas vezes até eu não aguentar e, fervendo de curiosidade, perguntei:

— Como é lá em cima? — apontei para o farol.

O velho parou e me encarou com seus olhos apertados.

Estremeci na base, arrependido de ter falado. Iria me repreender? Pegaria o doce de volta? Faria uma queixa aos meus pais por eu ser abelhudo?

Não.

— Como é o seu nome? — perguntou.

— Miura Seiji — respondi.

— Bom, Miura Seiji, chamo-me Watanabe. Combinei com seu pai dele levar mantimentos para mim de tempos em tempos, para eu não precisar largar o serviço. Se quiser, vá com ele um dia. Talvez possa ir até lá no alto se aguentar o tranco.

Não acreditei. Fiquei empolgado, esquecendo por completo a timidez. Subir até o farol? Tanaka e Tanji ficariam verdes de inveja quando soubessem. Não que fosse essa a minha motivação, bem entendido.

— Posso mesmo?

— Foi o que acabei de dizer. Porém, só se seus pais deixarem. Mas não se anime, jovem Miura, não é nada fácil subir todos os degraus.

Quase gritei:

— Eu consigo!

O faroleiro depositou uma das mãos em meus ombros. Pesava feito chumbo.

— Veremos.

Foi embora carregando uma tonelada de compras.

Eu corri para dentro do armazém, doido pela aprovação de meu pai.

— Posso? `Posso? Posso?...

— Só se...

— Eu faço!

Precisei prometer de tudo um pouco: seria obediente, faria os deveres de escola, limparia o balcão do armazém, não ficaria até tarde na rua, ajudaria no serviço de casa, não deixaria minhas coisas esparramadas, organizaria o material de pesca etc.

Quando, por fim, chegou o grande dia e meu pai apanhou o barco no trapiche, eu estava a bordo. Sentia-me cansado de tanto que trabalhara nos dias precedentes, porém, feliz. O barco navegou resolutamente, deixando atrás de si uma trilha de espuma. Um misto de espanto e admiração foi tomando conta de mim a medida em que nos aproximávamos do colosso de granito. Havia um pequeno cais junto aos rochedos, cujos pilares cobriam-se de ostras e algas. O barco encostou junto dele. Mais adiante, avistei uma escadaria — ora de metal, ora escavada na pedra — a circundar o imenso agulhão de pedra em direção ao topo. Olhei para cima e fiquei zozinho. Achei formidável. Contudo, meu entusiasmo não durou tempo suficiente para eu poder desfrutá-lo. Bruscamente, meu pai se virou para mim:

— Me ajudará a levar os mantimentos lá pro alto.

— Fortalecerá as pernas — sorriu o Sr. Watanabe, que viera nos receber.

Tornei a mirar o alto da coluna e engoli em seco. Avistar a ilhota do trapiche era uma coisa, mas estar ali a seus pés... Senti-me um inseto.

— Mexa-se, Seiji — insistiu meu pai. — Você não queria vir?

Sim, eu desejava muito, entretanto, na metade da escadaria, levando quatro pacotes de açúcar, minha convicção já não era tão sólida e minhas pernas começaram a reclamar. Ao chegar no alto, arfando feito alguém prestes a se afogar, vislumbrei a vista do oceano e do diminuto vilarejo ao longe. Foi algo deslumbrante. Não fosse pelo cansaço, teria dado pulos de alegria. O cenário compensou o esforço. A seguir, admirei a imponente torre do farol. Era todo caiado e o branco da parede contrastava com o negro do granito. Próximo à lâmpada, a vista devia ser mais magnífica ainda. Todavia, só de pensar em subir mais um extenso lance de escada, quase desmaiei. Fomos ao cubículo onde o velho morava e, junto a uma prateleira, deixei os pacotes. Depois, voltei a observar o mar. Havia um resquício de nevoeiro rente às águas escuras e, conforme a distância aumentava, não permitia distinguir o oceano do céu e, muito menos, a linha do horizonte. Àquela altura, o vento era forte e suas lufadas agitaram meus cabelos. Não consegui imaginar como seria viver em cima daquela pedra. Meus devaneios evanesceram ao som da voz de meu pai:

— Vamos lá, Seiji! Tem muita coisa pra descarregar.

Quisera eu ter desmaiado de fato!

Com o passar das semanas, das compras e entre idas e vindas, meu pai e o faroleiro tornaram-se amigos. Após ajeitar as mercadorias, passavam algum tempo conversando, bebericando *shochu*, assando peixe na brasa e descansando as pernas.

— Ele não é bem o que eu esperava.

— Como assim, pai?

— Digamos que ele é *mais* do que eu supunha.

— O que quer d...

— Assunto de homem, filho.

Certo dia, finalmente, subi a escadaria em caracol da torre. Era toda de metal e, a cada degrau, o som reverberava nas paredes. Tipo: *Tein! Tein! Tein! Tein! Tein!...* Foi exaustivo, xinguei um monte, mas minhas pernas, mais habituadas ao esforço, aguentaram. Pude, então, abraçar os arredores com o olhar.

— O que acha? — indagou o Sr. Watanabe.

Era como se eu fosse, se eu fosse...

— Sou um giganteee! — gritei para o infinito diante de mim. — Uhuuuuu!

O semblante carrancudo desfez-se num sorriso.

— Entendo o que quer dizer.

Eu era apenas um pirralho sonhador, estufado de adrenalina. Vivia correndo pelas ruas poeirentas, pela praia vazia, pelo bosque, pela linha do trem. Embora apreciasse a incrível vista do alto do farol, não compreendia como alguém podia gostar de cuidar de uma lanterna tamanho família noite após noite, em meio ao silêncio — à exceção do ronco do motor e, às vezes, da sirene —, à escuridão da noite, à ventania e, principalmente, ao poderoso sentimento de solidão. Considerava o vilarejo quieto demais para o meu gosto, não obstante as amizades de Tanji e Tanaka, o que diria viver sozinho na ilhota? Por sinal, os dois se roeram de inveja porque eu subira nos ombros do gigante de pedra.

— Quero ir!

— Eu também!

Entrementes, tanto meu pai quanto o faroleiro se opuseram a tamanha pretensão.

— É o meu local de trabalho e não um parque de diversões — disse o Sr. Watanabe. — Você foi uma exceção e não tornarei uma regra.

— Tampouco sou babá ou "motorista" de seus amiguinhos, Seiji — ralhou meu pai.

Como forma de compensação, sob a aprovação relutante do faroleiro, meu pai deixou que eu ficasse uma noite no farol para ter a experiência de ver a luz estender-se mar adentro. Afinal, durante o dia, a lâmpada permanecia apagada e, quando muito, em tempos de nevoeiro, a sirene é que tocava, alertando os navios dos perigos da costa. Soava tão alto a ponto de acordar os mortos, mas não um gigante adormecido.

Apesar da contrariedade estampada no rosto, o velho aceitou-me como companhia por uma noite.

— Uma noite! — frisou.

Chegado o momento, subi com ele os incontáveis degraus em caracol.

Tein! Tein! Tein! Tein! Tein!...

Assim fizeram nossos passos, multiplicados um bilhão de vezes pelos ecos.

O Sr. Watanabe deu-me o privilégio de acender o lume do farol.

— É um momento mágico. A luz é bastante poderosa — afirmou —, como um pequeno sol. Suponho que Deus tenha se sentido assim quando falou: "Haja luz!"

Franzi o cenho.

— O senhor é cristão, Watanabe-sama?

Desde que os portugueses desembarcaram no sul do Japão no século XVI, trazendo consigo os jesuítas, pequenas comunidades cristãs se formaram, apesar da oposição dos senhores feudais.

— Nem cristão, nem budista, nem xintoísta, jovem Miura. Sou só um alguém em um mundo de ninguém. Mas, decerto, há mais coisas no universo do que aquilo que nossos olhos veem e os ouvidos escutam: *kamis*, assombrações, *youkais*, deuses, chame do que quiser. E, nesse caso, por que não um Criador indiferente a qualquer religião inventada pelos homens?

Arrepiei-me todo. E não foi por causa do vento. Tinha mais a ver com as trevas, o rumorejar perpétuo das ondas a chegar abafado até meus ouvidos e, claro, à menção aos espíritos malignos. Minha família era xintoísta e reverenciava a memória dos ancestrais. Tinha suas superstições e não eram poucas.

Sem me fitar, o velho tirou uma baforada do cachimbo e continuou:

— Não foi de graça, sabe?

— O quê?

— Deixar você ficar aqui. Seu pai me deu uma porção generosa de peixe seco, arroz, conservas, *wasabi* e fumo. Mas será só desta vez. Não me posso distrair. Gosto de ficar sozinho. Não leve a mal...

Ele não me contou na hora, porém, pedira ao meu pai para não me levar mais à ilhota.

Aproveitei a oportunidade única para perguntar a respeito do porquê dele estar ali e como aguentava o silêncio, a escuridão e a solidão. Pois confesso no fundo de minha alma infantil: fiquei apavorado por estar ali à noite! Era mais uma necessidade de conversar, ouvir uma outra voz, perceber outra consciência além da minha na imensidão etérea.

O Sr. Watanabe, por força do ofício ou de sua personalidade, em geral aparentava ser do tipo calado. Naquela situação, deu-me nos nervos. Ele só tagarelava quando incitado.

Amedrontado diante do vazio tenebroso de céu e mar.

A sensação de estar pendurado na obscuridade.

O frio a penetrar pelas frestas da roupa.

Quietude de almas vivas e mortas.

A luz a girar para o infinito.

Segundos no eterno.

E as estrelas.

O motor girava e girava a lâmpada, produzindo um ruído monótono. Eu percebia o estremecimento através dos tijolos e da grade ao redor da torre. Era um gato a ronronar sob nossa mão.

O olhar do faroleiro permaneceu preso num ponto de fuga qualquer no horizonte às escuras quando, por fim, dispôs-se a falar.

A carranca suavizou.

O aspecto rígido amoleceu.

As cortinas do palco se abriram.

E correntes enferrujadas se partiram.

— Estamos aqui a mercê da friagem, saboreando chá verde e os *manjus* feitos por sua mãe. Aqui no alto, é como se o tempo não existisse e nada fosse mudar. Mas tudo muda! O mundo gira e mal percebermos: a Lua, o firmamento, o alvorecer e o poente. Os penhascos, por mais resistentes que sejam, fragmentam-se em rochedos a mercê das vagas; depois, em pedras menores, em cascalho e, por fim, areia. Montanhas surgem e desaparecem... Nada é para sempre.

— Menos o Monte Fuji! — falei impulsivamente.

Mirou-me com seus olhos apertados e foi como se me mandasse calar a boca.

Não diria ter engolido em seco, pois estava com a boca cheia de chá quente e de *manju*. Por pouco não me engasguei. Engoli tudo de uma vez e aguardei, impaciência domada.

Ele tornou a fitar as faces da noite.

— No devido tempo, por mais que o honremos, até o Venerável Fujiyama desaparecerá para desespero do espírito de Hokusai¹. As mudanças são inevitáveis! Pensa que sempre fui um decrépito embrutecido? Já tive sua idade. Difícil acreditar, né? Houve uma época em que eu era jovem e vistoso. Na mocidade, fui ator. Surpreso? Conte ao seu pai; ele não te falou? Não? Homem discreto e admirável. Oh, sim, já estive sob os holofotes. Fiz teatro *kabuki* e *nô*. Cheguei a trabalhar no cinema... Fui só um coadjuvante não creditado, mas conheci Toshiro Mifune... Bem, na realidade, vi-o de longe.

Fiquei tentado a indagar sobre Hokusai e Mifune, afinal, eu era só uma criança. Porém, contive-me para não ver outra careta sua. Ele mencionou o título do filme em que participara. Não me despertou nada na memória. Frustrado, contou algo do enredo. Então, para seu júbilo, eu me lembrei. Meus avós assistiram décadas antes d'eu nascer, em um pequeno cinema. Os comentários que fizeram foram elogiosos.

— Na verdade, o filme foi uma droga — disse o velho faroleiro. — Um romance açucarado feito para amenizar o trauma do pós-guerra. Todavia, para mim foi a melhor coisa do mundo.

Eu não compreendi.

— Veja bem, jovem Miura, quem assiste a um espetáculo vê apenas aquilo que é exibido na tela, na televisão, no teatro ou no cinema. Enxerga apenas a superfície. No meu caso, recordo-me das amizades que fiz nos bastidores, nossas reuniões, as brincadeiras, os erros de gravação, a impaciência do diretor, as conversas que tive com marceneiros, cinegrafistas, engenheiros de som, figurinistas e até com a bela moça da copa. Óbvio que, para o estúdio e os produtores, tudo se resumia à bilheteria e lucro. Porém, para nós do elenco, foram meses de trabalho, de convivência e de companheirismo em um mundo de fantasia; linhas de memória que se escreveram em nossa história como a tinta do pincel dançando ideogramas em papel de arroz.

¹ Katsushika Hokusai, artista japonês do século XVIII/XIX. Pintou uma série de gravuras baseadas no Monte Fuji.

Eu sentira um tom diferente na voz do Sr. Watanabe e, temeroso, murmurei:

— E a moça da copa?

Para meu alívio, ele não se zangou. Era como se esperasse a pergunta e se sentiu satisfeito ao ouvi-la. Sorriu em um misto de felicidade e melancolia, enquanto o vento dispersava a fumaça do cachimbo.

— Saori. Ela se tornou minha esposa. Foram meses maravilhosos e preencheram o vácuo de uma vida. Agora, você sabe o porquê do filme ser, para mim, o mais especial jamais feito.

— Por que o senhor não fez outros?

Houve um intervalo no qual questionei se não me havia excedido.

O velho desligou seus olhos da distância e mirou as próprias mãos.

— Saori faleceu durante o parto. A criança também não sobreviveu. Não pude fazer nada. *Shikata ga nai*, né? Meu penhasco se transformou em areia. Tentei prosseguir no trabalho. Impossível. Chegou um ponto em que cansei de viver sob as luzes da ribalta, as tagarelices, os cenários e as personagens. Afinal, naquele mundo de faz de conta tudo não passava de mentira. Eu precisava da vida verdadeira por mais que a realidade fizesse minha alma sangrar. Daí, exerci diversas profissões até parar aqui...

Então, como se houvesse despertado de um sono profundo, teve um sobressalto.

— Ah! Acabei me desviando de sua pergunta.

Levei um susto e, de certa forma, acordei também.

O Sr. Watanabe pestanejou e prosseguiu:

— Como suporte o silêncio, a escuridão e ficar sozinho? Na atual fase da vida, são exatamente dessas coisas que um homem como eu necessita. Aquilo que causa espanto em você é a razão de eu estar aqui. A luz roda e roda, orientando os barcos lá longe, alertando-os dos recifes e bancos de areia, ajudando-os a seguir seus rumos. Meus olhos acompanham os facho de luz e penso: como seria fazer parte deles e seguir oceano adentro, desafiando a noite, as ondas, o tempo e as estrelas? Aonde eu iria parar? Como seria a vista de lá em direção a terra? Conseguiria enxergar algo mais além da própria luz, como se fosse uma estrelinha a piscar? E a aragem... Qual seria a sua origem? Que caminhos teria percorrido até se abater sobre o farol e esfriar meu rosto? Contudo, ela não tem tempo para responder, tampouco parar, pois, assim, deixaria de existir. Então, a aragem segue sem descanso a outras paragens. Quanto à escuridão, há tanta coisa que ela pode nos dizer se tivermos um mínimo de boa vontade para ouvir. Ouça a voz da noite! Por vezes, as ondas chocando-se nos rochedos fazem-se de ventríloquo para ela. Murmuram segredos das profundezas do céu e do mar. E quanto a solidão... Ah, quem tem as estrelas, o oceano, a brisa e as ondas diante de si nunca estará sozinho. Por vezes, são as melhores companhias que alguém poderá sonhar, exceto se for um cachorro. Eles são amigos de fato! Pense em Hachiko. Os cães entendem, correspondem e sentem o que a voz se mostra pobre demais para expressar.

— Por que não arranja um cãozinho?

Ele sorriu, todavia, seus olhos permaneceram sérios. Disse:

— Não seria justo para ele.

Jamais poderia supor que o homem rabugento, atarracado e grisalho tivesse tamanha história de vida e fosse capaz de tal eloquência. Para ser franco, a criança que eu

fui não entendeu a maior parte do que fora dito. Compreendi melhor anos depois, ao ouvir o relato da boca de meu pai. Todavia, na hora, fui esperto o suficiente para apreender pelo tom a importância de suas palavras e manter a boca selada feito um túmulo, a não ser pelo resto do *manju* enfiado no esquite entre os dentes.

Deixei o farol na manhã seguinte, pensamentos confusos. Minha única certeza foi a de que o Sr. Watanabe não era o bicho-papão que, a princípio, aparentara. Naquele momento, não sabia que seria a última vez que o veria, fosse por ele próprio haver dito ao meu pai, fosse pelo que viria a seguir.

— Obrigado por tudo, Watanabe-sama.

— Eu que agradeço, jovem Miura.

Aconteceu no final de tarde.

O monstro gigante.

Verdadeiro.

Cruel.

Eu estava no trapiche acompanhado de meus amigos. Contava-lhes sobre a fantástica paisagem vista de cima do farol. Eles ouviam atentos, curiosidade acesa, frustração incontida. Foi quando algo atraiu a atenção de Tanaka sem lhe dar tempo de pensar numa metáfora gastronômica.

— Vejam! — apontou para baixo.

O mar recuava depressa. Foi se afastando, afastando até o fundo arenoso surgir, revelando as pedras encobertas de algas, corais, ostras, caranguejos, cracas e inúmeros orifícios de criaturas marinhas.

Embora pequenos, sabíamos desde a tenra infância sobre o significado daquilo.

— *Tsunami!* — gritou Tanji.

O maremoto ocorrera distante da costa e, por isso, o tremor não fora percebido sob nossos pés. Entretanto, as agulhas sensíveis dos sismógrafos registraram e avisos foram emitidos através do rádio e aparelhos de TV.

Nós três corremos, cada qual para sua casa.

Encontrei meus pais pronto para me buscar.

— Depressa, menino!

Todos os vizinhos se dirigiram para os morros a fim de se protegerem em locais mais elevados.

Enquanto meu pai dirigia a picape, perguntei:

— E Watanabe-sama?

De onde se situava a ilhota, as águas não se afastaram tanto a ponto de deixar a areia à mostra. Mas, em breve, avançaria em ondas sucessivas. O nível do mar chegaria quase a metade da altura da coluna de pedra. As ondas bateriam sem piedade nos rochedos e redemoinhos furiosos se formariam ao redor. Temi que o gigante de granito tombasse.

Meu pai não.

— Acho que ele está no melhor lugar que alguém poderia querer — afirmou.

Não fiquei muito convencido ao perceber a aflição em seu semblante. Quando a perspectiva o permitiu, olhei para trás. Vi o pilar negro de pedra erguido feito um braço.

Mesmo àquela distância, podia ouvir a sirene tocar. Avisava a todos — em terra ou no mar — do desastre iminente.

O monstro chegou.

As vagas se seguiram uma após a outra, cada qual mais destrutiva que a anterior.

Uma maré negra, espessa e veloz, formada por toda espécie de detritos.

A fúria generalizada e inclemente das águas, arrasando e arrastando.

E o mar recuando, levando, amassando, misturando, triturando.

Depois retornado: maior, mais enraivecido, mais tenebroso.

Avançando e recuando, avançando e recuando sem dó.

Não houve nenhum *Urutoraman* para nos salvar.

O vilarejo foi arrasado: casas arrancadas de suas fundações e esmigalhadas, carros e barcos empilhados, entulhos, tambores, botijões de gás, postes caídos, árvores derrubadas. Troncos foram transformados em gravetos; gravetos, em palitos. O trapiche se desfez e, em seu local, acumulou-se uma grotesca montanha de entulhos. Somente os edifícios mais fortes de alvenaria e mais distantes da orla suportaram os vagalhões. O rugido da destruição assemelhava-se a um milhão de trovões ou locomotivas a vapor. À medida em que a noite avançava e as estrelas apareciam, as labaredas avermelhadas dos incêndios — devido aos vazamentos de gás — destacaram-se de modo sinistro; eram demônios de fogo e, famintos, alimentavam-se. Apesar do alarme e avisos pelos alto-falantes, dezenas de pessoas pereceram: afogadas, dilaceradas por escombros, queimadas ou até eletrocutadas pelas fiações partidas. A maioria das vítimas se constituía de idosos incapazes de fugir a tempo ou presos demais à memória de seus lares para os abandonarem. Foi uma noite de horror para se perpetuar na memória.

Eu nunca me esqueci e, durante vários anos, povoou meus pesadelos.

Após uma madrugada inteira de lamúrias, pranto e apreensões, retornamos à baía ao alvorecer, cientes e incertos do cenário calamitoso que nos esperava. Mas nada poderia nos preparar para a devastação que encontramos: todos os pontos de referência desapareceram.

Desolados, meus pais localizaram aproximadamente a posição onde ficava o armazém e nossa casa. Havia um navio pesqueiro sobre o terreno, o rombo em seu casco me fez pensar em minha mãe ao eviscerar um peixe. Um líquido preto e espesso escorria de suas entranhas. Detritos acumularam-se sobre ele e a sua volta.

Eu estava boquiaberto.

De repente, um grito:

— Seiji!

Virei-me.

— Tanji!

Rosto lívido e tão apavorado quanto o meu. Sentiu na própria pele o quanto seus monstros nada representavam diante do poder das forças naturais.

— E o Tanaka? — indaguei.

— Sei não.

Esperamos que não tivesse acontecido o pior. Por mais absurdo que fosse o pensamento diante de tamanha calamidade, preocupei-me que o meu amigo glutão ficasse

sem doces para comer. Mais tarde, para nosso alívio, ouvimos dizer que Tanaka se refugiara com a família em uma escola.

Embora para mim fosse descomunal, a ilha diante do oceano era menos do que um grão de areia na maior das praias. Não obstante, resistiu bravamente à fúria avassaladora conforme fizera durante milhões de anos. Estava lá, em pé, em meio às ruínas flutuantes e afundadas, aos barcos virados e casebres desconjuntados. Destroços de todos os tipos balançavam ao ritmo das suaves ondulações que ora predominavam.

Uma brisa suave trazia o odor acre de fumaça, madeira podre, ferrugem, combustível e coisas que não me atrevia especular.

Bandos de corvos sobrevoavam certas áreas, crocitando furiosas, afugentando grous e gaivotas.

O raios de sol emergiram em leque através de brechas entre as nuvens.

A promessa de um belo dia teve o efeito de uma bofetada.

Fui célere em direção ao que restava do trapiche.

Um guarda correu em minha direção.

— Fique longe daí. É perigoso!

Eu apontei para o farol.

— Watanabe-sama!

Ele me encarou.

— Você é o Seiji, filho de Miura-san do empório?

— Sou sim, senhor.

A expressão do homem abrandou.

— Ah, lamento muito, menino. O faroleiro desapareceu. Eu e um pescador subimos até lá para desligar o alarme. Não o encontramos em parte alguma. Talvez tenha despencado e caído no mar.

Tratava-se de uma hipótese terrível.

Fosse como fosse, o Sr. Watanabe nunca mais apareceu. Minha imaginação de criança quis acreditar por algum tempo que ele seguira o trajeto da luz do farol em meio a escuridão e o nevoeiro para se juntar à esposa, Saori. Talvez estivessem agora numa outra realidade onde tudo fosse imaculado e verdadeiro. Ao menos, era no que eu ansiava acreditar.

O vilarejo chorou suas perdas. Com bastante sacrifício da população, foi reconstruído e retornou a quase normalidade. Um monumento foi erigido; nele lia-se o nome de cada vítima. A vida prosseguiu. Sempre em frente. Sempre mudando. Tudo mudava.

Ah, sim, Tanaka reapareceu. Ao contrário do que fora dito, escondera-se não em uma escola, mas numa *konbini* entre as montanhas. Contou que, de tanto nervosismo, devorara de tudo um pouco: *moti*, *manju*, *yookan*, *wagashi* e *dorayaki* até se faltar. Depois, passara meia hora trancado no banheiro. Coisas de Tanaka...

O farol foi modernizado para um modelo automático.

Nunca mais subi no ombro — ou braço — do gigante.

Durante toda a minha infância no litoral, caminhei por diversos lugares, conheci várias pessoas, explorei as ilhas, corri, pulei, catei conchas, brinquei, joguei. Contudo, cresci, saí do vilarejo, fui morar e trabalhar na cidade grande. Terminei os estudos, arranjei emprego, mas não me casei.

Passados tantos anos, francamente, mal me recordo dos detalhes, tampouco dos rostos — incluindo os de Tanji e Tanaka. Todavia, lembro-me daquela noite no alto do farol, entre o mar e as estrelas, o negror profundo, os mistérios do céu e do oceano, o calafrio na espinha, o vento gelado no rosto, o chá quente e o manju de minha mãe. Nas madrugadas de céu limpo e particularmente frias, ainda ouço a voz áspera e pausada do Sr. Watanabe, o murmúrio das ondas e o ronco ritmado do motor. Fecho os olhos e, no firmamento da mente, vejo o facho de luz a rodopiar e rodopiar sobre o vasto vazio. Então, diante da solidão em meu apartamento, escuto os segredos que a noite tem para me contar.

NOTA DO AUTOR:

Sabe aquele tio legal, que conversava com o garoto que você foi de uma maneira afável, fazendo-o se sentir à vontade em vez de intimidado por estar diante de um adulto? Sim, aquele que sabia ouvir e compartilhar gostos em comum, gravava fitas cassetes para você, contribuía com a sua coleção de calendários de bolso, gostava de videogames, peixes de aquário e criar bonecos de bolinhas de gude. Lembra-se? Pois essa é a memória que guardo do meu tio, Seiji Miura. Quanto a Tanji, é o sobrenome de Celso, um bom colega de escola e amigo dos tempos de primário, mais de cinco décadas atrás, no Grupo Escolar Prof José Bartocci, zona leste da capital paulista. (RS 01.06.2025)

SOBRE ROBERTO SCHIMA: Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasma de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei de trezentas e sessenta e sete antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: Google ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

<https://www.calameo.com/subscriptions/5443422>

<https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22>

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

https://loja.uiclap.com/?s=roberto+schima&post_type=product

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

Revista
Conexão Literatura

BAIXE AS EDIÇÕES ANTERIORES



DOWNLOAD

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Você escreve?

Descubra chamadas para
publicação e concursos
literários no portal

Seleções Literárias

Filtre oportunidades
por:

Gênero 

Prazo 

Prêmio 

Acesse

Seleções Literárias

<https://selecoesliterarias.com.br>



HERMAN

MELVILLE

COLECIONE



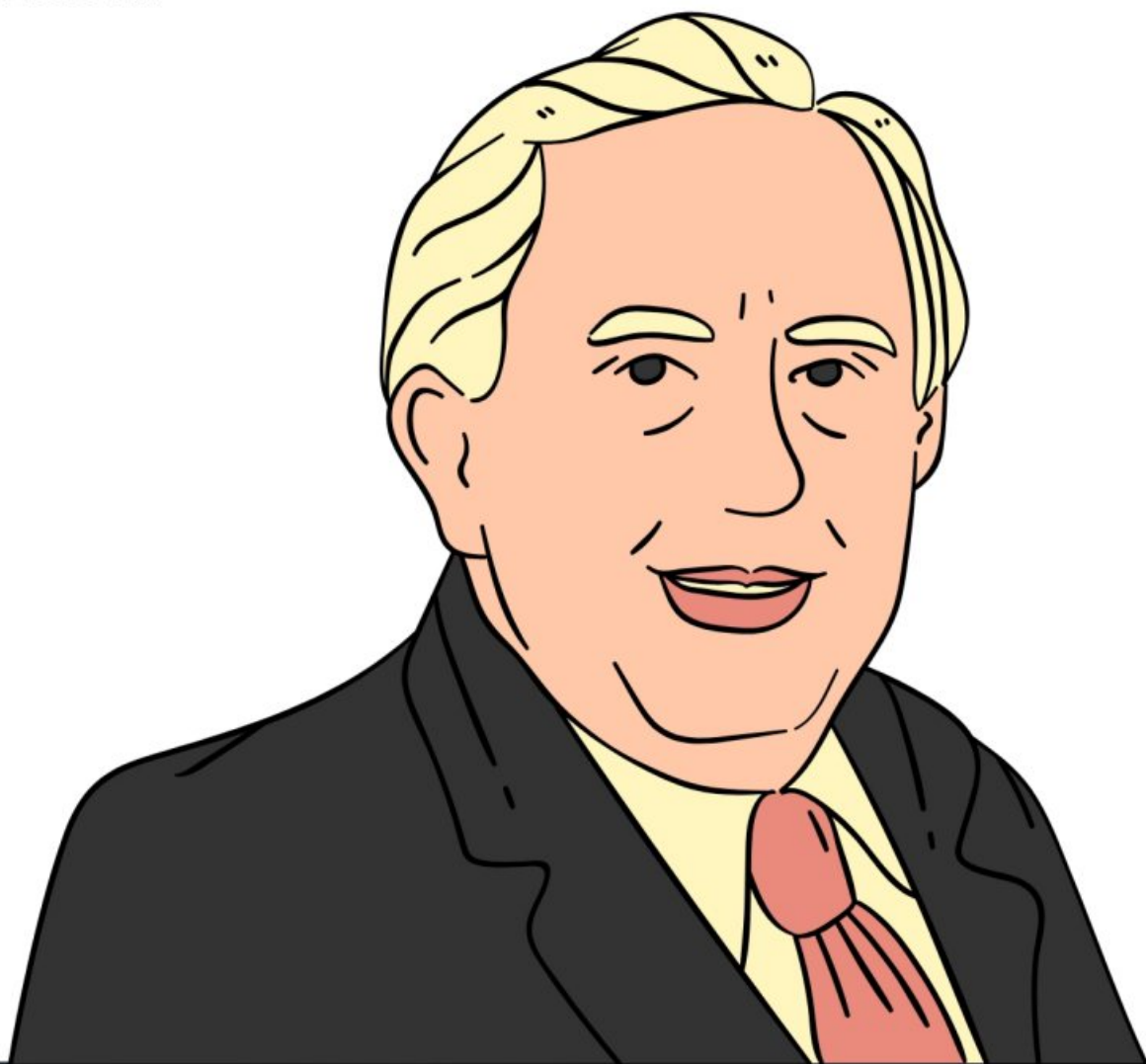
Herman Melville, nascido em 1819, foi um escritor americano famoso por seu romance "Moby Dick". Crescendo perto do mar, Melville se inspirou em suas experiências no mar e nos diversos personagens que conheceu. "Moby Dick" conta a história da busca obsessiva do Capitão Ahab por uma baleia branca gigante. A escrita de Melville explorava temas como a natureza humana, a obsessão e o poder da natureza. Embora não tenha obtido sucesso imediato, suas obras ganharam reconhecimento após sua morte.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

J. R. R.

TOLKIEN

COLEÇÃO



J.R.R. Tolkien (1892) foi um escritor britânico conhecido por seus livros de fantasia, incluindo "O Hobbit" e a trilogia "O Senhor dos Anéis". Ele criou mundos imaginativos repletos de criaturas mágicas como hobbits, elfos e dragões. Tolkien era professor de literatura e especialista em línguas. Seus livros exploram temas como amizade, coragem e a batalha entre o bem e o mal. As obras de Tolkien conquistaram o coração de leitores em todo o mundo, tornando-o um dos maiores autores de fantasia de todos os tempos.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



AMOR PELOS LIVROS

MÍDIA KIT 2025

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ESTATÍSTICAS

+790 MIL +253 MIL + 5 MILHÕES DE ACESSOS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br
E-mail: ademir@divulgalivros.org

MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livreria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: ademir@divulgalivros.org
Aos cuidados de Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link e banner da entrevista em nossa Fanpage e Instagram, somando mais de 1 milhão de seguidores. CUSTO: Brasil=R\$ 180,00 - Portugal= € 37



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 6 - PROMOÇÃO

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= de R\$ 2.500,00 por R\$ 1.900,00 - Portugal= € 370

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale



REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

NO AR
DESDE 2015

CONNECTANDO
AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
01.08.2025



Mensagem do Editor



Olá, meu nome é Ademir Pascale, sou o criador da revista Conexão Literatura e luto em prol do incentivo à leitura. Todas as nossas edições (mais de 115 edições), estão disponíveis gratuitamente para os leitores baixarem e se você leitor(a) quer ajudar-nos nesse projeto, poderá doar uma quantia de qualquer valor.



PARA DOAR UMA QUANTIA DE QUALQUER VALOR: **CLIQUE AQUI**
OU ESCANEIE O QR CODE ABAIXO E ACESSE O PAYPAL:



PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO

➡ | CLIQUE AQUI |

ACESSE O NOSSO SITE E REDES SOCIAIS:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage 1 @conexaoliteratura // Instagram: @revistaconexaoliteratura

Fanpage 2 @conexaogramatica // Youtube: @conexaonerd